



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO
COMPORTAMENTO**

**COGNIÇÕES PARENTAIS: CRENÇAS, METAS E ESTRATÉGIAS DE
SOCIALIZAÇÃO DE MÃES PRIMÍPARAS**

Raimundo Arão Silva

**BELÉM-PARÁ
Março /2008**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO
COMPORTAMENTO**

**COGNIÇÕES PARENTAIS: CRENÇAS, METAS E ESTRATÉGIAS DE
SOCIALIZAÇÃO DE MÃES PRIMÍPARAS**

Raimundo Arão Silva

**BELÉM-PARÁ
Março /2008**

Raimundo Arão Silva

**COGNIÇÕES PARENTAIS: CRENÇAS, METAS E ESTRATÉGIAS DE
SOCIALIZAÇÃO DE MÃES PRIMÍPARAS**

**Dissertação de Mestrado apresentado ao Colegiado de Pós-
Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, como
requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre.
Área de Concentração: Ecoetologia Humana**

Prof^a Dr^a Celina Maria Colino Magalhães

Orientadora

**BELÉM-PARÁ
Março /2008**



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa Do Comportamento

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Cognições parentais: crenças, metas e estratégias de socialização
de mães primíparas**

Candidato: RAIMUNDO ARÃO SILVA

Data da Defesa: 01 de abril de 2008

Resultado:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Celina Maria Colino Magalhães - Universidade Federal doPará – (Orientadora)

Prof. Dr. Mauro Luiz Vieira – Universidade Federal de Santa Catarina - (Membro)

Prof^a. Dr^a. Simone Souza da Costa Silva - Universidade Federal doPará – (Membro)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA, Belém-PA)

Silva, Raimundo Arão

Cognição parentais: crenças, metas e estratégias de socialização de mães primíparas / Raimundo Arão Silva; orientadora, Celina Maria Colino Magalhães. - Belém, 2008

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria de Pesquisa do Comportamento, Belém, 2008.

1. Mãe e filhos. 2. Crianças - Cuidados e tratamento. 3. Crianças - Desenvolvimento. 4. Socialização. I. Título.

CDD - 22. ed. 158.24

Dedicatória

Dedico este trabalho a DEUS,

- por estar ao meu lado em todos os momentos, mesmo quando eu não reconhecia a sua presença;
- por me permitir fazer planos, e por ter feito com que os planos se realizassem de modo mais completo e perfeito do que eu havia planejado;
- por me permitir parar quando não conseguia mais andar, e por ter me dado forças para retomar a caminhada logo após cada parada;
- por me permitir cair, e me ajudar a levantar;
- por me permitir fazer pedidos, e por ter atendido a todos os meus pedidos sinceros mostrando-me que mesmo quando eu acreditei que não tinha onde ir haviam caminhos se abrindo;
- por colocar as pessoas certas em meu caminho, e por ter permitido que eu me mantivesse perto delas;

Dedico a minha mãe,

- por ter cedido as minhas pressões, quando eu dizia que queria morar na cidade para estudar, mesmo sem saber como era a cidade ou a escola;
- por ter me dado todo o suporte que podia, e por continuar a fazer isso até hoje;

Dedico a memória de meu pai,

- que há 26 anos foi convidado a partir para a Outra Vida, mas continua presente entre nós.

Agradecimentos

À Deus, por estar presente em todos os momentos de minha jornada rumo ao alcance desta meta;

À Prof^ª. Dr^ª. Celina, por ter me conquistado como admirador (enquanto pessoa e profissional) desde a graduação, por me aceitar como aluno de mestrado e por todas as contribuições para minha formação;

À Doutoranda Lilia Cavalcante, pela co-orientação durante a fase de elaboração do projeto;

Às Professoras Doutoras Juliana Porto, Marilice Garotti e a Doutoranda Leila Assef, pelas contribuições no exame de qualificação do projeto que deu origem a esta dissertação;

À Prof^ª. Dr^ª. Hilma Khoury, pela inestimável contribuição com as aulas sobre o SPSS.

Aos Professores Doutores Wiliam Lee Martin e Mauro Luis Vieira, pelo auxílio no tratamento dos dados;

À Allyne Lobo, João Paulo de Aquino, Marina Botelho e Leandro de Jesus, por terem renunciado a tantas horas de lazer e de convívio com seus familiares e amigos para me auxiliarem na coleta e análise dos dados aqui apresentados;

Aos Amigos da CMOC/CTBel, em especial a **Deuza, Robson, Jean e Gerson**, que muitas vezes “seguraram” enquanto eu me dedicava a este trabalho;

Aos amigos da Psicologia: Mariene Casseb, Michele Malcher, Wandria Mescoutto, Laiane, Dani Reis, Sarah Dani, Lívia Arrelias, Leandro, Victor, Tamires Maués, Alane Cruz, Irani, Celi Bahia, e todos.

Especial a todas **as mães que participaram da pesquisa;**

À Silvia (Su), pela companhia e pelo apoio, incentivo e carinho;

À minha Mãe, ao Isaías e toda minha família, que são a minha base de apoio.

Silva, Raimundo Arão. Cognições parentais: crenças, metas e estratégias de socialização de mães primíparas. Belém, 2008, p. 141. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Resumo

A literatura sobre cognições parentais tem indicado que mães de diferentes contextos e com diferenças no nível de escolaridade tendem a diferir quanto a valorização de metas de socialização: as mães de culturas ocidentais e centros urbanos enfatizam metas de *automaximização* relacionadas, enquanto as mães de culturas não ocidentais enfatizam metas de *bom comportamento*. A literatura também tem indicado que as mães brasileiras apresentam-se heterogêneas em relação a ênfase dada sobre as categorias de metas de socialização. O presente estudo se baseou nessa literatura e teve como objetivo investigar as cognições parentais em mães de dois contextos diferentes. A amostra foi formada por 100 mães primíparas, sendo 50 de contexto urbano e 50 de contexto não-urbano. As participantes responderam ao Questionário de Crenças sobre práticas maternas e a Entrevista sobre Metas de Socialização. Os dados foram analisados de acordo com as categorias propostas pelos autores dos instrumentos. Os resultados indicaram que as mães dos dois contextos diferiram quanto a idade, escolaridade, valor dos escores na avaliação de práticas e níveis de fluência verbal nas respostas relacionadas as metas e estratégias de socialização. O nível de escolaridade materna correlacionou-se positivamente com a idade, com os escores da avaliação das práticas e com a fluência verbal. Foi verificado que as mães dos dois contextos assemelham-se quanto ao nível de importância atribuído a algumas práticas, mas diferenciam-se em relação a outras e que apresentam a mesma ordem de valorização das dimensões de crenças. Também foram identificadas diferenças significativas na ênfase sobre as metas de *automaximização* e de *bom comportamento* e nas dimensões individualista e sociocêntrica. Em relação as estratégias de socialização foi verificado que as mães do dois contextos deram maior ênfase sobre as estratégias centradas no contexto, sendo que as mães de contexto urbano se destacaram nesta ênfase. Os resultados encontrados corroboram dados da literatura nacional que tem indicado que as mães de Belém enfatizam idênticamente as categorias de *automaximização* e *bom comportamento*, indicando uma inclinação para um modelo autônomo-relacional. Estes resultados contribuem para a ampliação da compreensão das cognições de mães brasileiras e para fortalecer as evidências dos efeitos do contexto e da escolaridade sobre as cognições parentais.

Palavras-chave: cognições parentais, crenças, metas e estratégias de socialização.

Silva, Raimundo Arão. Parental Cognitions: Beliefs, goals and socialization strategies of primiparous mother. Belém, 2008, p. 141. Master' Degree Dissertation, Federal University of Pará, Post-graduation Program in Theory and Behavior Research.

Abstract

The literature about parental cognitions has been indicating that mothers of different contexts and with differences in the education level tend to differ as the valorization of socialization goals: the mothers from countries western and urban centers emphasize goals of related selfmaximization, while the mothers of cultures no western tend to emphasize goals of proper demeanor. The literature has also been indicating that the Brazilian mothers tend to be heterogeneous regarding emphasis given on the categories of socialization goals. The present study was based on that literature and had as objective investigates the parental cognitions in mothers from two different contexts. The sample was formed by 100 mothers primiparous, being 50 from urban context and 50 from no-urban context. The participants answered the Questionnaire of Beliefs about maternal practices and the Interview on Goals Socialization. The data were analyzed in agreement with the categories proposed by the authors of the instruments. The results indicated that the mothers from two contexts differed in the age, education level, value of the scores in the evaluation of practices and levels of verbal fluency in the regarding answers the goals and socialization strategies. The level of maternal education was correlated positively with the age, with the scores of the evaluation of the practices and with the verbal fluency. It was verified that the mothers of the two contexts resemble each other as for the level of importance attributed the some practices, but they differ in relation to other and that they present the same order of valorization of the dimensions of beliefs. They were also identified significant differences in the emphasis on the selfmaximization goals and of proper demeanor and in the dimensions individualist and sociocentric. In relationship the socialization strategies were verified that the mothers from two contexts gave larger emphasis on the strategies centered in the context, and the mothers of urban context stood out in this emphasis. Some of the hypotheses of the study were confirmed. The found results corroborate data of the national literature that has indicated that the mothers from Belém emphasize the selfmaximization categories and proper demeanor identically, suggesting an inclination for a autonomous relational model. These results contribute to the enlargement of the understanding of the Brazilian mothers' cognitions and to strengthen the evidence of the effects of the context and of the education about the parental cognitions.

Keywords: parental cognitions, beliefs, goals and socialization strategies.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Cognição Parental, Crenças e Metas e Estratégias de Socialização	4
Cultura e Parentagem.....	10
Estudos Empíricos sobre crenças Parentais.....	16
Urbano x não-urbano.....	54
Objetivos	
Objetivos gerais	61
Objetivos específicos	61
Método	
Participantes	63
Ambiente físico	63
Descrição dos Contextos Estudados.....	64
A cidade de Belém.....	64
Santa Bárbara do Pará.....	66
Instrumentos e Materiais	68
Procedimento	69
Fase 1 - Aprovação do projeto pelo comitê de Ética.....	69
Fase 2 - Treinamento de discentes	70
Fase 3 - Seleção da Amostra.....	70
Fase 4 - Coleta de dados	71
Fase 5 - Análise de dados	74
Resultados e Discussão	
Dados Sociodemográficos	87
Crenças sobre práticas	92
Metas de Socialização	112

Estratégias de Socialização	122
Crenças vs. Metas vs. Estratégias.....	125
Considerações Finais.....	127
Referências	133
Anexos.....	141
- Anexo 01: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
- Anexo 02: Questionário de Crenças sobre Práticas Maternas	
- Anexo 03: Entrevista de Metas de Socialização	
- Anexo 04: Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Localização geográfica dos Municípios de Belém e Santa Bárbara	68
Figura 02: Síntese dos passos do procedimento	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Demonstrativo da Frequência de mães por Idade nos dois contextos	87
Gráfico 02: Frequência de Crianças por faixa etária nos dois Contextos	88
Gráfico 03: Demonstrativo da Escolaridade das Mães por contexto	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Síntese dos dados demográficos de Belém e de Santa Bárbara	67
Quadro 02: Demonstrativo da inversão dos valores dos escores atribuídos aos itens do Questionário de Crenças sobre práticas	76
Quadro 03: Médias, desvios padrões e resultados do teste <i>t</i> para as dimensões de crenças.....	92
Quadro 04: Correlação entre as dimensões Estimulação e Apresentação e as variáveis sociodemográficas	95
Quadro 05: Assertivas agrupadas em torno da Dimensão Estimulação, por ordem de valorização em cada contexto com as respectivas médias e desvios padrões	97
Quadro 06: Assertivas agrupadas em torno da Dimensão Apresentação, por ordem de valorização em cada contexto com respectivas médias e desvios padrões	101
Quadro 07: Assertivas agrupadas em torno da Dimensão Responsividade e Vínculo por ordem de valorização em cada contexto com as respectivas médias e desvios padrões	104
Quadro 08: Comparação entre os escores médios das mães dos dois contextos para as assertivas agrupadas em torno da Dimensão Estimulação.....	107
Quadro 09: Comparações entre os escores médios das mães dos dois contextos para as assertivas da dimensão apresentação.....	108
Quadro 10: Comparações entre as médias dos escores das mães dos dois contextos para as práticas das dimensão Responsividade e Vínculo.....	110
Quadro 11: Somatória, Média, Desvio Padrão e resultados da comparação as médias (teste <i>t</i>) de metas de socialização pelas mães dos dois contextos.....	112

Quadro 12: Médias, desvios padrões e resultados de teste t para as categorias de metas de socialização das mães dos dois contextos.....	113
Quadro 13: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados das comparações entre as médias das dimensões das metas de socialização das mães dos dois contextos.....	118
Quadro 14: Correlação entre as variáveis sociodemográficas e as categorias de metas.....	119
Quadro: 15: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados de teste t para as subcategorias de Metas nos dois contextos.....	119
Quadro 16: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados da comparação entre as médias de estratégias das mães dos dois contextos.....	122
Quadro 17: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados das comparações entre as frequências médias de estratégias de socialização das mães dos dois contextos.....	122
Quadro 18: Correlações entre crenças sobre práticas e metas e estratégias de socialização.....	125

O modo como os pais cuidam de suas crianças sofreu alterações significativas no decorrer da história da humanidade, evidenciando-se especificamente, na história da civilização ocidental. Em seu livro *História Social da Família e da Infância*, Philippe Aries (1973), apresenta de modo bastante detalhado as formas de pensar e lidar com as crianças em diferentes épocas, esta obra pode ser considerada como uma importante contribuição para o avanço nas investigações sobre desenvolvimento infantil. Muitos pensadores e pesquisadores têm se ocupado do estudo do desenvolvimento infantil, o que produziu e continua a produzir contribuições importantes para a compreensão do fenômeno sob diversas perspectivas teórico-filosóficas.

A partir de contribuições oriundas da Antropologia Cultural e da Psicologia do Desenvolvimento, Sara Harkness e Charles Super (1999) cunharam a noção de Nicho de Desenvolvimento, tomando como referência o fato de que a Antropologia estuda o adulto já socializado, integrado ao seu contexto ou nicho cultural e que a Psicologia do Desenvolvimento dedica-se ao estudo da aquisição de habilidades e dos processos de socialização dando pouca ênfase aos aspectos culturais mais amplos envolvidos nesses processos. Por sua vez, a noção de Nicho de Desenvolvimento seria, então, um meio para verificar interações entre a Psicologia e a Antropologia, de modo que processo de desenvolvimento infantil passaria a ser estudado considerando-se todo um conjunto de variáveis contidas no contexto sócio-cultural que a criança está inserida.

O conceito ou noção de Nicho de Desenvolvimento envolve três componentes básicos, a saber: (a) o ambiente físico e social onde a criança vive, considerando o ambiente em seus aspectos micro (como o grupo familiar, grupos ligados a movimentos religiosos e políticos) e macro (como o contexto cultural amplo da comunidade local); (b) as práticas de cuidado e educação de crianças que são utilizadas pelos pais e cuidadores de determinada cultura, as quais são prescritas socialmente e (c) as crenças e valores dos cuidadores de

crianças, suas concepções de infância, desenvolvimento e educação, as quais podem ser ditadas pela cultura do grupo ao qual pertencem. Este último elemento do nicho de desenvolvimento situa-se no campo das etnoteorias parentais.

Para Harkness e Super (1996) a importância da discussão acerca do papel desempenhado pelo nicho de desenvolvimento, com cada um de seus elementos, encontra-se no fato de que as etnoteorias parentais, se desenvolvem e se organizam com base no contexto cultural e social. Etnoteorias parentais são compreendidas como crenças e valores sobre o desenvolvimento da criança e podem interferir no processo de desenvolvimento infantil. Os conhecimentos produzidos nessa área podem ser úteis para auxiliar profissionais que lidam com crianças como professores, psicólogos e pediatras na interação com os pais e cuidadores de crianças pequenas.

Partindo do pressuposto de que o contexto sócio-cultural no qual os sujeitos estão inseridos se constitui em importante fonte de informações que podem variar significativamente de um grupo cultural para outro e entre diferentes épocas na mesma sociedade, torna-se essencial a compreensão desse contexto como fonte de subsídios para formação de crenças e valores.

De fato, considerando que o modo de pensar o mundo é organizado a partir do contexto sócio-cultural no qual os sujeitos estão inseridos, é possível reconhecer que as pessoas relacionam-se com o mundo conforme as crenças e expectativas que têm acerca do mesmo e que desse modo transformam-no e são transformadas por ele. No que se refere às relações dos pais com suas crianças podemos tomar o mesmo tipo de raciocínio, pois, acredita-se que as crianças são tratadas pelos seus genitores de acordo com aquilo que estes acreditam ser apropriado para elas em sua fase de desenvolvimento atual e as crenças dos pais tendem a se modificar com o crescimento dos filhos.

Desse modo as cognições parentais, no sentido utilizado por Ribas (2002) como “um amplo conjunto de produtos (por exemplo: crenças, valores, estereótipos, expectativas) e processos psicológicos (por exemplo: atribuição de causalidade, autopercepção, julgamento), relacionados ao desenvolvimento humano, à maternidade e à paternidade” (p.30), podem ser consideradas como variáveis relevantes para o processo de desenvolvimento/socialização de crianças.

Sob esse ponto de vista, as metas de socialização, compreendidas como valores relacionados a comportamento desejados e estados finais a serem alcançados, que cada pai/mãe estabelece para seu filho ou filha, juntamente com as crenças acerca de que modos são adequados para o cuidado, têm um papel importante no sentido de serem direcionadoras ou definidores dos comportamentos dos genitores em relação as crianças. Estes comportamentos maternos podem ser chamados de estratégias de Socialização, entendidas como uso dos meios disponíveis e/ou condições favoráveis, bem como a adoção de comportamentos específicos com a criança, tendo em vista o alcance de padrões de comportamentos ou estados finais desejados e/ou a evitação de comportamentos ou estados finais indesejados. Esse conjunto de elementos em interação poderão conseqüentemente ter influências na direção, tempo e qualidade do desenvolvimento infantil. Daí a importância da compreensão do contexto e seus elementos, bem como das cognições parentais e práticas de cuidado como elementos essenciais para uma melhor análise e compreensão do desenvolvimento infantil e de sua inter-relação com seus fatores desencadeantes.

Um ponto inicial para fortalecer o argumento é delimitarmos melhor que termos foram utilizados neste estudo para referir ao que os pais pensam, sabem ou acreditam em termos de comportamentos de parentagem, metas desejadas e de cuidado adequados para o alcance das metas.

Cognição Parental, Crenças e Metas e Estratégias de Socialização.

Muitos estudiosos têm se dedicado a investigação da Psicologia Parental (ver Miller, 1988 e Goodnow, 1988). De acordo com Ribas (2002), a partir dos anos 60 com o fortalecimento da perspectiva cognitivista os sujeitos das investigações, adultos e crianças, passaram a ser concebidos como processadores ativos de informação, além disso, processos e produtos psicológicos, com atitudes, crenças, valores, atribuições e representações, entre outros, que haviam sido ignorados ou descartados devido à adoção de outras perspectivas, voltaram a ser alvo de atenção nas pesquisas psicológicas. Também como consequência desse fortalecimento, segundo o autor, passou-se a considerar que as formas como os pais cuidam de seus filhos é, pelo menos em parte, consequência de como os pais concebem seus filhos, as crianças de maneira geral, o desenvolvimento infantil e a própria tarefa de criar filhos.

Autores como Miller (1988) e Goodnow (1988) publicaram, no periódico *Child Development*, importantes revisões de literatura sobre o tema da Psicologia Parental. O artigo de Miller (1988) teve como objetivo principal revisar o rápido crescimento da literatura sobre crenças parentais e seus efeitos, restringindo o alcance de sua revisão a tipos específicos de publicações, desse modo foram incluídos apenas os artigos que (a) estudaram pais e não adultos em geral; (b) focaram sobre as crenças dos pais sobre a realidade e não sobre concepções de desejabilidade (excluindo estudos de aspirações e valores parentais); (c) se dirigiram a crenças acerca do desenvolvimento cognitivo; e (d) foram publicados em idioma inglês. O autor optou pelo uso do termo *crenças*, focando sobre concepções de realidade, excluindo valores ou metas, mas ampliando o escopo do termo ao máximo, dirigindo-o a todo tipo de crenças que os pais possam formar acerca do desenvolvimento cognitivo das crianças, incluindo o que literatura tem chamado de “esquemas”, “atribuições”, “idéias”, “julgamentos”, “concepções” ou “cognições”.

Os dados encontrados na revisão de Miller (1988), enfatizavam a existência de quatro questões gerais na condução das pesquisas sobre crenças parentais. A primeira refere-se a natureza das crenças, ou seja, o que os pais pensam sobre as crianças; a segunda se relaciona as origens das crenças, de onde vem as idéias dos pais sobre as crianças; a terceira está ligada a relação entre crenças e comportamentos, a forma como as crenças dos pais sobre as habilidades das crianças afeta o modo como eles se comportam em relação a estas; e finalmente a quarta se refere a relação entre as crenças dos pais e o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Goodnow (1988), partiu da sugestão feita por revisões anteriores (inclusive Miller, 1988) de que os investigadores do desenvolvimento devem voltar sua atenção para a Psicologia Social com a finalidade de enriquecer um campo relativamente atóxico e prover novos métodos e direções de pesquisa, expandindo os limites de sua discussão para outras questões que também são básicas para a pesquisa sobre idéias parentais, como a probabilidade de mudança ou desenvolvimento das idéias dos pais, as fontes das idéias (autoconstruções ou roteiros culturais), ligações entre idéias e ações, as ligações entre idéias e sentimentos e as conexões entre as idéias dos pais e os resultados no desenvolvimento das crianças. A autora considera a necessidade de adoção de um ‘termo guarda-chuva’ para englobar o que, segundo ela, é chamado “estado interno” pelos autores da área da Psicologia Social, e afirma que esse “estado interno” pode envolver ‘uma atitude’, ‘uma crença’, ‘uma atribuição’, ‘uma inferência sobre seu próprio estado psicológico’, tal como dor ou fome.

A autora reconhece que nas pesquisas sobre a Psicologia dos pais o termo ‘crenças’ ou ‘sistema de crenças’ tem sido mais amplamente proposto e utilizado pelos investigadores, entretanto ela opta pela utilização do termo ‘idéias’ justificando sua opção com o fato deste termo (a) evitar a conotação de convicção presente no termo crença, (b) apresentar uma melhor adequação a gama de material que tem sido coberto nos estudos da forma como os

pais pensam sobre a parentagem e (c) não conter compromisso para alguma distinção particular entre as visões que os pais sustentam.

A opção explícita por “crenças” e “idéias” feita pelos dois autores, Miller (1988) e Harwood (1988), respectivamente fornece importantes indícios de que os estudiosos da área de desenvolvimento que se ocupam da investigação da Psicologia dos Pais e das relações existentes entre esta e o desenvolvimento infantil têm demonstrado pouco consenso no tocante aos termos utilizados para referir-se ao que os pais pensam a respeito de suas crianças e seu processo de desenvolvimento. Segundo Ribas (2002), esta ausência de consenso é explicitada de forma clara na segunda edição do “*Parental Belief System: psychological consequences for children*” de Sigel, McGillicudd-DeLisi e Harwood (1992), considerando que o título principal do livro faz referencia a crenças e que em seu conteúdo estão presentes capítulos abordando temas como metas, cognições, idéias, crenças, representações, pensamentos e orientações parentais.

Os organizadores do livro também chamam a atenção para a diversidade de construtos usados pelos autores dos capítulos da seguinte forma:

“No one term is accepted by all of the writers. Some refer to beliefs, others to thoughts, constructs, theories, ideas, and attributions. Still others refer to perceptions and goal”. (Sigel, McGillicudd-DeLisi & Harwood, 1992, p xiii).

Por considerarem a necessidade de um termo que seja capaz de abarcar pelo menos a maioria dos significados com que são empregados todos esses construtos Sigel et al (1992) adotam o uso de “cognições parentais” como um termo mais genérico.

Em revisão mais recente de artigos publicados a partir de 1985 McGillicudd-DeLisi e Sigel (1995), relataram que termos como crenças, percepções, idéias, atribuições, atitudes, valores, expectativas e conhecimento têm sido utilizados indistintamente por pesquisadores

para fazer referencia a cognição dos adultos, deixando claro que as distinções entre construtos como crenças, atitudes e valores, que já estão estabelecidas na literatura psicológica, vem sendo ignoradas pelos pesquisadores que utilizam definições sem o cuidado conceitual necessário e, até mesmo, termos sem a devida definição.

Em seu projeto de tese de doutorado, Ribas (2002), assume posição favorável ao uso do termo “cognições parentais” proposto por Sigel, McGillicudd-DeLisi & Harwood, (1992), concordando com os autores citados acerca da adequação e abrangência do termo para incluir toda a variedade de construtos que vem sendo usados na literatura. Ribas (2002) faz também uma extensa revisão conceitual abrangendo os principais termos que vem sendo utilizados nas pesquisas sobre a psicologia dos pais, como crenças, estereótipos e preconceitos, atitude e valores e sugere que uma maior integração teórica entre as áreas de investigação como as Psicologia Social, do Desenvolvimento e Cognitiva poderá contribuir para um melhor entendimento dos conceitos considerados centrais e, conseqüentemente uma melhor compreensão das cognições parentais. Considerando que o presente estudo se deteve na investigação apenas de crenças sobre práticas e de metas e estratégias de socialização, aqui serão apresentados aspectos da discussão relacionada apenas a crenças que, como será visto adiante, englobam também as metas de socialização.

Ribas (2002), destaca que crenças podem ser entendidas como os mais diversos tipos de proposições simples acerca da relação entre duas coisas ou entre uma coisa e uma de suas características. De acordo com este autor as crenças podem ser endossadas ou não pelas pessoas, podem ser conscientes ou inconscientes, podem ser inferidas do que as pessoas falam ou fazem, podem ser adquiridas pela experiência direta ou de forma indireta e podem ser endossadas segundo diferentes graus de convicção.

Segundo Rokeach (1968;1973), há pelo menos três tipos básicos de crenças: 1) as *crenças descritivas*, que estabelecem relação entre duas coisas, ou entre uma coisa e uma de

suas características; 2) as *crenças avaliativas*, que avaliam os objetos ou fatos em termos de serem bons ou ruins; e 3) as *crenças prescritivas*, que estabelecem como desejável ou indesejável um certo modo de agir ou estado final a ser alcançado. De acordo com este autor todas as crenças são formadas por três componentes básicos que podem se manifestar em níveis variados. O primeiro componente das crenças é *cognitivo*, visto que as crenças se referem a conhecimentos avaliados como verdadeiros ou falsos com variados graus de convicção; o segundo componente é *afetivo*, pois quando crenças são mobilizadas evocam afetos de diferentes intensidades e, finalmente, o terceiro componente das crenças que é *comportamental*, considerando que as crenças podem predispor a respostas variadas.

Valores, por outro lado, são definidos por Rokeach (1968), como “uma crença duradoura de que um modo específico de conduta ou estado final de existência é pessoal e socialmente preferível a modos alternativos de conduta ou estados finais de existência”. De acordo com Rokeach (1973) os valores podem ser classificados em: *instrumentais*, que se referem as formas de conduta desejáveis, e *terminais*, que se referem a estados finais de existência a ser alcançados. Os valores terminais quando classificados de acordo com o foco subdividem-se em pessoais (como por exemplo paz de espírito) e sociais (por exemplo paz entre as nações), os valores instrumentais quando classificados pelo foco subdividem-se em intrapessoal e interpessoal. Depreende-se que os valores referem-se as crenças prescritivas

Ribas (2002) destaca também a posição de Schwartz & Bilsky (1987;1990) que propõem que em uma definição de conceitual deve-se considerar que valores (a) são conceitos ou crenças; (b) referem-se a comportamentos ou estados desejáveis; (c) transcendem situações específicas; (d) guiam a seleção ou avaliação de comportamento e eventos; e (e) são organizados de acordo com a importância relativa.

Ao verificar que crenças se relacionam com conceitos como estereótipos, atitudes e valores Ribas (2002) conclui que “crenças” é um conceito central para a Psicologia.

Considerando o que foi exposto até agora referente as crenças e valores, pode-se concluir que crenças como um conceito amplo engloba o conceito de valores, entendido modos de conduta e estados finais desejados ou indesejados (crenças prescritivas), contém também as metas de socialização, visto que as metas são definidas como representações internas de estados finais desejados. As metas referem-se, portanto a representação/descrição tanto a valores terminais quanto instrumentais.

No presente estudo os termos crenças e metas foram entendidos e utilizados como conceitos incluídos dentro do conceito mais amplo de crenças parentais no sentido descrito por Ribas (2002), como “um amplo conjunto de produtos (por exemplo: crenças, valores, estereótipos, expectativas) e processos psicológicos (por exemplo: atribuição de causalidade, autopercepção, julgamento), relacionados ao desenvolvimento humano, à maternidade e à paternidade” p. 30. Optou-se pelo uso do termo crenças parentais, neste sentido, por considerá-lo mais apropriado para dar conta da compreensão das crenças, metas e estratégias de socialização, bem como do amplo conjunto de modos de pensar dos pais acerca de suas crianças e seu processo de desenvolvimento.

O termo “crenças sobre práticas” foi utilizado para descrever as proposições ou interpretações das mães acerca da importância de determinadas práticas de cuidado com suas crianças. O termo “metas de socialização” foi utilizado para descrever os comportamentos ou estados desejados pelas mães para as suas crianças quando estas se tornarem adultas. O termo “estratégias de socialização” foi utilizado para descrever o uso dos meios disponíveis e/ou condições favoráveis e os comportamentos maternos descritos pelas mães como necessários para o alcance das metas de socialização por elas descritas.

Cultura e Parentagem

Conforme mencionado anteriormente, o modo como as crianças são vistas e tratadas pode ser bastante diferenciado em determinado grupo social considerando seus diferentes momentos históricos. Essas diferenças também são bastante evidentes quando considera grupos culturais distintos. Certamente o modo como uma criança inserida em um contexto urbano tecnológico se desenvolve difere significativamente do modo como se processa o desenvolvimento de uma criança da mesma idade em uma sociedade não urbana e que apresenta menor avanço tecnológico. A disponibilidade de recursos tecnológicos e a possibilidade de aprendizado em diferentes áreas de conhecimento são fatores importantes na determinação do que pode ser feito em termos de investimento em cuidado e formação para as crianças, bem como na definição das expectativas que se tem acerca de seu desenvolvimento físico, social, intelectual e profissional.

Keller (1998) apresenta duas trajetórias ontogenéticas que configuram dois diferentes modos de investimento parental, um modelo ocidental e urbano e outro não-ocidental, não-urbano. O padrão ocidental, essencialmente urbano, caracteriza-se por períodos mais curtos de amamentação (1 a 3 meses), por períodos reduzidos em que o bebê é carregado no colo e reduzido contato físico, pois o bebê passa a maior parte do tempo em berços e/ou em carrinhos, os cuidados extras são geralmente realizados por pessoas pagas para esse fim (babás, baby sitter e creches). O cuidado emocional disponibilizado promove a independência precoce e envolve curtos períodos de interação face-a-face da criança com outras pessoas.

O padrão não-ocidental, não-urbano, de investimento parental por outro lado, é marcado por longos períodos de amamentação (2 a 4 anos), e o bebê é carregado a maior parte do tempo durante seus primeiros anos. O contato corporal se dá durante o dia e a noite (nas costas, frente ou quadril da mãe), as crianças dormem com os adultos e os cuidados extras são oferecidos as crianças por outros parentes e irmãos da criança. O cuidado emocional apóia

uma longa simbiose com mãe e se caracteriza por longos períodos de cuidado que ocorrem conjuntamente com outras atividades do adulto, há prolongado contato e comunicação corporal.

Esses padrões de investimento parental fornecem subsídios para compreensão das metas de socialização. No primeiro, representado pelas culturas ocidentais tipicamente urbanas, a meta tende a ser uma autonomia precoce, no segundo, representado pelas culturas não-ocidentais (não urbanas) a meta tende a ser o estabelecimento de inter-relações com vínculos mais estreitos, ou seja, a interdependência.

Em trabalho mais recente Keller (2007), discute uma concepção de cultura que implica em processos interativos entre a criação de atividades partilhadas, importantes para as práticas culturais, e de significados partilhados, importantes para as interpretações culturais, onde as atividades partilhadas (práticas culturais) constituem o lado material da cultura e os significados partilhados (interpretações culturais) constituem o lado simbólico, a interpretação e avaliação do mundo. A autora considera que as diferenças culturais são variações em termos de importância universal e da ênfase diferencial dadas a práticas particulares, e que o desenvolvimento consiste da construção e co-construção de conteúdos culturais dentro da rede de predisposições biológicas. Desse modo, o desenvolvimento e a cultura representam processo de mudança histórica e ontogenética.

Com base nestas concepções, a autora propõe o “Modelo Ecocultural de Desenvolvimento Infantil”, onde: a *estrutura do ambiente físico* serve como base para o desenvolvimento dos parâmetros populacionais de densidade demográfica, e a fertilidade e a mortalidade funcionam como unidade; e a *estrutura socioeconômica*, incluindo a base econômica da família e padrões sociais, define a estrutura para as estratégias de socialização que consistem de idéias e práticas que influenciam diretamente o desenvolvimento das crianças e, portanto, a psicologia dos adultos.

Para Keller (2007), estas diferenças relacionados a valorização de dois padrões extremos entre os centros urbanos e ambientes rurais, referem-se ao fato de que ambos geram dois tipos de psicologias extremamente diferentes, ou seja, a construção de dois tipos diferentes de *self*. Nos contextos não urbanos há uma tendência para desenvolvimento de um *self* mais voltado a construção de vínculos interpessoais estreitos como um aspecto de interdependência, enquanto em contextos urbanos, por outro lado, encontra-se uma tendência para a construção de um *self* voltado para relações mais abertas (distantes/separadas) como um aspecto de independência.

Fundamentada em um conjunto de dados provenientes de pesquisas empíricas Keller (2007), propõe a existência de um componente de Modelo de Parentagem constituído de um repertório universal de sistemas de parentagem evoluídos filogeneticamente e que são moldados individualmente por mecanismos interacionais. Os sistemas de parentagem são: cuidado primário, contato corporal, estimulação corporal, estimulação por objetos, trocas face-a-face e envelope narrativo (narrative envelope), definidos com base em comportamentos específicos e são considerados como sistemas funcionalmente relacionados entre si. Os mecanismos interacionais formam o modo e o estilo de cada um desses comportamentos, consistindo basicamente do modo de atenção (exclusiva ou partilhada), contingência em termos de prontidão de reatividade e abertura emocional. Os mecanismos interacionais podem ainda ser dirigidos a sinais de comunicação positivos ou negativos em diferentes sistemas de parentagem, expressando as prioridades individuais e culturais. Sistemas de parentagem e mecanismos de interação são entendidos como independentes entre si, de modo que permitem combinações diversas. De acordo com a autora os sistemas de parentagem podem ocorrer em múltiplas combinações e os mecanismos interacionais são efetivos em todos os sistemas parentais, embora isso não signifique que os vários sistemas não promovam mecanismos diferentes.

Destacam-se aqui, resumidamente, as características e funções psicológicas de cada sistema de parentagem apontado por Keller (2007):

1) *Cuidado Primário*, refere-se a promoção do cuidado da criança em termos de alimentação, proteção/abrigo e higiene, caracteriza um certo esforço parental e representa o elemento filogenético mais antigo do Modelo de Parentagem, sua função psicológica está associada a redução da tensão/aflição tanto que inicia estados comportamentais positivos;

2) *Contato Corporal*, é constituído por contato corporal e cuidado extenso/amplo, ocorre de modo mais intenso em culturas onde as crianças são carregadas no corpo da mãe durante as atividades do cotidiano, tem como principal função psicológica o provimento, para a criança, da experiência de abertura emocional e coesão social que podem estar associadas com aceitação das normas e valores dos mais velhos;

3) *Estimulação Corporal*, é baseado na comunicação e a estimulação, ocorre por meio do provimento de experiências motoras pela mãe ou pai, para a criança, através de toques e movimentos, sua função psicológica consiste na intensificação da percepção corporal e conseqüentemente na descoberta pela criança de sua efetividade física em relação aos recursos do ambiente;

4) *Estimulação por Objetos*, é caracterizada por ligar a criança ao mundo impessoal dos objetos e ambiente físico em geral, sua função psicológica consiste em estimular o sistema cognitivo e ao mesmo tempo diminuir o engajamento da criança na dependência das relações sociais;

5) *Contato Face-a-face*, consiste de trocas face-a-face e é caracterizada pelo contato visual mútuo e na dedicação de tempo e atenção exclusivos para trocas comportamentais diáticas, sua função psicológica está relacionada ao desenvolvimento da percepção de contingências, da unicidade e auto-eficácia, a facilitação do desenvolvimento do diálogo verbal e promoção da capacidade de auto-reconhecimento pela criança; e

6) *Envelope Narrativo*, está baseado na linguagem enquanto ação discursiva servindo de ferramenta para a criança alcançar as noções de *self* culturalmente apropriadas, especialmente nos estilos narrativos maternos. A autora destaca que comportamentos relacionados aos sistemas de parentagem tem sido documentados em crianças jovens e pais e não-pais de ambos os sexos.

De acordo com Keller (2007), os sistemas de parentagem juntamente com os mecanismos interacionais podem ser considerados como descritores exaustivos da matriz experiencial da criança durante os primeiros meses de vida. Ambos representam contextos de investimento parental que diferem em relação a energia, tempo, atenção e tom emocional que são dedicados a criança. A autora sinaliza que os elementos do modelo de parentagem (sistemas de parentagem e mecanismos interacionais) são importantes para possibilitar a análise funcional da base evolucionária dos comportamentos de parentagem.

Pode-se afirmar que os sistemas de parentagem, pelo menos a maioria, podem ser encontrados, em todas as culturas. O mais comum seria o de “cuidado primário”, enquanto alguns dos demais podem ser mais facilmente observados em determinados grupos culturais e de difícil observação em outras culturas com características distintas. Considere-se, por exemplo, os sistemas de “contato corporal” e de “estimulação por objetos”, ambos são apontados por Keller (2007), com base em evidências empíricas, como sendo ligados a contextos sócio-culturais com características peculiares. O primeiro é apontado como mais comum em algumas culturas africanas onde as crianças são carregadas junto ao corpo da mãe durante a execução das atividades do cotidiano, enquanto o segundo é indicado como mais freqüente nas culturais ocidentais urbanizadas e até mesmo em centros urbanos de países não ocidentais. Entretanto, este fato não indica a impossibilidade de coexistência de vários sistemas de parentagem, concomitantemente, nos mesmos contextos. Poder-se-ia falar, então,

em predominância de alguns sistemas de parentagem, em detrimento de outros, em determinados contextos.

Considerando esta associação dos sistemas de parentagem com contextos que estão ligados com o desenvolvimento de padrões de metas e *self* diferentes, pode-se inferir também uma relação mesmo que indireta entre os sistemas de parentagem e as crenças dos pais em relação aos filhos. Na próxima sessão estão apresentados estudos empíricos sobre crenças parentais relacionadas a variáveis sociodemográficas e diferentes contextos sócio-culturais.

Estudos Empíricos sobre crenças Parentais.

A literatura sobre crenças parentais cresce constantemente e como destacado por Krepnner (2000) tem aumentado o número de investigações da família como “nicho primário” de sobrevivência e socialização, a família é compreendida como transmissora de significado e cultura. Pesquisas sobre desenvolvimento infantil investigam as crenças dos pais e as relações existentes entre crenças e práticas de cuidado e educação, bem como as variáveis que influenciam as crenças dos pais em determinada direção.

Palácios e Moreno (1996) investigaram as idéias de pais sobre educação e desenvolvimento de crianças utilizando um questionário de 106 itens, aplicado a 139 casais com idades de 25 a 30 anos e com diferenças no nível de escolaridade, no número de filhos e local de residência. Os resultados indicaram a ocorrência de três categorias de pais: modernos (acreditam que as diferenças individuais resultam da interação entre fatores hereditários e ambientais e acreditam que influenciam seus filhos), tradicionais (revelam idéias inatistas e se acham incapazes de influenciar seus filhos, são a favor de práticas coercitivas e tem pouca predisposição para interações com seus filhos) e paradoxais (são ambientalistas, tem expectativas otimistas a respeito do desenvolvimento dos filhos, mas não interagem cedo com os mesmos).

Os autores destacam que a escolaridade dos genitores, é altamente correlacionada com o local de residência, tem uma forte contribuição na formação da crença dos pais sobre educação e desenvolvimento das crianças, indicando que a ocorrência de alguns tipos de pais esta associada a alguns tipos de contextos, ao nível de escolaridade e ao número de filhos. Os pais tradicionais geralmente têm baixo nível de escolaridade e grande dependência com um contexto cultural carregado de valores tradicionais que são fortemente representados nas áreas rurais. Os pais modernos, por sua vez, têm histórico longo de educação formal e muitos tem formação acadêmica e, com base nisso, eles desenvolvem seus modos de entender o

desenvolvimento e processos de criação e educação. Já aos pais paradoxais faltam tanto as profundas raízes tradicionais presentes nos contextos rurais quanto os anos e o tipo de escolaridade dos pais modernos, de modo que suas idéias parecem mais influenciadas pela sua própria experiência com suas crianças. Esses dados fornecem fortes inícios da influência do contexto sócio-cultural e da escolaridade sobre as crenças parentais.

Martin e Johnson (1992) investigaram a relação das crenças das mães sobre a competência e o desenvolvimento com as habilidades e competências apresentadas pelas crianças. O estudo contou com a participação de 53 mães de comunidades rurais e níveis de escolaridade diferenciados. As participantes responderam a um questionário com 30 itens sobre a natureza da criança e sobre como ela muda ao longo do tempo. Os resultados indicaram a existência de relação entre as crenças das mães sobre desenvolvimento e a percepção materna sobre competência infantil. Quanto maior a tendência das mães para perceberem as crianças como competentes, maior a habilidade para perceber os avanços no desenvolvimento de seus filhos. Estes resultados sugerem também uma relação da escolaridade materna com percepção que as mães têm acerca da criança e seu desenvolvimento. Quanto mais sofisticado o conhecimento das mães sobre as teorias de desenvolvimento e aprendizagem infantil maior a tendência para perceber a criança como mais competente.

Edwards, Gandini e Giovaninni (1996), estudaram a expectativa de pais e professores pré-escolares procurando determinar as diferenças entre as crenças de pais e professores. Participaram do estudo 240 adultos, pais/mães e professores, de duas comunidades diferentes, os quais responderam a um questionário de 38 itens distribuídos em sete categorias. Os resultados sugeriram que os pais são mais influenciados pelos modelos culturais de desenvolvimento de sua comunidade, de que os professores, pois os professores compartilham outros fundamentos internacionais sobre educação, paralelos ou equivalentes aos de seu grupo

cultural e tem muita experiência com crianças. Os autores concluem que o treinamento e a responsabilidade emergem como elemento mais forte das expectativas de desenvolvimento que a cultura, e destacam a importância da relação entre nível de escolaridade materna com as crenças.

Le Vine, Miller e Richman (1996) investigaram a relação entre escolaridade, crenças, práticas de cuidado e educação dos filhos e o modo como estas podem influenciar na comunicação que os pais estabelecem com eles. Fizeram parte da amostra 75 díades mãe-bebê mexicanas, de duas classes socioeconômicas diferentes, as mães tinham diferentes níveis de escolaridade e os bebês tinham idade entre 05 e 15 meses. Os dados foram coletados por meio de observação na residência dos participantes. Os autores descobriram que os modelos de habilidades comunicativas dos bebês tendem a variar de acordo com o grupo cultural e que a maioria das mães considera que os bebês são incapazes de se comunicar e por esta razão não costumam se engajar em diálogos com eles. Estes autores também destacam a existência de uma estreita relação entre escolaridade das mães e suas crenças sobre as habilidades comunicativas dos bebês, no sentido de que quanto maior a escolaridade da mãe maior a sua tendência a perceber o bebê como cognitivamente competente e para se engajar em episódios de diálogo com ele.

Harwood, Schöelmerich, Ventura-Cook, Schulze e Wilson (1996), realizaram dois estudos com o propósito de investigar as influências da cultura e da classe social sobre as crenças de mães Anglo-americanas e Porto-riquenhas a respeito de metas de socialização a longo prazo e comportamentos das crianças. No estudo 1 participaram do estudo 100 mães, com no mínimo 20 anos de idade e que tinham pelos menos um filho com idade entre 12 e 24 meses, divididas em cinco grupos de 20 participantes, de acordo com a origem e classe social, sendo três grupos de mães Porto-riquenhas (mães migrantes para os EUA, mães de classe baixa e de classe média que residiam em Porto Rico) e dois grupos de mães Anglo-americanas

(classe baixa e classe média). As participantes responderam as questões do Entrevista de Metas de Socialização (Socialization Goals Interview – SGI) que solicitavam a descrição das qualidades que (a) gostariam e (b) não gostariam que seu filho possuísse como adulto, e a descrição de uma criança que elas conhecessem que tivesse pelo menos o começo dessas qualidades (c) positivas e (d) negativas.

As respostas das mães foram classificadas em seis categorias mutuamente exclusivas como segue: a) *Automaximização*, refere-se a criança ser autoconfiante, independente e desenvolver seus talentos e habilidades como um indivíduo; b) *Autocontrole*, ou habilidade para controlar impulsos negativos relacionados a ganância, egocentrismo e agressão; d) *Emotividade*, preocupação com que a criança seja amigável, emocionalmente aberta e capaz de manter laços afetivos próximos com outras pessoas; d) *Expectativas Sociais*, ou habilidade para atender ao padrões básicos de expectativas sociais, como ser trabalhador, honesto e não usar drogas; e) *Bom Comportamento*, preocupação com que a criança seja respeitadora, obediente e aceita pelo comunidade; e f) *Outros*, contém todas as repostas não codificáveis nas categorias acima.

No estudo 2 participaram 40 mães, sendo 20 Anglo-americanas e 20 Porto-riquenhas, que foram selecionadas com os mesmos critérios das participantes do estudo 1 em relação a idade materna e idade e sexo das crianças. As mães do estudo 2 avaliaram sete declarações descrevendo comportamentos específicos de uma criança hipotética de 18 meses de idade que aguardava com sua mãe na sala de espera de um consultório médico respondendo as duas seguintes questões: a) Qual é a sua impressão do _____?; e b) Porque você gostaria ou porque não gostaria que sua criança se comportasse desse modo? A percepção das mães acerca da desejabilidade de cada comportamento foi avaliada por meio da pergunta: “Você gostaria que seu filho agisse desse modo na mesma situação?”, para a qual as participantes deram notas em uma escala de “absolutamente não” (1) a “absolutamente sim” (9). As

respostas das mães para os comportamentos específicos foram codificadas nas mesmas categorias usadas para o SGI, do estudo 1.

Os resultados do estudo 1 indicaram que nas quatro questões do SGI as participantes deram maior número de respostas codificáveis nas categorias *Automaximização* e *Bom Comportamento*. A categoria *Automaximização* foi mais freqüente nas respostas das mães Anglo-americanas enquanto, *Bom Comportamento* foi a categoria mais presente nas falas das mães Porto-riquenhas. Foram encontrados efeitos do *status* socioeconômico sobre o padrão de metas relatadas: as mães Anglo-americanas de classe média usaram com mais consistência o padrão *Automaximização*, enquanto as de classe baixa se dividiram entre os padrões de *Automaximização*, *Bom Comportamento* e *Expectativas Sociais*.

As mães Porto-riquenhas de classe média, comparadas as de classe baixa, deram maior número de respostas classificadas com *Automaximização*, enquanto as mães de classe baixa tenderam apresentar mais respostas na categoria *Bom Comportamento*. De acordo com os autores os resultados sugerem que as categorias *Automaximização* e *Bom Comportamento* são construtos culturais que são úteis para organizar as crenças de mães Anglo-americanas e Porto-riquenhas em relação a metas de socialização desejáveis e indesejáveis a longo prazo bem como em relação ao comportamento das crianças.

Os resultados do estudo 2 indicaram que os conceitos culturais de *Automaximização* e *Bom Comportamento* também influenciam na percepção das mães sobre a desejabilidade de comportamentos específicos das crianças. As mães anglo-americanas são mais prováveis de descrever os comportamentos específicos da criança em termos de *Automaximização* e consideram como mais positivos comportamentos como independência, coragem e exploração que demonstram aspectos chave desse padrão. As mães Porto-riquenhas, por outro lado, são mais prováveis de descrever os comportamentos específicos da criança em termos do construto de *Bom Comportamento* e consideram como mais positivos os comportamentos que

apresentam aspectos chave desse padrão como, por exemplo, ficar quieto, ser respeitoso e atencioso com os outros. As mães porto-riquenhas são mais prováveis de perceber o comportamento específico de ‘mostrar raiva’ como falta de *bom comportamento* enquanto as mães anglo-americanas são mais prováveis de ver o mesmo comportamento de ‘mostrar raiva’ como falta de *autocontrole*.

Os resultados dos dois estudos indicam que as crenças das mães Anglo-americanas e Porto-riquenhas sobre metas de socialização desejáveis e indesejáveis a longo prazo e sobre os comportamentos da criança são influenciadas amplamente por construtos culturais. As mães Anglo-americanas são mais prováveis de sustentar metas de socialização e avaliar o comportamento das crianças em termos do construto de automaximização, o que sugere uma tendência para um padrão individualista, enquanto as mães Porto-riquenhas apresentam esta tendência em direção ao construto de bom comportamento, indicando uma inclinação para um padrão mais sociocêntrico.

Estudando a modelação cultural na interação mãe-bebê em mães Porto-riquenhas e Anglo-americanas, Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez (1999) entrevistaram 40 mães, sendo 22 Anglo-americanas e 18 Porto-riquenhas, sobre as metas de socialização, utilizando as questões da Entrevista de Metas de Socialização (Socialization Goals Interview – SGI) apresentadas como segue: que qualidades (a) gostaria e (b) não gostaria que seu filho possuísse como adulto? e descreva uma criança que você conheça que tenha pelo menos o começo dessas qualidades (c) positivas e (d) negativas. As participantes responderam também questões sobre estratégias de criação, as questões solicitaram a cada mãe que descrevesse o que os pais podem fazer para ajudar as crianças a possuir as qualidades desejadas ou não possuir as qualidades não desejadas que elas mencionaram. Também foi verificada a coerência entre as crenças e práticas maternas por meio da comparação das crenças descritas

com os resultados das interações mãe-bebê em quatro situações cotidianas (alimentação, brincadeira social, ensino e brincadeira livre) registradas em vídeo.

As respostas das mães às questões do SGI foram codificadas utilizando as categorias dos estudos anteriores, a saber: a) automaximização, b) autocontrole, c) emotividade, d) expectativas sociais, e) bom comportamento e f) outros. As respostas para a questão sobre estratégias de criação foram classificadas em sete categorias como segue: 1) modelar o comportamento desejável; 2) prover oportunidade para a criança desenvolver a qualidade por si mesma; 3) prover um ambiente emocional que permita que a qualidade floresça; 4) elogiar a criança pelo comportamento desejável; 5) a criança aprende através de instrução direta dos pais; 6) a característica é inata ou congênita, assim a influência dos pais é insignificante; e 7) outros, as mães deram respostas ambíguas ou não-codificável. Os comportamentos das interações mãe-bebê foram classificados em comportamento verbal materno, comportamento não-verbal materno e comportamento da criança, também foram codificados os comportamentos específicos para cada situação.

Os resultados indicaram que no que se refere às metas de socialização, não foram encontradas diferenças significativas no número médio de descritores gerados pelas participantes dos dois grupos. Entretanto, devido ao número pequeno de respostas codificadas nos dois grupos, os autores agruparam as cinco categorias principais em três padrões como segue: 1) *automaximização/autocontrole*; 2) *expectativas sociais/bom comportamento*; e 3) *emotividade*. As mães anglo-americanas apresentaram um número de respostas significativamente maior dentro do padrão *automaximização/autocontrole* enquanto as mães porto-riquenhas apresentaram mais respostas codificáveis no padrão *expectativas sociais/bom comportamento*. Não foram encontradas diferenças significativas entre as duas amostras no uso do padrão *emotividade*.

Já em relação as estratégias de criação as mães anglo-americanas deram um número de respostas significativamente maior do que as mães porto-riquenhas. As respostas das mães anglo-americanas foram adequadas à classificação nas categorias ‘modelar o comportamento desejado’ e ‘prover oportunidade para que a criança desenvolva a qualidade por si mesma’, enquanto as respostas das mães porto-riquenhas foram mais adequadas a categoria ‘instrução direta dos pais’. Nas demais categorias não foram identificadas diferenças significativas.

Em relação aos dados das observações das interações mãe-criança foram verificadas diferenças entre as duas amostras, tanto no comportamento das crianças quanto no comportamento das mães. As crianças porto-riquenhas são menos prováveis de retirar os braços estendidos (tipo pedindo colo) durante o ensino e mais prováveis se engajar em comportamento resistente durante a alimentação do que as crianças anglo-americanas. As mães porto-riquenhas, em comparação com as anglo-americanas, exibiram maior frequência geral de comportamentos não-verbais durante a brincadeira social e ensino, mas não durante a brincadeira livre e foram mais prováveis de conter suas crianças durante a brincadeira social e posicionar sua criança durante o ensino.

No tocante ao comportamento verbal das mães, os autores verificaram que, comparadas as mães anglo-americanas, as mães porto-riquenhas foram mais prováveis de: (1) sinalizar a atenção de suas crianças nas quatro situações (alimentação, brincadeira social, ensino e brincadeira livre), (2) oferecer afeição durante o ensino, (3) emitir direcionamento em forma de comando em todas as situações exceto brincadeira social e (4) emitir grande número geral de comportamentos verbais direcionados as suas crianças durante a brincadeira livre.

Também foram encontradas diferenças significativas no comportamento materno específico para as quatro situações. Nas situações de alimentação as mães anglo-americanas, comparadas as porto-riquenhas, foram mais prováveis de encorajar as crianças para se

alimentarem sozinhas e menos prováveis de alimentar as crianças diretamente, em contrapartida as crianças anglo-americanas foram mais prováveis de se alimentarem sozinhas do que as crianças porto-riquenhas. Nas situações de brincadeira social as mães porto-riquenhas, comparadas as mães anglo-americanas, foram significativamente mais prováveis de se engajar em brincadeiras de pega-pega (touching/turntaking games) com suas crianças, as diferenças entre as duas amostras nas brincadeiras de bater palmas e cantar, de esconder e caçar e de pular não atingiram nível de significância. Em relação as situações de ensino, os pares mãe-criança anglo-americanas gastaram significativamente mais tempo nas tarefas de ensino do que os pares mãe-criança porto-riquenhas. E, por último, nas situações de brincadeira livre as mães porto-riquenhas, comparadas as anglo-americanas, gastaram significativamente mais tempo tentando deslocar ou ganhar a atenção de suas crianças e menos tempo vigiando enquanto sua criança brincava sozinha.

Os resultados desse estudo indicaram que as metas de socialização e estratégias de criação de mães anglo-americanas são coerentes com uma orientação individualista voltada para o auto-aperfeiçoamento, enquanto que as das mães porto-riquenhas são compatíveis com uma orientação para qualidades de bom comportamento, vinculadas mais ao padrão sociocêntrico. Indicam também que há um aumento das interações mãe-bebê, em diversas situações, em função do contexto de origem das participantes, indicam ainda, a existência de relação entre as crenças das mães e as práticas de educação dos filhos.

Tudge, Hogan, Lee, Tammeveski, Kulakova e Putnam (1999), procurando investigar a forma como as crianças se tornam socialmente competentes em determinadas culturas, realizaram uma pesquisa transcultural sobre os valores e crenças parentais e atividades desenvolvidas pelos pais com suas crianças pré-escolares. Fizeram parte da amostra famílias de classe baixa e de classe média, foram realizadas observações das atividades diárias da criança e da família ao longo de uma semana e entrevistas com os pais sobre os valores e

crenças relacionadas à educação dos filhos. Os autores encontraram diferença de classe. Em comparação aos pais de classe baixa, pais de classe média avaliaram melhor a autonomia dos filhos e deram maior importância a liberdade dentro e fora de casa. Não foram encontradas diferenças significativas entre as cidades no que diz respeito aos valores e crenças dos pais.

Baker, Mackler, Sonneschein e Serpell (2001) realizaram investigações, com pessoas de diferentes níveis de renda e etnicidade, acerca da interação verbal e afetiva dos pais com seus filhos de 1ª série durante as atividades de leitura de livros de história e sobre como essas interações se relacionam com o desenvolvimento da leitura e realizações da criança. A quantidade e a natureza de sentido relatado eram semelhantes, independente se o pai ou criança assumiam responsabilidade primária pela leitura, mas nesse caso era mais falar do processo de leitura em si quando a criança lia. A fala que extrapola o conteúdo imediato da história lida foi mais comum entre as famílias de renda média, as interações afetivas foram associadas ao sentido relatado e as interações negativas foram associadas com a tentativa dos pais de fazer a criança usar estratégias de decodificação para identificar palavras reconhecidas. A qualidade afetiva da interação teve contribuição importante para a leitura de material desafiador na terceira série, mas não teve o mesmo efeito para o histórico de leitura. Os autores discutem as implicações desses resultados para orientações aos pais sobre a importância da leitura com seus filhos.

Utilizando um Inventário de Atitudes de Parentagem – PAI (*Parenting Attitudes Inventory*), aplicado as mães de 45 crianças américo-koreanas e de 52 anglo-americanas, Vinden (2001) explorou a relação entre as atitudes maternas de criação e o entendimento das crianças sobre mente, comparando as duas amostras. A autora partiu da hipótese de que as crianças de mães ‘autorizadas’ (authoritative) desempenhariam melhor tarefas sobre teoria da mente do que as crianças de famílias ‘autoritárias’ (authoritarian). Os resultados indicaram que as mães américo-koreanas geralmente eram autoritárias, embora não exclusivamente, e

suas crianças com idade de 5 anos têm melhor desempenho em tarefas sobre teoria da mente do que suas coetâneas anglo-americanas. Para as crianças anglo-americanas foi encontrada uma relação negativa entre um entendimento de mente e a atitude de criação autoritária, não foi encontrado um efeito positivo geral da criação autoritária. Esses resultados sugerem que podem ser atingidos pontos finais de desenvolvimento semelhantes em diferentes culturas por diferentes meios, sugerem também uma reflexão sobre o fato de que o que constitui uma “boa criação” depende de um complexo de atitudes e comportamentos que podem ser entendidos somente em seu contexto sociocultural.

Miller e Harwood (2001) estudaram as metas de socialização e sua relação com a construção de redes sociais em mães anglo-americanas e porto-riquenhas. Participaram do estudo 32 mães anglo-americanas de classe média, residentes no nordeste de Connecticut, e 28 mães porto-riquenhas de classe média, residentes de San Juan em Porto Rico. Para a avaliação das metas de socialização as participantes responderam as quatro questões da Entrevista de Metas de Socialização (Socialization Goals Interview – SGI): que qualidades (a) gostaria e (b) não gostaria que seu filho possuísse como adulto? e descreva uma criança que você conheça que tenha pelo menos o começo dessas qualidades (c) positivas e (d) negativas. (Harwood et al 1999). Para a avaliação das redes sociais as mães das duas amostras foram entrevistadas sobre o tipo (família/não família), número e frequência de contatos sociais atuais da criança. Na entrevista as participantes eram perguntadas acerca da quantidade de amigos e parentes com os quais as crianças tinham contato mais que semanalmente, apenas semanalmente, mensalmente e menos que mensalmente.

Os autores também analisaram outras circunstâncias familiares que podem influenciar na frequência de contatos entre as crianças e seus parentes tais como: a) oportunidade de contato enquanto cresce; b) frequência de contato enquanto cresce; e c) proximidade geográfica atual de parentes. Consideraram também circunstâncias como morar

junto com membros da família estendida, viver em uma casa onde pai e mãe trabalham fora (dual wage-earning) vs. viver em uma casa onde um dos pais está em casa em tempo integral e provisão de cuidados a criança por parentes. Também foram analisados três tipos de circunstâncias familiares, como segue: a) número de membros da família estendida vivendo na mesma residência; b) número de horas que cada mãe trabalha fora de casa; e c) arranjos para cuidado da criança. Os arranjos para cuidado da criança foram divididos em: 1) cuidado em casa por mãe não trabalhadora; 2) cuidado parental partilhado (pai e mãe que trabalham e se alternam de modo que há sempre um dos pais disponível para servir como cuidador primário); 3) cuidado por membro da família estendida (avó ou outro parente); e d) cuidado não familiar (centro de cuidados básicos ou grupo de cuidado).

Os resultados das análises revelaram que as mães anglo-americanas, comparadas as porto-riquenhas, deram significativamente mais respostas as questões do SGI codificáveis como *automaximização* e menos respostas relacionadas a *bom comportamento*, dados que confirmam resultados dos estudos anteriores que já haviam apontado essa tendência.

Em relação ao tipo e frequência de contatos sociais das crianças os resultados indicam que a rede social das crianças anglo-americanas é composta por um número significativamente maior de membros, tanto parentes quanto amigos, por outro lado indicam também que, apesar de terem uma rede social com um menor número de membros, as crianças porto-riquenhas tipicamente têm contato mais freqüente durante o ano tanto com os membros da família estendida quanto com os outros membros de sua rede social. As crianças porto-riquenhas também fazem mais contatos anualmente com os parentes.

Nas análises das circunstâncias que interferem na frequência de contatos da criança com os parentes foi verificado que as mães dos dois grupos tem aproximadamente o mesmo nível de estabilidade geográfica, entretanto as mães porto-riquenhas têm mais parentas morando em sua vizinhança imediata do que as mães anglo-americanas. Foi verificado

também que as mães porto-riquenhas afirmaram que vêem um número maior de parentes mais que semanalmente e semanalmente do que as anglo-americanas, em contrapartida as mães anglo-americanas afirmaram que vêem parentes menos que mensalmente mais do que as mães porto-riquenhas. Com respeito a distancia geográfica de parentes, as mães anglo-americanas relataram ter mais parentes com os quais são próximas afetivamente e que moram a mais de uma hora de distancia do que as mães porto-riquenhas. Foram encontradas diferenças em relação a duração do trabalho fora de casa. Enquanto entre as mães anglo-americanas 62,5% trabalham fora de casa com uma carga semanal média de 27,3 horas, entre as mães porto-riquenhas cerca de 78,5% trabalhavam fora de casa com carga média semanal de cerca de 35,2 horas. Em relação aos arranjos para cuidado com a criança as mães porto-riquenhas foram mais prováveis de usar cuidado por membros da família estendida e menos prováveis de usar o cuidado parental partilhado.

No que se refere a relação entre as metas de socialização e os tipos de contatos sociais que as mães estruturam para seus filhos os resultados de testes de correlação indicaram que, entre as mães porto-riquenhas, a valorização de metas de socialização ligadas a bom comportamento foi significativamente correlacionada com a frequência de contatos com parentes e com o número total de contatos por ano. Entre as mães anglo-americanas, por outro lado, os contatos frequentes com membros da rede foram negativamente correlacionado com as metas de socialização relacionadas a automaximização.

De acordo com os autores os resultados apresentam indícios de conexões entre as crenças culturais das mães e os tipos de contatos sociais que elas estruturam para suas crianças. Os resultados também são consistentes com dados da literatura que tem indicado que mães anglo-americanas tendem a sustentar metas de socialização com ênfase para o individualismo focando em qualidades de *Automaximização*, como autoconfiança e realização do potencial pessoal, e que as mães porto-riquenhas apresentam uma orientação mais

sociocêntrica enfatizando metas com qualidades voltadas para *Bom Comportamento*, como comportamento interpessoal apropriado, habilidade para se dar bem com os outros e cumprimento de obrigações principalmente em relação à família. Os autores sugerem também que esses resultados apresentam indícios de construção de um *self* autônomo-relacional.

Leyendecker, Harwood, Lamb e Schöelmerich (2002) estudaram metas de socialização em longo prazo e a avaliação em situações cotidianas como desejáveis ou não desejáveis para mães latinas imigrantes da América Central para os EUA e americanas de origem européia. Participaram do estudo uma amostra de 45 primogênitos (16 meninas e 29 meninos) juntamente com seus pais que migraram de El Salvador, da Guatemala e Honduras para os Estados Unidos, e um grupo de 41 primogênitos Euro-Americanos (22 meninas e 19 meninos) com seus pais bem educados, pertencentes as classes média e média alta, nascidos nos Estados Unidos com origem Euro-americana.

As mães das duas amostras participaram de duas entrevistas. Na primeira responderam ao Questionário de Avaliação de Situações Diárias (Evaluation of Everyday Situations Questionnaire - EESQ) que tem foco sobre a avaliação da mãe sobre os comportamentos das crianças em cinco contextos: alimentação, brincadeira, troca de roupa (napping), troca de fralda (diapering) e dormindo durante a noite. As mães foram solicitadas a lembrar e descrever para cada um dos cinco contextos: a) uma interação preferida e b) uma interação menos preferida que tenha ocorrido e em seguida eram convidadas a declarar o que fez com que cada situação fosse preferível ou menos preferível, respectivamente, iniciando pelo episódio preferido. Na segunda entrevista as participantes responderam as questões da Entrevista de Metas de Socialização (Socialization Goals Interview – SGI), como descritas a seguir: que qualidades (a) gostaria e (b) não gostaria que seu filho possuísse como adulto? e descreva uma criança que você conhece que tem pelo menos o começo dessas qualidades (c) positivas e (d) negativas.

As respostas das mães as quatro questões do SGI foram codificadas de acordo com as cinco categorias de Harwood et al. (1999): a) automaximização, b) autocontrole, d) emotividade, d) expectativas sociais, e) bom comportamento e f) outros. Sendo que para a categoria automaximização foram criadas três subcategorias como segue: a) *Sentir-se bem consigo*, interesse que a criança seja feliz, autoconfiante, segura e confortável em relação aos seus próprios sentimentos; b) *Potencial Pessoal e Econômico*, interesse que a criança desenvolva habilidades cognitivas e realize seu potencial individual, incluindo ser inteligente, desenvolver talentos, concluir os estudos, ter um bom trabalho, ser melhor que os pais e ser ambicioso e bem sucedido; e c) *Independência Psicológica*, interesse que criança seja autoconfiante, assertiva e pense por si mesma.

As análises indicaram ausência de diferenças significativas entre as amostras no que se refere as variáveis sociodemográficas e ao número de declarações codificáveis dadas ao EESQ. Entretanto foi verificado que as mães da América central tiveram mais dificuldade para lembrar situações específicas que tinham experienciado como indesejáveis e assim apresentaram escores mais altos na categoria outros. Em relação as respostas para as questões da SGI foi verificado que as mães Euro-americanas deram um número de respostas codificáveis significativamente maior do que as mães da amostra da América central.

Os resultados da análise das avaliações das mães sobre os episódios descritos como preferidos e menos preferidos indicaram que, excetuando-se nos episódios preferidos de troca de fralda e dormir a noite, os dois grupos apresentaram padrões de avaliação bastante diferente em relação aos episódios que descreveram. Para os episódios preferidos de brincadeira as mães da América Central foram mais prováveis de enfatizar a *diversão mútua* na interação com suas crianças, para todos os outros episódios preferidos e menos preferidos elas foram mais prováveis de descrever o *comportamento apropriado e cooperação* da criança como o principal fator favorável ou desfavorável da situação.

As mães Euro-americanas, por outro lado, foram mais prováveis de descrever como uma situação de brincadeira preferida os episódios em que elas assistiram a criança brincar sozinha ou com outra criança sem seu envolvimento direto (atividade extradiática), para os episódios de brincadeira descritos como menos preferidos as mães desse grupo foram mais prováveis de descrever as situações em que elas se sentiam obrigadas a distrair sua criança enquanto pensava em outras coisas ou prestar atenção em outras questões. Para todas os outros episódios descritos as mães atribuíram uma quantia de desejabilidade ou indesejabilidade aproximadamente igual a quantia atribuída a *comportamento apropriado e cooperação* da criança e a *fatores externos*.

Nas análises dos padrões de preferência entre as cinco situações, excetuando as situações preferidas das categorias *diversão de atividade extradiática* e as menos preferidas da categoria *diversão mutua* que se aplicaram apenas ao contexto de brincadeira, as mães dos dois grupos foram igualmente prováveis de referir-se: a) ao *progresso do desenvolvimento* da criança bem como a *diversão mutua da interação com a criança* entre as situações mais preferidas; e b) ao *comportamento apropriado e cooperação* da criança entre as situações menos preferidas. A categoria *Comportamento apropriado e cooperação* foi mencionada três vezes ou mais por cerca de 81% das mães da América Central contra apenas 50% das mães Euro-americanas, o que sugere que esta categoria tem grande importância para as participantes da amostra de migrantes. As atribuições a *fatores externos*, por outro lado, foi de maior importância para as mães Euro-americanas. Nas situações preferidas 87% das mães da amostra de migrantes não fez referência a *fatores externos* contra 38 % das Euro-americanas, para as situações menos preferidas somente 3% das mães da América Central se referiram a esta categoria enquanto 60% das Euro-americanas o fizeram referências três ou mais vezes a *fatores externos*.

Em resumo, as mães da América Central, quando convidadas a descrever o que faz com que uma situação seja desejável ou menos desejável, se referem primariamente a apropriabilidade/conveniência do comportamento e a boa vontade para cooperar da criança nessa situação, entre os episódios indesejáveis de brincadeira poucas mães dessa amostra descreveram as situações em que tinham que distrair a criança. Cerca de 1/3 das mães se referiram a *fatores externos* quando descrevendo as situações preferidas de dormir durante a noite e as menos preferidas de troca de fralda.

Em relação as metas de socialização os dados indicaram que as mães da América Central, comparadas as Euro-americanas, foram menos prováveis a dar respostas codificáveis nas categorias *automaximização, autocontrole e emotividade*, tendo maior probabilidade de apresentar respostas dentro da categoria *bom comportamento*. No que se refere as subcategorias de automaximização as mães do grupo migrante também apresentaram menor probabilidade de responder dentro das subcategorias *sentir-se bem consigo mesmo e independência psicológica*. Não houve diferenças significativas entre os dois grupos no uso da subcategoria *potencial pessoal e econômico*. Os resultados desse estudo corroboraram os achados de Miller e Harwood (2001), e demonstraram que o individualismo é um aspecto multidimensional e que há heterogeneidades de crenças intragrupos.

Citlak, Leyendecker, Schöelmerich, Driessen e Harwood (2008), investigaram as metas de socialização comparando duas amostras de mães turcas entre si e com uma amostra de mães alemãs. O estudo teve como objetivo principal examinar o processo de mudança nos valores de criação de filhos seguidos à migração. Para tanto autores compararam as metas de socialização das mães turcas migrantes da segunda geração com as metas das mães turcas migrantes da primeira geração e com as metas das mães alemãs, identificando os valores culturais amplos que permanecem estáveis mesmo com a migração e os que são prováveis de mudar em resposta as características culturais e econômicas do novo ambiente. Os autores

tinham também o propósito de fazer uma análise mais detalhada do que a que literatura tem relatado acerca das metas de socialização para fornecer uma caracterização rica e completa das mudanças nas crenças e valores parentais de criação que se seguem a migração.

A amostra total do estudo foi composta por 78 participantes, sendo 52 mães turcas divididas em dois grupos (26 da primeira geração de migrantes e 26 da segunda geração) e 26 mães alemãs. Todos os participantes responderam as questões da *Entrevista de Metas de Socialização (Socialization Goals Interview - SGI)* de Harwood et al. (1999) - que qualidades (a) gostaria e (b) não gostaria que seu filho possuísse como adulto? e descreva uma criança que você conheça que tenha pelo menos o começo dessas qualidades (c) positivas e (d) negativas. De acordo com os autores as respostas às questões 1 e 2 contribuem para a compreensão das crenças influenciadas culturalmente com respeito a competência social adulto, e as questões 3 e 4 contextualizaram essas idéias culturais com respeito a expectativas específicas para comportamento desejados e indesejados para a criança. As quatro questões juntas fornecem uma rica caracterização das crenças nativas das mães em relação as metas de socialização e a percepção dos comportamentos das crianças.

As participantes da amostra turca das duas gerações responderam também a um *Questionário de Aculturação* composto de 44 itens dividido em duas sessões, uma referente a cultura turca com 21 itens e a outra referente a cultura alemã com 23 itens. O questionário usava uma escala Likert de quatro pontos (onde 'um' significou 'de forma alguma' e 'quatro' significou 'completamente') e avaliava basicamente o nível de envolvimento e conforto das participantes com determinados aspectos das duas culturas (língua, programas culturais de feriados, alimentação, tradições, uso da mídia, conhecimento sobre a vida diária e eventos das duas culturas, identificação com valores culturais e envolvimento com as duas culturas no que se refere a comportamentos relacionados a criação dos filhos como cantar músicas turcas

para as crianças, fantasiar a criança para os dias de carnaval alemão e identificação com as metas alemãs ou turcas para criação de crianças).

As respostas dos participantes do SGI foram classificadas inicialmente de acordo com as seguintes categorias de metas: a) automaximização, b) autocontrole, d) emotividade, d) expectativas sociais, e) bom comportamento de Harwood et al (1999). Em um segundo momento as categorias maiores foram divididas em um total de 10 subcategorias. Para a categoria *automaximização* foram usadas as subcategorias de Leyendecker et al (2002), como segue: (a) sentir-se bem consigo mesmo; b) potencial pessoal e econômico; e c) independência psicológica. A categoria *expectativas sociais* foi dividida em duas subcategorias: a) *evitar comportamento ilícito*, que inclui preocupações relacionadas a delinquência, desajustamento sexual, envolvimento em grupos negativos de pares, desenvolvimento de vícios relacionados ao fumo, álcool e comportamentos noturnos excessivos; b) *integridade pessoal e valores religiosos*, que inclui padrões sociais básicos tais como ser trabalhador, honesto, confiável e tolerante, bem como interesse na manutenção dos valores religiosos e herança cultural.

A categoria *emotividade* descreve dois tipos de abertura ou empatia interpessoais, por essa razão os autores criaram duas subcategorias para poder separar o papel das familiares: a) *relações próximas com a família*; e b) *abertura para outros*. A categoria *bom comportamento* também foi dividida em duas subcategorias: a) *respeitador*, que enfatiza as expectativas gerais relacionadas a comportamento polido e respeitador; e b) *obrigações familiares*, que se refere ao interesse com relação ao respeito e obediência nos contextos da família nuclear e estendida, bem como expectativas com relação a ligação permanente com a família. Para a categoria *autocontrole* não foram criadas subcategorias.

As análises mostraram que os três grupos não apresentaram diferenças significativas com relação ao número de respostas codificáveis dadas as questões do SGI. Por outro lado

foram identificadas diferenças estatisticamente significantes em relação ao uso das subcategorias de metas. As análises indicaram que as mães alemãs foram mais prováveis de usar as subcategorias (a) *sentir-se bem consigo mesmo* e (b) *independência psicológica* do que as mães turcas migrantes da primeira geração. Para a categoria *autocontrole* as mães alemãs apresentaram probabilidade de uso menor do que a das mães turcas das duas gerações. Na subcategoria *abertura para os outros* as diferenças foram maiores entre as mães alemãs e as turcas de primeira geração, enquanto na subcategoria *respeitador* o contraste foi maior entre as amostras formadas pelas mães turcas das duas gerações.

No que se refere aos efeitos do sexo da criança, não foram encontradas diferenças entre mães de meninos e de meninas na distribuição das declarações nas categorias e subcategorias de metas. A escolaridade, medida em anos de escolarização, correlacionou-se positivamente com percentual de declarações codificadas como *se sentir bem consigo mesmo*, *independência psicológica* e *autocontrole*, mas teve correlação negativa com *respeitador* e *obrigações familiares*. Entre as mães turcas de primeira geração a escolaridade correlacionou-se negativamente com o uso da subcategoria *respeitador*.

Em relação ao nível de envolvimento com as duas culturas foram confirmadas as expectativas dos autores no sentido de que as mães turcas de primeira geração apresentaram maiores escores para a escala de envolvimento com a cultura turca e escores mais baixos na escala de envolvimento com a cultura alemã, enquanto as mães da segunda geração apresentariam maiores escores de envolvimento com a cultura alemã e menores escores para a escala relacionada a cultura turca. Esses dados também estão de acordo com os resultados da literatura que indicam que o contexto sócio-cultural tem forte influência sobre as crenças maternas.

Boa parte dos estudos até aqui descritos (Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez, 1999; Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Harwood, Lamb & Schöelmerich,

2002 e Citlak, Leyerdecker, Schöelmerich, Driessen & Harwood, 2008) investigaram as crenças parentais utilizando pelo menos um instrumento em comum (o SGI) para identificar e comparar as crenças de mães de diferentes grupos culturais acerca do que elas consideram como comportamento ou qualidades desejáveis e indesejáveis para seus filhos. Os resultados encontradas na maioria dessas investigações confirmam a tendência indicada pela literatura que sugere que pais/mães Norte-americanos apresentam um padrão de valorização de metas voltadas para uma orientação individualista e que pais/mães de origem latina apresentam metas de socialização voltadas para uma orientação sociocêntrica. Neste sentido, com o objetivo de contextualizar a utilização de um instrumento diferente do SGI e demonstrar resultados obtidos com este instrumento, será descrito a seguir um estudo realizado com uma amostra de um país europeu que utilizou um Questionário de crenças sobre bebês e crianças pequenas para identificar os padrões de valorização de práticas de cuidado e criação de filhos por pais e mães.

Suizzo (2002), investigou os modelos culturais e as crenças sobre criação de filhos entre pais e mães parisienses. O estudo foi guiado por três questões principais: (1) que práticas de criação os pais parisienses mais valorizam e quais eles acham menos importante?; (2) existem dimensões básicas dessas crenças que constituem um modelo cultural de parentagem dos pais parisienses, e se existe quais crenças parentais estão associadas a que modelo?; e (3) os modelos culturais de parentagem variam de acordo com as características sociodemográficas, como nível educacional, idade e gênero, dos pais. Foi selecionada uma amostra representativa (em relação a diversas variáveis sociodemográficas) da maioria dos pais parisienses vivendo na área metropolitana da grande Paris no período de estudo, composta por um total de 455 genitores, sendo 278 mães e 177 pais.

Os participantes responderam ao Questionário de crenças e idéias sobre crianças e bebês (*Croyances et Idées sur les Nourrissons et Petis Enfants – CINPE, ou Beliefs and*

Ideas about Infants and young children), instrumento desenvolvido pela autora com finalidade de averiguar como crenças discretas sobre práticas de criação podem está inter-relacionadas no pensamento de pais parisienses. O CINPE é composto por duas sessões de 25 itens cada, sendo a primeira sessão referente a práticas de cuidado com crianças com idade de ‘um’ ano para baixo e a segunda listando práticas de cuidado com crianças de idade entre ‘um’ e ‘três’ anos. Foi solicitado aos pais que declarassem o nível de importância que eles atribuíam para cada prática descrita, usado uma escala tipo Likert de seis pontos, variando de “discordo” a “extremamente importante”.

Para verificar quais as práticas mais valorizadas e quais as menos valorizadas, primeira questão da pesquisa, foram calculados os escores médios atribuídos pelos participantes a cada uma das práticas descritas no questionário. Uma análise fatorial das respostas dos 455 participantes para os 50 itens do CINPE foi realizada com a finalidade de identificar dimensões significativas das crenças sobre parentagem (segunda pergunta). Para responder a questão dois, relacionada a variação das crenças em função das variáveis sociodemográficas, foram usados testes de correlação (r) e modelos de regressão múltipla.

Os resultados relacionados a primeira questão da pesquisa (quais práticas são mais valorizadas e quais são menos importantes?) indicam que as práticas com as mais altas médias de importância (pelo menos 4.3 de “muito” a “extremamente importante”) foram: “*Conversar bastante com a criança*”, “*Ler histórias para a criança.*”, “*Dar banho na criança todos os dias*”, “*Estimular a criança a desenvolver suas preferências.*”, “*Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.*” e “*Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).*”, práticas que incluem estimulação cognitiva, higiene básica, proximidades interpessoal e promoção da individualidade. Outros oito itens obtiveram média pelo menos 4.0 (“muito importante”), e podem ser incluídos entre as práticas mais valorizadas, também incluem práticas dirigidas para a estimulação do bebê através da

exposição a objetos, pessoas e sabor de alimentos, bem como manutenção da higiene, juntamente com duas práticas associadas com socialização para interação pública: “Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.” e “Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.”

As práticas que obtiveram os menores escores médios de importância (menos que 1,75 ou “não é importante”), foram: “*Deixar o bebê com outras pessoas para dar uma saída rápida.*”, “*Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê.*”, “*Deixar o bebê dormir na cama dos pais.*”, “*Utilizar uma voz afetiva para falar com o bebê.*”, “*Ensinar a criança a não chorar em público.*” e “*Treinar para usar o piniquinho o mais cedo possível.*” Os pais franceses declararam que valorizam pouco as práticas de deixar seus bebês sozinho em casa e de dormir junto com a criança, esses dois padrões podem conter indícios da existência de parâmetros afastamento/proximidade aceitáveis. Somente 17% dos pais franceses que participaram do estudo consideraram dormir junto com a criança uma prática desejável.

Em relação a segunda questão da pesquisa (existem questões amplas subjacentes a algumas dessas crenças que constituem o modelo cultural dos pais parisiense, e se existe, que crença estão associados em cada modelo?) foram identificadas três componentes com confiabilidade de moderada a forte, sugerindo a existência de pelo menos três escalas ou modelos culturais de parentagem dos pais parisienses. O primeiro modelo foi chamado “estimular a criança” pelo fato de estar associado a práticas dirigidas a exposição da criança a um número de diferentes estímulos. Os pais com escores médios e elevados nessa escala acreditam na importância de prover as crianças com estimulação por meio de oportunidades para interações diádicas e grupais, com brinquedos, através da linguagem, bem como através do paladar e tato. Essa dimensão obteve escore médio de 4.1 “muito importante”, e 58% dos participantes responderam que esse tipo de prática é no mínimo “muito importante”.

O segundo modelo recebeu o nome de “apresenta apropriada”, pois é composto por práticas associadas com garantia de que a criança aparecerá (será vista) bem comportada e limpa, tais como as práticas de higiene (banho diário, manter coisas sujas fora da boca da criança e trocar fraldas) e regras de socialização (comportar-se bem em público, cumprimentar, agradecer e ter controle emocional). Essa dimensão obteve escores médios de 3.7 (abaixo de “muito importante”), e 89% dos participantes declararam que as práticas descritas nessa dimensão são no mínimo “importantes”. Esta dimensão correlacionou-se positivamente com a dimensão “estimulação”, sugerindo que ambas podem não ser mutuamente exclusivas.

O terceiro modelo, chamado “responsividade e vínculo” contém itens associados com o atendimento das necessidades da criança em primeiro plano, em vez de impor a vontade do adulto sobre a criança. Esse modelo é composto por crenças relacionadas alimentação da criança, não deixar a criança chorar, deixar a criança determinar os horários de se alimentar e dormir, entre outras. O escore médio desta dimensão foi 2.7, e 32 % dos participantes declararam que esse tipo de crença como um todo era pelo menos importante. Essa dimensão se correlacionou negativamente com a dimensão “apresentação apropriada”, o que sugere que esses dois modelos podem ser entendidos como o opostos pelos pais parisienses. Interesse na concordância com as normas do grupo e autocontrole em público podem ser considerados como obstáculos para colocar a criança em primeiro, focando sua atenção sobre ela. Houve um quarto modelo contendo itens relacionados a disciplina, entretanto pelo fato de ter obtido um baixo índice de confiabilidade, este fator não foi incluído na análise.

Em relação a terceira questão da pesquisa (os modelos culturais de parentagem dos pais parisienses variam de acordo com as características sociodemográficas, como nível educacional, idade, gênero, e nível de aculturação?) foi verificado que pais e mães se

diferenciam na valorização de “estimulação” e “responsabilidade”, entretanto as diferenças foram pequenas. Na dimensão “apresentação” os pais religiosos obtiveram escores mais altos do que os pais não religiosos. O nível de escolaridade foi negativamente associado com a adesão a “estimulação” e “apresentação”, sugerindo que esses modelos de parentagem foram mais valorizados por pais com maior escolarização. “Responsabilidade” não teve correlação significativa com escolarização nem com renda.

A análise de regressão múltipla revela que o tamanho da família, (nº de filhos) e nível educacional (tempo de escolarização) foram positivamente associados a “estimulação” da criança ou crença na importância de expor a criança a uma variedade de estímulos. A crença na importância de ‘ser altamente responsivo as necessidades da criança’ e ‘ter uma relação próxima’ foi associado com o sexo e a idade dos genitores, as mães valorizam mais que pais e os pais mais velhos valorizam mais do que pais mais novos. A crença na importância de preparar a criança para a apresentação apropriada em público foi positivamente associada com religiosidade e negativamente associada com idade e com a escolaridade. Isso significa dizer que essa prática foi: (a) mais valorizada pelos pais religiosos de que pelos não religiosos, (b) mais valorizada pelos pais mais jovens do que pelos mais velhos, e (c) menos valorizada pelos pais de escolaridade elevada do que pelos de baixo grau de instrução. A idade das crianças e o nível geracional (presença ou ausência de avós) não se relacionam com nenhum dos três modelos de parentagem. Os resultados encontrados no estudo de Suizzo (2002), também estão de acordo com as indicações da literatura acerca das influências das variáveis sociodemográficas sobre as cognições.

Nos estudos relatados acima (Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez, 1999; Vinden 2001; Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Harwood, Lamb & Schöelmerich, 2002; Palácios e Moreno, 1996; Edwards, Gandini e Giovaninni, 1996; Le Vine, Miller e Richman, 1996); Tudge, Hogan, Lee, Tammeveski, Kulakova e Putnam, 1999; Citlak,

Leyerdecker, Schöelmerich, Driessen & Harwood, 2008; Suizzo, 2002) pode ser visualizada a influência de diversas variáveis, como contexto sócio-cultural, escolaridade/conhecimento teórico, gênero, número de filhos e classe sócio-econômica, sobre as crenças parentais, mesmo que esse termo não tenha sido utilizado em todos os estudos citados.

A literatura também tem sugerido que as crenças parentais podem ter influências sobre a forma como os pais ou cuidadores lidam com as crianças, produzindo resultados diferentes no que se refere a quantidade e qualidade do desenvolvimento alcançado por cada indivíduo. Tem aumentado o número de estudos nessa área a cada ano, esses estudos em geral têm investigado grupos anglo-saxões estabelecendo comparações com latinos falantes do idioma castelhano ou com orientais como, chineses ou com mães turcas. No Brasil as investigações sobre a temática podem ser consideradas como em fase de implementação.

Embora já exista uma produção brasileira que possa ser identificada como investigação das crenças parentais (Melo 1996; Lordelo 2000; Seidl de Moura, Bastos, Ribas, Vieira, Piccinini e Magalhães, 2003; Seidl de Moura, Bastos, Ribas, Vieira, Piccinini e Magalhães 2004; Ruela 2006; Vieira, Seidl de Moura, Lordelo, Piccinini, Magalhães, Pontes et al, 2007; Lordelo, Seidl de Moura, Vieira, Piccinini, Magalhães, Pontes, et al, 2007; Seidl de Moura, Vieira, Lordelo, Piccinini, Magalhães e Pontes, 2007; Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinini et al., no prelo), alguns desses trabalhos não tratam diretamente de crenças parentais.

Melo (1996) investigou o impacto das idéias e alternativas de cuidados das mães no desenvolvimento das crianças. Vinte mães de baixa renda participaram de entrevistas semi-estruturadas. Os resultados indicaram que as crenças das mães sobre o processo educativo são pautadas por suas experiências e vivências em seus diversos papéis, revelando relação entre subjetividade da mulher e educação de filhos, as crenças das mães de baixa renda sobre seus filhos tem relação estreita com suas condições de vida.

Lordelo, Fonseca, e Araújo (2000) estudaram a responsividade do ambiente de desenvolvimento e as crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. Participaram da pesquisa 45 famílias de uma favela urbana e/ou de bairros de classe média. Os dados foram coletados utilizando as seguintes técnicas: entrevista sobre a maternidade e o cuidado de crianças, questionário sobre a maternidade e autonomia da criança, e filmagens nas residências. Os resultados indicaram diferenças significativas em relação à autonomia em função do bairro de residência e do nível de escolaridade das mães.

Seidl, Bastos, Ribas, Vieira, Piccinini e Magalhães (2003), investigaram as idéias sobre desenvolvimento de mães primíparas de sete cidades brasileiras, incluindo Belém. As 343 mães que participaram da pesquisa responderam ao Inventário de Conhecimento do Desenvolvimento Infantil (*Knowledge of Infant Development Inventory – KIDI*), um instrumento composto por 75 questões que permitem avaliar o conhecimento dos pais quanto aos períodos mais prováveis para a aquisição de determinadas competências, de estratégias de criação de filhos e de cuidados relacionados a segurança e a saúde da criança. Os resultados indicam que a escolaridade das mães tem forte influência sobre suas crenças acerca do desenvolvimento infantil e que as práticas de cuidado e educação de crianças em grande parte são determinadas por essas crenças.

Em outro estudo Seidl de Moura, Bastos, Ribas, Vieira, Piccinini, Bastos et al (2004) utilizaram novamente o KIDI para investigar o conhecimento que mães primíparas de diferentes centros urbanos tinham acerca do desenvolvimento infantil. A amostra desse estudo foi composta por 405 mães de seis centros urbanos brasileiros (Belém N=60, Itajaí N=109, João Pessoa N=62, Porto Alegre N=62, Rio de Janeiro N=59 e Salvador N=53), com diferentes níveis de escolaridade e socioeconômicos, e tinham apenas um filho com até um ano de idade.

Neste estudo os resultados indicaram a existência de relação entre a idade do bebê e o conhecimento materno sobre desenvolvimento, de modo que a medida que aumenta a idade da criança também tende a aumentar o conhecimento da mãe. Os resultados também confirmaram a importância da escolaridade materna para as crenças parentais, juntamente com o local de residência (centro urbano). Os efeitos da escolaridade foram detectados em todas as cidades da amostra com exceção de Porto Alegre. Outros fatores como a leitura de material escrito, participação em grupos de gestantes e apoio de companheiros, amigos e vizinhos também contribuíram para o conhecimento sobre desenvolvimento infantil, indicando efeitos de variáveis culturais.

Os autores destacam a importância da escolaridade como variável comprovadamente associada ao conhecimento materno sobre desenvolvimento e o fato de que esse conhecimento apresenta impacto importante para o desenvolvimento das crianças, considerando, portanto, fundamental priorizar e ampliar as oportunidades de educação para mulheres que são mães. Os autores consideram também que o desenvolvimento e implementação de políticas eficazes de atendimento materno-infantil, fornecendo as mães oportunidades para ampliar seu conhecimento sobre desenvolvimento, podem ser alternativas para diminuir o efeito negativo da baixa escolaridade das mães sobre o conhecimento acerca do desenvolvimento infantil.

Ruela (2006) investigou as crenças maternas através do estudo de metas de socialização e de crenças sobre práticas maternas valorizadas por mães e avós, na comunidade rural de Ribeirão de São Joaquim, tomando como pontos-chaves a questão do compartilhamento de crenças, a transmissão intergeracional e o contexto rural. Seu objetivo geral foi conhecer e discutir estas crenças e as similaridades e diferenças presentes nelas, em dois âmbitos: grupal – mães e avós – e intergeracional – avó (mãe) e mãe (filha). Participaram do estudo 16 avós e 18 mães com pelo menos um filho de até sete anos.

Os dados foram coletados por meio de aplicação do Questionário de Crenças sobre Crianças e Bebês de Suizzo (2002), descrito acima, e da Entrevista de Metas de Socialização (SGI) de Harwood et al. (1999), sendo que neste estudo as participantes responderam a duas perguntas: (1) “Que qualidades você gostaria que seu tivesse como adulto?” e (2) O que você considera necessário para que ele desenvolva essas qualidades?”.

As análises dos dados seguiram os métodos propostos pelos autores dos dois instrumentos. Os resultados indicaram que as duas amostras relataram números de descritores, palavras e frases, bastante próximos. As mães apresentaram 29 palavras e 64 frases (93 descritores), enquanto as avós apresentaram 21 palavras e 61 frases (82 descritores). As médias de respostas codificadas, palavras e frases, das duas amostras foram, $M = 5,16$ para as mães e $M = 4,55$ para as avós. A distribuição das respostas entre as cinco categorias de metas feita em termos percentuais indica algumas variações na valorização de determinados tipos de metas por mães e avós. As mães tiveram 37,6% de suas respostas codificadas dentro da categoria *auto-aperfeiçoamento*, enquanto apenas 24,4 das respostas das avós foram codificadas nesta categoria. Na categoria *Autocontrole* mães e avós apresentaram praticamente os mesmos percentuais de respostas, 1,1% e 1,2% respectivamente. Na categoria *Emotividade* foi observado um percentual de respostas das mães (11,8%) equivalente a aproximadamente a metade do percentual apresentado pelas avós (23,2%). Na categoria *Expectativas Sociais* foram enquadradas 32,3% das respostas das mães e 23,2% das respostas das avós. Por último, na categoria *Bom comportamento*, as mães tiveram 17,2% contra 28% avós de suas respostas classificadas. Entretanto os resultados com teste *t* de *Student*, considerando-se como critério de significância um valor de $p < 0,05$ indicaram ausência de diferenças significativas nas proporções de respostas de mães e avós nas diferentes categorias. Também não foram encontradas diferenças significativas entre as duas amostras no referente aos aspectos amplos de individualismo e sociocentrismo.

As análises das estratégias de socialização identificaram a ocorrência de 85 descritores classificados como estratégias *centradas em si*, sendo 34 das mães e 51 das avós. Já na categoria centrada no contexto foram codificados apenas 16 descritores, sendo 11 das falas as mães e cinco das falas das avós. Neste caso os resultados do *t* de *Student* também revelaram ausência de diferenças significativas entre as duas amostras.

Testes de correlação foram utilizados para identificar possíveis relações das variáveis sociodemográficas com as categorias de metas e de estratégias de socialização. Foram encontradas correlações negativas entre a escolaridade das participantes e o relato de estratégias centradas em si, entre o número de filhos e relato de metas de auto-aperfeiçoamento/automaximização e entre o uso de estratégias centradas em si e os aspectos afetivos das estratégias. Isso significa que quanto maior a escolaridade menor a tendência para o uso de estratégias centradas em si, quanto maior o número de filhos menor a tendência para metas de auto-aperfeiçoamento/automaximização e que a medida que as mães tendem a usar estratégias centradas em si menor ênfase elas tendem a dar a aspectos afetivos. Foram encontradas correlações positivas entre a ênfase em metas de *emotividade* e o uso de estratégias *centradas em si* e entre a ênfase em estratégias centradas em si e aspectos cognitivos das estratégias. Esses dados indicam que mães que sustentam mais metas de *emotividade* tendem a usar mais estratégias *centradas em si* e que as mães que tendem a usar as estratégias *centradas em si* tendem a dar ênfase a aspectos cognitivos.

No que se refere aos resultados das análises dos dados do Questionário de Crenças, a autora verificou a existência de diferenças significativas entre as duas amostras nas dimensões *apresentação apropriada e responsividade e vínculo*. As mães tenderam a valorizar mais práticas como “ensinar a agradecer e cumprimentar” e “não deixar que a criança veja os pais brigando”, do que as avós. Por outro lado, as avós valorizaram mais práticas relacionadas a responsividade e vínculo como *desenvolver uma ligação afetiva forte com o bebê e*

amamentá-lo até os seis meses, do que as mães. Apesar da ocorrência de diferenças significativas entre mães e avós acerca da valorização de algumas práticas, a autora destaca que elas tenderam a valorizar os mesmos modelos culturais: apresentação apropriada do bebê em público, estimulação, responsividade e vínculo e disciplina, na mesma ordem.

Comparando os dados com os resultados do estudo de Suizzo (2002), em Paris, a autora constata diferenças na ordem de valorização das práticas, visto que no estudo citado, foi destacado que pais parisienses tendem a valorizar em primeiro lugar as práticas relacionadas à estimulação dos filhos (incluindo práticas de promoção do desenvolvimento cognitivo, sensorial e social), em segundo apresentação apropriada do bebê em público, seguido de responsividade e vínculo. Com base nessas diferenças a autora destaca a influência do contexto cultural sobre o que os pais pensam acerca da criação de filhos.

Em relação a valorização das práticas dentro de cada dimensão Ruela (2006) destaca que em *estimulação*, os itens avaliados como tendo maior importância para as mães foram os itens 9 (oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos- visão, audição, tato olfato e paladar) e 13 (dividir entre o pai e a mãe os cuidados com a criança), enquanto para as avós foram os itens 12 (conversar bastante com a criança) e o 13 (como descrito acima). Os dois itens que tiveram menores médias entre mães e avós foram o 8 (estimular a criança a brincar sozinha) e o 15 (fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos). Na dimensão *apresentação apropriada do bebê em público*, foram consideradas mais importantes as práticas descritas nos itens 18 (não deixar que a criança veja os pais brigando) e 22 (dar banho na criança todos os dias), tanto para as mães quanto para as avós. Os itens considerados como menos importantes nessa dimensão, tanto pelas mães quanto pelas avós, foram o 20 (colocar a criança para dormir sempre nas mesmas horas) e 21 (não demonstrar para a criança quando se está triste).

No terceiro fator, Responsividade e vínculo, os itens avaliados como mais importantes para o cuidado dos filhos, para mães e avós, foram os itens 27 (amamentar o bebê no peito até seis meses) e 31 (desenvolver uma ligação afetiva forte com o bebê - ficar muito ligado a ele) e os que receberam menores médias foram os itens 29 (ficar bastante com o bebê no colo) e 30 (Não viver apenas em função da criança).

No fator Disciplina, por outro lado, tanto para as mães quanto as avós, atribuíram os maiores escores aos itens 37 (alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome) e 40 (não deixar o bebê sozinho mesmo que seja para uma saída rápida por perto), e os menores escores médios para os itens 42 (deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial) e 43 (bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada).

Outro estudo brasileiro sobre crenças foi conduzido por Vieira, Seidl de Moura, Lordelo, Piccinini, Magalhães et al (2007). Neste estudo foram investigadas as metas de socialização de mães de diferentes regiões brasileiras. As participantes do estudo (350 mães primíparas com uma média de idade 26,6 anos e com filhos com idade média de 16,4 meses) responderam a primeira pergunta de uma versão resumida e adaptada da Entrevista de Metas de Socialização (SGI) de Harwood et al (1999), “Que qualidade você gostaria que seu filho tivesse como adulto?”. As respostas a esta pergunta foram analisadas com a utilização de um *software* chamado ALCESTE (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto).

O ALCESTE agrupou 92% as falas das mães em quatro classes estabelecidas pela frequência de palavras e de um índice que indica o coeficiente de associação das UCEs com cada classe. Os autores verificaram que nas falas das mães: (1) aparecem tanto aspectos sociocêntricos como individualistas, embora os primeiros tenham sido mais comuns; (2) algumas metas (como por exemplo bom emprego e educado) foram comuns a todas as cidades; (3) Belém se destacou em relação a *Emotividade e Expectativas Sociais*; e (4) nas

classes que incluíam pessoas com alto grau de escolaridade apareceram metas relacionadas a *Auto-aperfeiçoamento*, tais como bem sucedido e realizado. Os autores concluem que algumas metas são mais comuns a várias cidades regiões do país e outras são mais específicas de alguns lugares e que a escolaridade em interação com a cidade de residência da mãe parece ser um fator relevante na valorização de metas de socialização.

Lordelo, Seidl de Moura, Vieira, Piccinini, Magalhães, Pontes, et al (2007), também estudaram as metas de socialização das mães de sete cidades brasileiras de acordo com a ordem de evocação e frequência de descritores. O estudo teve como participantes 350 mães primíparas de sete cidades representativas das cinco regiões do país. As 350 participantes responderam a primeira pergunta da Entrevista de Metas de Socialização (SGI) de Harwood et al (1999). Neste estudo as falas das mães foram analisadas por meio de um programa chamado EVOC (*Analyse d'évotions*) que organiza o material textual em quatro quadrantes, de acordo com a ordem de evocação e frequência das unidades de texto. Os resultados mostraram que oito descritores alcançaram alta frequência de citação e uma baixa ordem de evocação: boa instrução, boa pessoa, caráter, educado, estudioso, honesto responsável e trabalhador. Apenas o atributo “honesto” esteve presente na primeira posição na ordem de evocação das sete cidades. Em segundo vem os descritores “responsável” e “boa instrução” com alta prioridade em seis das sete cidades, estando fora dessa posição apenas em Porto Alegre.

Os autores destacam que cada cidade divergiu em certa medida da amostra nacional em relação a alguns atributos e que é possível notar uma tendência para a redução da preocupação com o sustento econômico, em favor da satisfação pessoal, em duas das três cidades do Sul e Sudeste (Rio de Janeiro e Porto Alegre). Nas cidades de Belém e João Pessoa as mães incluíram entre as metas de alta prioridade atributos mais tradicionais e menos individualistas como respeito as pessoas e humildade. Para os autores do estudo esses

resultados podem estar relacionados as condições sócio econômicas vigentes nas diferentes regiões e sistemas culturais associados, o que fortalece a perspectiva da Psicologia Evolucionista sobre as cognições parentais.

Seidl de Moura, Vieira, Lordelo, Piccinini, Magalhães et al (2007), também estudando metas de socialização, realizaram uma análise de conteúdo das falas de mães de sete cidades brasileiras. O estudo teve como objetivos identificar quais as tendências principais das respostas das mães em relação as metas para seus filhos, compará-las aos dados de outros estudos latino-americanos, analisar as diferenças intraculturais observadas nas respostas das mães de diferentes regiões do país e discutir os fatores que podem explicar essas diferenças. A amostra foi composta por 350 mães primíparas de sete cidades das cinco regiões geográficas do Brasil. As participantes responderam a primeira pergunta da Entrevista de Metas de Socialização (SGI) de Harwood et al (1999). As repostas a esta pergunta foram codificadas de acordo com as cinco categorias de Harwood (1999): *Auto-aperfeiçoamento*, *autocontrole*, *Emotividade*, *Expectativas Sociais e Bom Comportamento*, já definidas acima na descrição de outros estudos.

Os autores comparam os resultados deste estudo com os obtidos em pesquisas anteriores e verificaram que as mães brasileiras se diferenciam de outras mães latinas no que refere as metas de socialização para suas crianças. Entre as mães da amostra brasileira foi verificado que as metas de *Auto-realização e Expectativas* sociais são valorizadas igualmente, indicando uma tendência tanto para metas individualistas como sociocêntricas. Também foram notadas diferenças entre as mães da diferentes cidades estudadas apontando para a valorização de três tendências gerais de socialização. As mães do Rio de Janeiro e João Pessoa valorizaram mais freqüentemente as metas de autonomia e independência, enquanto as mães de Campo Grande, Florianópolis e Porto Alegre valorizaram mais interdependência e sociocentrismo. As mães de Belém e Salvador apresentaram um padrão de metas tendendo

para a valorização de aspectos dos dois modelos anteriores, caracterizando o que a literatura tem chamado de modelo autônomo-relacional.

O estudo de Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al (no prelo), é uma iniciativa pioneira no Brasil ao comparar as metas de socialização de mães primíparas de sete centros urbanos brasileiros. Participaram do estudo 349 mães primíparas com idade entre 17 e 47 anos, que tinham apenas um filho/filha com idade entre 01 e 48 meses. As participantes responderam a uma versão adaptada e resumida da Entrevista de Metas de Socialização (Socialization Goals Interview – SGI) de Harwood e colaboradores. As respostas das mães foram codificadas de acordo com as seguintes categorias: a) automaximização, b) autocontrole, d) emotividade, d) expectativas sociais, e) bom comportamento, de Leyendecker, Harwood, Lamb & Schöelmerich (2002).

Os resultados indicaram que as participantes das amostras das sete capitais não possuem diferenças significativas em relação a idade, nível de escolaridade, escore de *status socioeconômico* e idade da criança, foi identificada correlação positiva entre o nível de escolaridade das mães e o *status socioeconômico*. No que se refere a relação entre variáveis sócio demográficas e metas foi verificado que o nível de escolaridade apresentou correlação positiva apenas com *Emotividade*.

Nas análises das respostas das mães ao SGI foram encontrados os seguintes resultados. As mães brasileiras das sete amostras se diferenciaram no tocante a quantidade de respostas codificáveis e tendem a relatar uma quantidade muito próximo de metas relacionadas a *Automaximização* e *Bom Comportamento*, dados que de acordo com os autores sugerem uma tendência aos modelos individualista e sociocêntrico, simultaneamente. Comparando os dados com os do estudo de Leyendecker et al (2002), os autores verificaram que as mães brasileiras apresentaram uma proporção de *Automaximização* semelhante a apresentada por mães a Anglo-americanas e significativamente maior do que a das mães da

América Central. Já em relação a *Bom Comportamento* as mães brasileiras apresentaram proporcionalmente mais respostas que as Anglo-americanas e menos do que as mães da América Central. As metas de *autocontrole* não foram mencionadas de modo significativo pelas participantes do estudo brasileiro. Nas metas de *Emotividade* as brasileiras mais uma vez se aproximaram das Euro-americanas, na categoria de *Expectativas Sociais* as participantes do estudo brasileiro foram mais expressivas do que as duas amostras do estudo de Leyendecker et al (2002).

Os resultados das comparações entre as mães das sete cidades indicaram que elas apresentaram padrões de respostas diferentes em relação a *Automaximização* e *Bom Comportamento*, mas foram semelhantes em *Emotividade* e *Expectativas Sociais*. Na categoria *Automaximização* as mães do Rio de Janeiro apresentaram um número de respostas significativamente superior a das mães de Campo Grande, Florianópolis e Porto Alegre. Os autores do estudo destacam que as mães do Rio de Janeiro apresentam um padrão de respostas semelhantes ao das mães dos centros urbanos ocidentais, valorizando mais *Automaximização* do que *Bom Comportamento*. Na categoria *Expectativas Sociais*, por outro lado, as mães do Rio de Janeiro forneceram significativamente menos respostas do que as mães de Belém, Campo Grande, Florianópolis e João Pessoa. As mães de Porto Alegre e Salvador não se diferenciaram em relação ao número médio de respostas fornecidas a essa categoria.

As mães do Rio de Janeiro e João Pessoa apresentaram um padrão semelhante, valorizando em primeiro lugar as metas de *Automaximização* e em segundo as de *Bom Comportamento*, o que pode ser considerada como uma inclinação na direção do modelo individualista, enquanto as mães de Campo Grande, Florianópolis e Porto Alegre, valorizaram em primeiro lugar *Bom Comportamento* e em segundo *Automaximização*, indicando uma inclinação para o modelo sociocêntrico. Já as mães de Belém e Salvador, se aproximaram mais da amostra nacional como um todo ao darem ênfase muito próxima as duas categorias de

metas de *automaximização* e *bom comportamento*, o que indica uma inclinação na direção de um modelo autônomo relacional. A categoria *Expectativas Sociais*, foi a terceira na preferência das mães de todas as cidades, com a menor frequência entre as mães do Rio de Janeiro, já *Emotividade* apareceu em aproximadamente 10% das respostas das mães da maioria das cidades.

No que se refere ao impacto das variáveis sociodemográficas sobre as metas de socialização os autores do estudo verificaram a ocorrência das seguintes correlações. O tamanho da população correlacionou-se positivamente com *Automaximização* e *Emotividade*, mas apresentou correlação negativa com *Bom Comportamento* e *Expectativas Sociais*, o que significa dizer que as mães das grandes cidades tendem a valorizar mais as metas de *Automaximização* e *Emotividade*, enquanto as mães de cidades com baixa densidade demográfica são mais prováveis de valorizar metas de *Bom Comportamento* e *Expectativas Sociais*. Não foram encontradas relações significativas das categorias de metas de socialização com o Índice de Desenvolvimento Humano. A renda per capita correlacionou-se negativamente com *Expectativas sociais*, o que significa que quanto maior a renda da cidade onde as mães vivem menor a tendência para a valorização deste tipo de metas de socialização.

Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al (2008, no prelo) destacam a importância de investigar a variabilidade intracultural para compreender a complexidade do contexto sócio-cultural ou nicho desenvolvimental humano, bem como para formular teorias sobre diferenças e semelhanças entre os diversos tipos de contextos. Destacam também a importância das informações fornecidas para a literatura em relação aos aspectos multidimensionais das categorias de metas parentais de *Autonomia*, *Sociocentrismo* e *Autônomo-Relacional*.

Como pode ser notado, apesar da existência de uma literatura nacional relacionada com a área de cognições parentais, ainda predomina a carência de estudos específicos sobre as

cognições de mães brasileiras, que comparem as populações das diversas regiões e contextos culturais do Brasil destacando as diferenças e semelhanças nas crenças e metas dessas populações. Neste sentido o presente estudo se propôs a investigar as práticas educativas valorizadas por meio da aplicação de uma adaptação do Questionário de Crenças e Práticas Maternas, desenvolvido por Suizzo (2002), e as metas de socialização utilizando o Entrevista de Metas de Socialização de Harwood e colaboradores (1999). Estes instrumentos foram escolhidos pelo fato de já terem sido adaptados, testados e validados para a população brasileira, por Seidl de Moura (2005).

Nos trabalhos descritos acima nota-se que na literatura estrangeira a maioria das pesquisas tem se preocupado em estabelecer comparações entre metas de socialização de mães de contextos diferentes, investigaram este fenômeno com participantes que residiam em contextos urbanos. Alguns estudos (Martin e Johnson, 1992 e Palácios, Moreno, 1996) investigaram crenças fazendo referências aos contextos urbanos e rurais. Na literatura brasileira destaca-se apenas o trabalho de Ruela (2006) que investigou crenças e metas entre mães avós de contexto rural. Fica evidente a carência de estudos sobre crenças parentais com populações de contextos não urbanos tanto no âmbito da literatura internacional como da literatura nacional. Neste sentido o presente trabalho se propõe a investigar as metas de socialização e práticas educativas de mães primíparas de dois contextos, urbano e não-urbano, considerando-os como contextos sócio-culturais que apresentam características que os distinguem entre si.

O Urbano X Não Urbano

Embora possa parecer evidente a diferença entre o que é urbano e rural, autores da área da Demografia e Sociologia relatam encontrarem dificuldades, tanto teóricas como empíricas, para definir os dois conceitos (Garcia, Plá, Mecking, Bosenbecker & Melo, (s/d); Reis, 2006; Siqueira e Osório, 2001). Estes autores consideram que a diferenciação entre urbano e rural implica que ambos devem ser contextualizados no mesmo período histórico.

Siqueira e Osório (2001) afirmam, por exemplo, que a discussão urbano x rural teve pouca ou nenhuma relevância para o homem medieval, pois embora nesse período já existisse as cidades

“... apenas parcela pouco significativa da população nelas residia. As pessoas plantavam para o sustento de sua própria comunidade feudal, levando uma vida que hoje classificaríamos de ‘rural’, embora para eles isto não tivesse, provavelmente, importância. Naquela época as cidades eram sobretudo pontos onde se localizava o(s) santuário(s), onde se realizava troca de mercadorias e portanto centros comerciais e administrativos”. (p.72).

Na visão destes autores as cidades começaram a ganhar importância no processo de transição para o capitalismo, ocasião em que as cidades teriam passado a concentrar mais fortemente as funções de centro com circulação de capital. Mas este fato não teria sido, suficiente para o grande avanço no desenvolvimento das grandes cidades, pois segundo os autores, “o capitalismo era essencialmente comercial, a população ainda era majoritariamente “rural” (p.72), desse modo apesar do desenvolvimento do comércio com o modelo capitalista, os meios de produção não exigiam deslocamento de grandes quantidades de mão-de-obra para um ponto central, como as cidades. Foi necessário um outro elemento que fosse capaz de

gerar todo o movimento da população camponesa em direção ao mesmo ponto geográfico para que assim se formassem os grandes centros urbanos.

Garcia, Plá, Mecking, Bosenbecker e Melo (s/d), afirmam que a Revolução Industrial tornou menos tangível o limite entre o campo e a cidade e teve duas conseqüências principais, a saber: (1) a perda da centralidade econômica, social e simbólica por parte do mundo rural e (2) o surgimento de uma visão do mundo rural como realidade arcaica, enquanto as aglomerações urbano-industriais passaram a ser vistas como sinal de progresso (p.30).

Reis (2006) pontua que a partir de meados do Séc. XXVIII, foram observadas profundas modificações na distribuição espacial da população. Essas modificações se configuraram como o crescimento das aglomerações urbanas com o conseqüente esvaziamento do meio rural. Este autor considera que o advento da indústria foi o principal responsável pela nova configuração espacial em várias regiões do globo, com a aparente consumação da separação entre áreas urbanas e rurais. Siqueira e Osório (2001), também relacionam a migração das populações do campo para as cidades com a Revolução Industrial e a ascensão do capitalismo industrial dando a produção, em substituição a comercialização, o papel de principal fonte de acumulação de capital. Os autores atribuem papel crucial ao desenvolvimento da máquina a vapor, principal fator de domaço da força motriz, no avanço dos meios de produção, dando independência espacial à indústria e possibilitando a sua instalação nos centros urbanos. Com desenvolvimento das indústrias a produção tornou-se um setor da produção industrial, ocasionando uma submissão das áreas rurais às exigências do capital industrial e o conseqüente predomínio das manifestações da cidade sobre a não cidade. (p.3)

Siqueira e Osório (2001) e Reis (2006) chamam atenção para o fato de que na visão de autores clássicos como Marx e Weber a separação entre urbano e rural não se limita simplesmente a um corte geográfico propriamente dito, pois para os autores citados, esta

separação teria suas bases em um conflito originado pouco antes da disseminação do capitalismo urbano-industrial, no qual estariam em questão duas realidades distintas. De um lado “o urbano, símbolo de incorporação do capitalismo e do progresso da técnica”, do outro “o rural, refúgio da aristocracia decadente e de antigas relações e formas de vida”. Desse modo a dicotomia entre rural e urbano representava, por um lado, os interesses das classes sociais que contribuíram para o aparecimento do capitalismo industrial, caracterizada pelo progresso da técnica e identificada com o novo, e por outro, das classes opostas e refratárias ao capitalismo na Europa do século XVII. Diante desse contexto duas abordagens principais são utilizadas por diferentes autores para definir o que seja urbano e rural, a saber: uma mais clássica, considerada dicotômica e a outra, mais recente, que considera a idéia de *continuum* entre urbano e rural.

A concepção dicotômica fundamenta as definições clássicas, que dão ênfase sobre as diferenças que se estabelecem entre os dois espaços, sendo o campo pensado como algo que se opõe a cidade. As bases que fundamentam as definições de acordo com esta abordagem, concentram-se principalmente nas características da economia vigente no espaço chamado ‘rural’, o qual de acordo com Sorokin & Zimmermann (1929), citados em Reis (2006)

“abrigaria, preferencialmente, a produção agropecuária, sendo que todas as outras características observadas no campo estariam vinculadas a essa atividade econômica. Outros tipos de atividades não-agrícolas se apresentam como acessórias e não se destacam como principal meio de subsistência dos indivíduos que habitam o meio rural”. (p.4)

Reis (2001) destaca que essas características relacionadas ao espaço rural referem-se a outro tempo, entretanto considera que alguns traços intrínsecos as definições clássicas ainda podem ser encontradas atualmente em diferentes graus de intensidade. O autor destaca também que as principais características que distinguem o rural do urbano estão relacionadas

a aspectos como: ocupação das pessoas, ambiente, tamanho das comunidades, diferenças de densidade demográfica, diferenças de homogeneidade/heterogeneidade da população.

A segunda abordagem, mais recente (Sorokin & Zimmerman e Galpin, 1929), parte do pressuposto de que o rural e o urbano são partes diferentes de um todo *continuum* que se complementam mutuamente e que, portanto não podem ser consideradas separadamente ou como entidades opostas. Siqueira e Osório (2001), ilustram de modo metafórico a relação urbano / rural de acordo com esta perspectiva:

“... é como se um plano fosse dividido ao meio e suas metades recebessem respectivamente as cores preto e branco. É a primeira etapa da diferenciação, em que a atenção se foca no contraste, e não no relacionamento profundo que existe, não pelas cores, mas pelo fato de serem metades partes de um mesmo plano. Gradualmente, a fronteira antes nítida entre as cores começa a se transformar. O preto entra no branco e o contrário, gradualmente, as tintas se misturam e por fim temos o plano preenchido não mais por duas metades, mas por um gradiente que vai do branco em um extremo do plano ao preto em outro, passando por ínfimos tons de cinza. É a segunda etapa da diferenciação, quando as definições precisas são implodidas e ressurge gloriosa a relação profunda e a unidade existente entre o preto e o branco, componentes do mesmo plano, da mesma realidade”. (p. 76)

Apesar da idéia de *continuum*, comparativamente a abordagem dicotômica, ser mais adequada ao estudo da relação rural/urbano, há certa concordância acerca de sua inadequação para o entendimento desta relação em todos os contextos da economia atual. Siqueira e Osório

(2001) e Reis (2006) concordam que nos países em desenvolvimento, bem como naqueles mais atrasados não é possível utilizar esta perspectiva, considerando que ali ainda poder ser identificado um limite mais nítido entre os dois tipos de espaço, sendo, portanto mais adequado o uso da abordagem dicotômica. Cabe aqui uma breve análise da realidade brasileira a fim de compreendermos qual a abordagem se apresenta mais adequada para a distinção entre os espaços aos quais estamos acostumados a chamar de urbano e rural.

No que se refere à configuração espacial do Brasil, Reis (2006), aponta que no início do século XX a sociedade brasileira apresentava-se como amplamente rural e que foi no período de 1940 a 1980 que houve a inversão na distribuição populacional entre áreas urbanas e rurais, ocasionando o crescimento desordenado das grandes cidades e a formação dos centros metropolitanos, com conseqüente esvaziamento das áreas rurais. A migração do homem camponês em direção as grandes cidades pode relacionar-se com diversos fatores, dentre os quais dois podem ser destacados: (1) as dificuldades enfrentadas no tocante a falta de apoio técnico e financeiro e (2) a falta de acesso aos serviços de educação e saúde, os altos custos para a sobrevivência, associados à esperança/promessa de uma vida melhor nas grandes cidades, onde estão disponíveis as escolas e unidades de saúde, e supostamente seria mais fácil conseguir um emprego e desse modo garantir a sobrevivência.

Por outro lado de acordo com Reis (2006) nos últimos anos foram publicados diversos trabalhos que mostram transformações significativas no meio rural brasileiro, enfatizando novas formas de produção e de sobrevivência, que não se inserem no contexto das atividades agropecuárias. Matos, Sathler e Umbelino (2004), por exemplo afirmam que “a crescente urbanização das áreas rurais do país, fato que é observado há tempos nos países desenvolvidos, imprime um novo significado ao campo”. Estas mudanças se configuram em aspectos como a diversificação econômica, o que faz com as áreas rurais desenvolvam

características que, de acordo com as definições clássicas, pertencem ao meio urbano, isto significa dizer que...

“o urbano deixa de ser o ‘locus’ praticamente exclusivo da indústria, do comércio e dos serviços. A população rural brasileira vem se ocupando menos com as atividades de natureza agrícola. Crescem as ocupações associadas a uma nova dinâmica no meio rural derivada da presença crescente dos setores secundário e terciário, em atividades do tipo urbano, mas localizadas dentro de áreas rurais, a exemplo das ligadas ao lazer, ao turismo e mesmo à terceirização de parte das atividades do processo produtivo da agropecuária”. (Silva, 1997).

Isto implica em um aumento da dificuldade em na utilização de modelos clássicos para distinguir o que é urbano do que é rural no Brasil. Há também dificuldades do ponto de vista legal, pois segundo Reis (2006) a “legislação vigente data do Estado Novo (Decreto-lei 311 de 1938), momento em que o país era vastamente rural, e considera urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila) sem levar em conta suas características estruturais e funcionais”. Veiga (2002) considera que estas inadequações da legislação no que se refere às definições espaciais são aberrações que colocam “o Brasil entre os países mais atrasados do mundo do ponto de vista territorial”.

Para Reis (2006) o expressivo crescimento populacional no período 1940-1980 e o avanço do processo de urbanização exigem definições mais condizentes com essa nova configuração espacial brasileira. As evoluções institucionais posteriores não estiveram próximas de uma solução e o recente estatuto da cidade também é omissivo sobre esta questão. Siqueira e Osório (2001) pontuam que no caso brasileiro mesmo nos casos de conceituações que poderiam ser consideradas como mais precisas, como as utilizadas nas pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) “são calcados em representações várias

existentes sobre o aspecto da realidade que se pretende conceituar” (p.77), pois são os municípios que definem o que é rural e urbano em seu plano diretor de ordenamento espacial, entretanto este documento é elaborado por uma equipe técnica e submetido a Câmara Municipal. Por esta razão estes autores consideram que em ultima análise são os critérios políticos que definem o que é urbano e o que é rural.

Com base na metáfora da mistura das cores em plano, de Siqueira e Osório (2001), Reis (2006) chega a conclusão de que no Brasil ainda existem regiões onde o plano se encontra dividido em apenas duas partes contrastantes, mas que de modo geral pode ser observado a variação das duas cores formando um *continuum*. Os autores consideram o “Novo Rural” brasileiro como a principal evidencia de que as relações dicotômicas estão cada vez mais distantes de representar adequadamente a realidade, sendo, portanto a idéia de *continuum* a formulação teórica mais coerente para o caso brasileiro.

Objetivo Geral

Os objetivos do presente estudo foram formulados buscando-se contribuir para a compreensão mais aprofundada do papel do contexto sócio-cultural em diferentes nichos, das crenças maternas e do modo como estas se relacionam com as metas de socialização e com as práticas de cuidado de crianças em mães primíparas. Os resultados podem fornecer subsídios para atuação de profissionais que lidam com crianças (como pediatras, psicólogos e professores entre outros) bem como na elaboração para programas educativos voltados para a orientação de mães de crianças pequenas. Desse modo teve-se como objetivo geral:

1. Analisar de que forma distintos contextos sócio-culturais influenciam as cognições maternas.

Objetivos Específicos:

- a) Descrever as características sócio-demográficas das mães da amostra estudada;
- b) Identificar quais as práticas educativas valorizadas pelas mães-participantes do estudo;
- c) Identificar a relação entre as características sociodemográficas das mães e das crianças com a valorização de práticas;
- d) Caracterizar as metas de socialização das mães-participantes;
- e) Caracterizar a relação entre as características sociodemográficas das mães e das crianças com as metas de socialização explicitadas;
- f) Descrever a relação entre contexto em que as mães vivem e suas metas de socialização.

Considerando os objetivos do estudo e os relatos da literatura indicando que o nível de escolaridade materna tem relação com o contexto onde as mães moram e tem grande influência sobre as cognições destas mães foram levantadas algumas hipóteses acerca dos resultados que seriam obtidos neste estudo. Partiu-se do pressuposto de que as mães de Belém deveriam apresentar níveis de instrução significativamente maior do que os das mães de Santa

Bárbara, que como conseqüências desta diferença também deveriam apresentar maiores escores para o Questionário de Crenças sobre Práticas e maiores níveis de fluência verbal nas respostas relacionadas as metas e estratégias de socialização. Também foi pressuposto que as mães de Belém, comparativamente as de Santa Bárbara apresentariam: (1) uma maior tendência a valorização das práticas relacionadas a estimulação e a apresentação e menor tendência para a valorização das práticas dirigidas a responsividade e disciplina; (2) maiores escores médios relacionados as metas de automaximização e autocontrole e menores escores relacionados as metas de bom comportamento e expectativas sociais; e (3) apresentar maior ênfase nas estratégias centradas no contexto e nas habilidades da criança e menor ênfase em estratégias centradas em si. Também foram levantadas as hipóteses de que nos dois contextos as categorias de estratégias centradas no contexto e nas habilidades da criança se correlacionariam positivamente com a valorização de crenças sobre estimulação e com as metas de automaximização e que as estratégias centradas em si apresentariam correlação positiva com as metas de bom comportamento.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 100 (cem) mães primíparas com no mínimo 18 anos de idade ($M= 23,82 / SD= 5,13$) com filho com idade de zero a 59 meses ($M= 17,62 / SD= 12,71$), sendo 50 de contexto urbano, residentes no município de Belém e 50 de contexto não-urbano, moradoras dos povoados localizados no município de Santa Bárbara do Pará. A decisão de estudar esta faixa etária deveu-se ao fato de que um dos instrumentos disponíveis que foram utilizados envolviam questões somente aplicáveis a crianças pequenas. Por outro lado a escolha de investigar as metas em mães primíparas levou em consideração que esta é uma área de pesquisa que já vem sendo desenvolvida no Brasil, por Seidl de Moura (2005) em áreas urbanas, e que amostras não-urbanas precisam ser investigadas.

Ambiente

Diante do exposto acerca da dificuldade de distinção precisa entre os conceitos de ‘urbano’ e ‘rural’ e considerando que o presente estudo se propôs a comparar as cognições de mães de dois contextos que se apresentam nitidamente diferentes, optou-se por utilizar os termos ‘urbano’ e ‘não-urbano’ em alusão aos contextos estudados. O contexto urbano refere-se a cidade de Belém e os contextos não-urbanos referem-se a povoados do município de Santa Bárbara do Pará, para os quais foram consideradas as definições da Lei nº. 091 de 05 de outubro de 2006 que estabelece o Plano Diretor do Município de Santa Bárbara do Pará e concebe a ordenação espacial do município em três níveis: áreas urbanas, áreas de expansão urbana e áreas rurais. A seguir são apresentadas as descrições dos dois contextos estudados (as cidades de Belém e Santa Bárbara) enfatizando aspectos da infraestrutura de saúde, educação e outros serviços, bem como características ligadas a área da produção, densidade demográfica, Produto Interno Bruto (PIB) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Descrição dos contextos estudados

A Cidade de Belém

Belém é a capital do estado Pará, uma metrópole localizada no coração da Amazônia sendo considerada o portão de entrada para a região. Segundo dados da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) do Governo do Estado do Pará, dois terços de seu território são formados por ilhas de grande potencial para o turismo ecológico, 39 das quais já são identificadas e habitadas. Dados do IBGE indicam que em 2007, Belém possuía uma população estimada em 1.408.847 habitantes distribuídos por uma área de 106.492 Km², uma densidade demográfica de 1.322,3 hab/km² e um Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - 2000) = 0,806.

No campo referente à saúde os dados indicam que no período de 2002 a 2003 Belém contava com 330 estabelecimentos de saúde, sendo a maioria, 240 estabelecimentos, pertencentes à rede privada e apenas 90 pertencentes a rede pública. Do total de 330 estabelecimentos de saúde apenas 59 (46 privados e 13 públicos) oferecem serviços de internação, os quais eram responsáveis pela disponibilidade de 4.226 leitos hospitalares, estando um total de 2.539 disponíveis ao SUS. No tocante ao número de postos de trabalho na área saúde os dados indicam existência de 7080 postos de nível superior e 6488 de nível técnico/auxiliar, entretanto os postos de nível superior referem-se apenas aos médicos, enfermeiros e odontólogos, outros profissionais que atuam na área de saúde como psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e assistentes sociais não são referidos nas estatísticas. Ainda no campo da saúde Belém conta com tratamentos de baixa, média e alta complexidade, dispondo de equipamentos sofisticados para tratamentos como terapia por radiação, hemodiálise, manutenção da vida, e para diagnóstico como mamógrafos simples e com estereotaxia, tomógrafos, eletrocardiógrafos, ultra-som com doppler colorido e ecógrafo, entre outros.

No que se refere à educação, os dados do censo educacional do Ministério da Educação de 2004 apontaram a existência de 379 estabelecimentos de ensino fundamental, sendo 290 da rede pública e 89 da rede privada, os quais respondiam pela matrícula de 216.885 alunos e empregavam 8.496 professores; 122 estabelecimentos de ensino médio sendo 85 da rede pública e 37 particulares, sendo responsáveis pela matrícula de 96.981 estudantes e pela ocupação de 4.225 docentes; 200 unidades de educação pré-escolar sendo 94 públicas e 106 privadas, responsáveis pela realização de 20.933 matrículas e ocupação de 1020 docentes; e 14 instituições de ensino superior sendo 3 federais, 01 estadual e 10 particulares, responsáveis pela realização de 46.790 matrículas e pela ocupação de 4.039 docentes.

No campo da economia os dados do IBGE apontam que o município de Belém conta com unidades de produção e geração de emprego e renda em diversas áreas como a industrial, comércio e prestação de serviços, bem como agricultura e agropecuária. Na área da indústria encontram-se atividades de pesca e de extração vegetal, transformação de matéria prima, produção e distribuição de água, gás e energia elétrica e construção. Na área do comércio e prestação de serviços destacam-se os serviços de transportes/armazenagem/comunicação, alojamento/alimentação, intermediação de fianças, imobiliária, educação, saúde e serviços sociais. Há ainda as unidades da administração pública e outros serviços não categorizados.

De acordo com os dados da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) do Governo do Estado do Pará, Belém conta também com um grande potencial para atividades relacionadas ao turismo, em especial o turismo ecológico nas regiões das Ilhas das Onças, dos Papagaios, Combu, Arapiranga, Outeiro, Mosqueiro e Cotijuba. Ainda na área do turismo dispõe da arte marajoara e tapajônica, em Icoaraci, o distrito conhecido por Vila Sorriso e um patrimônio histórico riquíssimo, com teatros, museus, praças e belas igrejas e com uma

culinária rica em pratos e frutas típicas. Além disso, tem o Círio de Nazaré, a maior festa religiosa do país, que acontece há mais de 200 anos no segundo domingo de outubro e reúne cerca de um milhão e meio de pessoas.

Santa Bárbara do Pará

O município de Santa Bárbara do Pará foi criado em 1991 por meio de desmembramento do Município de Benevides, faz parte da Mesorregião Metropolitana de Belém e está localizado a 62 km da capital paraense. Ocupa uma área de aproximadamente 276.16 km², sendo composta por diversos povoados (Livramento, Pau D'arco, Genipauba, Povoado do Batista, Colônia do Chicano e São Paulo das Pedrinhas, entre outros) distribuídos em torno da sede municipal. Conforme dados da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) do Governo do Estado do Para a vida em Santa Bárbara gira em torno do vai-e-vem dos veículos que passam pela PA 391, Rodovia que liga Belém a Mosqueiro, especialmente da venda de produtos como: bebidas, frutas regionais e frutos do mar, principalmente camarão, a beira da referida rodovia. Este comércio informal seria responsável pela movimentação de todos os membros da família.

Dados do IBGE indicam que, em 2007, Santa Bárbara contava com uma população estimada em 13.714 habitantes distribuídos por uma área de 278.151 km², uma densidade demográfica de 43,33 hab/km² e um Índice de Desenvolvimento Humano – IDH (PNUD 2000) = 0,686. No tocante a infra-estrutura a cidade conta com 03 (três) estabelecimentos de saúde com atendimento ambulatorial, não disponibiliza leitos para internação. Em relação a outros serviços o município conta com agência dos correios, serviços de telefonia residencial e pública. No referente a saneamento a sede do município apresenta serviço de abastecimento de água e esgoto sanitário.

Números do censo demográfico realizado em 2003 indicam o município como produtor de Dendê, possuindo 3.100 hectare de plantação a qual foi responsável por uma

produção de 50.500 toneladas de coco de dendê. Além dessa produção o município contava com rebanhos efetivos de bovinos (incluindo vacas ordenhadas), suínos, aves, além de rebanhos menos expressivos de muares, bufalinos, caprinos e ovinos, tendo uma produção de leite de vaca e ovos de galinha.

Conforme dados do Censo Escolar do Ministério da Educação em 2004 o município contava com 15 estabelecimentos de ensino pré-escolar na rede municipal, sendo responsáveis pela efetivação de 1.096 matrículas; 24 escolas públicas de ensino fundamental, sendo 07 da rede estadual e 17 da rede municipal, as quais foram responsáveis por 2035 e 1499 matrículas, respectivamente, totalizando 3.534 matrículas; e apenas 01 (um) estabelecimento de ensino médio, da rede estadual, sendo responsável pelo atendimento de 807 matriculados.

Sintetizando as principais informações citadas acima, selecionamos os dados referentes a população, a área territorial, a densidade demográfica, IDH e PIB, que estão apresentadas no quadro 01.

Quadro 01: Síntese dos dados demográficos de Belém e de Santa Bárbara

	Belém	Santa Bárbara
População (IBGE 2007)	1.408.847	13.714
Área (Km ² /IBGE 2007)	106.492	278,151
Densidade Demográfica	1.322,3	43,33
IDH (PNUD 2000)	0,806	0,686
PIB (IBGE 2005)	R\$ 11.227.415.000	R\$ 36.476.000

Fontes: IBGE.

Nota-se que, apesar de muito próximas geograficamente (ver figura 01), as duas cidades apresentam-se nitidamente diferentes no tocante a diversos aspectos, como por exemplo os relacionados a rede de serviços, área e densidade demográfica.



Fonte: Adaptado de Google mapas. (<http://maps.google.com.br>)

Figura 01: Localização geográfica dos Municípios de Belém e Santa Bárbara.

O ambiente da pesquisa durante a coleta dos dados nos dois contextos, na maioria absoluta dos casos, foi a residência das participantes do estudo. Durante as outras fases da realização da pesquisa o ambiente foi uma sala localizada no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Pará.

Instrumentos e Materiais

A fim de obter as informações necessárias à consecução dos objetivos propostos foram utilizados três instrumentos durante o processo de coleta de dados, a saber:

- 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 01) - Documento criado pelos pesquisadores que formaliza o compromisso entre esses e as participantes no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa e o caráter voluntário da participação;
- 2- Questionário de Crenças sobre Práticas Maternas (Anexo 02) - Criado por Suizzo (2002) e adaptado e validado por Seidl de Moura (2005), este instrumento é composto por 50 itens, sendo 25 relacionados a bebês até 01 ano e 25 para crianças entre 1 e 3 anos. Para cada

item foi pedido que a mãe assinalasse em uma escala de 06 pontos, a importância que atribuía ao item (de discordo a extremamente importante). As mães foram orientadas a responder de acordo com o que pensava e não com o que fazia com seu/sua filho (a). Para além das questões relacionadas às práticas e crenças maternas já mencionadas, o questionário contém perguntas que levantavam dados sociodemográficos ou de natureza sócio-demográfica do bebê (idade e sexo) e dos seus pais (idade, instrução e ocupação).

3- Entrevista de Metas de Socialização (Anexo 03) - Instrumento desenvolvido originariamente por Harwood, Schoelmeirch, Schulze, e Gonzalez (1999) e adaptado e validado pelo grupo de pesquisa de Seidl de Moura (2005). A versão adaptada do instrumento é formada por duas perguntas abertas que foram feitas individualmente às mães:

1. Que qualidades você desejaria que seu filho (a) tivesse como adulto?
2. O que você acha que é necessário para que ele (a) possa desenvolver essas qualidades?

Procedimento

A pesquisa foi desenvolvida em cinco fases sequenciais, a saber: aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética, seleção e treinamentos de discentes de graduação em Psicologia para atuarem como pesquisadores participantes, seleção da amostra, coleta dos dados e análises propostas.

Fase 1 - Aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Núcleo de Medicina Tropical de Universidade Federal do Pará, no mês de fevereiro do 2007, e recebeu o parecer “aprovado” (Anexo 04), após as alterações sugeridas pelos pareceristas do referido

CEP em relação a aspectos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Metodologia.

Fase 2 - Treinamento de discentes

Foi realizado treinamento para uma equipe de quatro discentes do curso de graduação em Psicologia a fim de habilitá-los ao uso preciso dos instrumentos utilizados no estudo. Inicialmente foram realizadas reuniões nas quais os instrumentos foram apresentados aos discentes. Após esse contato inicial, os discentes realizaram entrevistas piloto aplicando os instrumentos em um grupo de pessoas com características semelhantes à população-alvo da pesquisa. Os discentes também foram treinados para analisarem os dados do Questionário de Metas de Socialização utilizando as categorias de Harwood, Schoelmerich, Schulze e Gozalez (1999), bem como para o manuseio do pacote estatístico SPSS que foi utilizado na análise dos dados provenientes do Inventário de Crenças sobre Práticas Maternas e para o cruzamento entre estes com as categorias de metas e de estratégias de socialização e com as variáveis sócio demográficas.

Fase 3 - Seleção da Amostra

No contexto urbano o contato com as participantes se deu inicialmente a partir da indicação de mães que poderiam se enquadrar nos critérios de inclusão na amostra, essa indicação feita por pessoas conhecidas do pesquisador. Após indicação foi iniciado contato com as possíveis participantes por meio de visita domiciliar e/ou ligações telefônicas. Na ocasião do contato com as participantes o pesquisador se apresentava e falava brevemente sobre a pesquisa que estava realizando, e após verificar se a mesma se enquadrava nos critérios para inclusão na pesquisa era feito o convite para que participasse do estudo. A partir da resposta afirmativa da mãe em relação a sua disposição em participar, o pesquisador

combinava local, data e hora para realização da entrevista. Nos casos em que o primeiro contato foi feito por visita domiciliar e a mãe tinha disponibilidade naquele momento para a entrevista, esta foi realizada na primeira visita.

No contexto não urbano o contato com as participantes se deu inicialmente pela visita a líderes comunitários que indicavam mães que possivelmente se enquadrassem nos critérios de inclusão na amostra. A partir da indicação dos líderes de cada comunidade os pesquisadores visitavam as potenciais participantes, lhe falavam sobre a pesquisa e efetivavam o convite. Mediante a aceitação do convite eram apresentados os instrumentos de modo semelhante ao que foi feito com as mães do contexto urbano e caso a mãe tivesse disponibilidade a entrevista era realizada no mesmo momento, caso contrário era combinado um horário para que um pesquisador retornasse.

Fase 4 - Coleta de dados

Antes de ir ao encontro com as mães os pesquisadores organizavam os instrumentos e materiais necessários à realização da entrevista, a saber: caneta, prancheta, resumo esquemático do projeto para apresentação a participante, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido impresso em duas vias idênticas, Questionário de Crenças sobre Práticas Maternas e a Entrevista de Metas de Socialização.

No encontro com as mães que já tinham aceitado participar do estudo, o pesquisador apresentava o projeto em linhas gerais, utilizando linguagem adequada para a compreensão da participante, levando em consideração as peculiaridades de sua classe socioeconômica e do contexto onde vive, explicando a importância da realização da pesquisa. Apresentava os instrumentos explicando a sua finalidade e o tipo de informação que deveria ser fornecido a cada um deles. Em seguida pedia que assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, fornecendo-lhe uma cópia idêntica por ele assinada e com os meios de contato

(telefone, celular e e-mail) para que a participante pudesse fazer contato com o pesquisador caso necessitasse esclarecer quaisquer dúvidas relacionadas a sua participação no estudo.

Em seguida, o pesquisador iniciava a aplicação do Inventário de Crenças sobre Práticas Maternas, que será descrita, para efeito didático, em 2 momentos:

1º Momento - Coleta de dados sócio-demográficos: o pesquisador solicitava a mãe que fornecesse informações, referente a si mesma e ao pai do bebê (nome, idade, estado civil, escolaridade, profissão e atividade atual) e outras relacionadas a criança (nome, sexo, data de nascimento), e registrava todas as informações fornecidas nos campos apropriados do instrumento. No campo referente aos nomes da mãe, do pai e do bebê foram anotadas apenas as iniciais do nome de cada um a fim proteger suas identidades.

2º Momento - Aplicação do Questionário: a aplicação do Questionário Crenças sobre Práticas Maternas ocorreu conforme os três seguintes passos:

Passo 1 - Instrução inicial: o pesquisador sentava-se ao lado da participante com o instrumento em mãos, segurando-o de modo que a mesma pudesse visualizar seu conteúdo, explicava que seria feita a leitura de 50 afirmações e que ela deveria atribuir nota de “zero” a “cinco” para cada uma delas, de acordo com o seu nível de concordância com a afirmação, onde zero significava ‘não concordo’, um significava ‘não é importante’, dois ‘é pouco importante’, três é razoavelmente importante’, quatro ‘é muito importante’ e cinco ‘é extremamente importante’.

Passo 2 - Verificação de Entendimento: Concluída a instrução era verificado se a participante havia compreendido como deveria responder ao inventário, para dar início a aplicação do instrumento, a verificação era feita da seguinte forma: o pesquisador lia a primeira assertiva do instrumento “Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes”, e citava cada nota e seu significado, a seguir solicitava à mãe que atribuisse a sua nota a esta afirmação e aguardava a sua resposta. Quando demonstrava insegurança para

responder o pesquisador perguntava se a mesma havia compreendido como deveria responder, caso a resposta fosse negativa repetia-se a procedimento de instrução. Uma vez que a mãe respondesse atribuindo uma das notas (de 0 a 5) ou recitando o seu significado o pesquisador registrava a nota atribuída pela respondente no campo apropriado do instrumento, e considerava que a instrução havia sido compreendida e passava a para o item seguinte do instrumento.

Passo 3 - Aplicação: Garantida a compreensão da mãe, através da instrução fornecida, era dada seqüência a aplicação do instrumento na qual o pesquisador lia cada uma das afirmativas por vez, como por exemplo: “Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes”, e solicitava a resposta da mãe sempre mostrando as alternativas que deveriam ser escolhidas, registrando a nota atribuída pela respondente no campo apropriado no instrumento, seguindo desse modo até a conclusão da aplicação do instrumento. Mesmo considerando que a mãe tinha compreendido a instrução o pesquisador recitava o significado de cada nota até a quinta assertiva a fim de fixar a relação nota/significado e garantir que a nota respondida (falada) pela mãe correspondia ao nível de concordância com a assertiva.

Uma vez concluída a aplicação do Questionário de Crenças sobre Práticas Maternas foi aplicado a Entrevista de Metas de Socialização. As mães foram informadas que lhe seriam feitas as duas perguntas da Entrevista de Metas Socialização, uma de cada vez, e que ela deveria responder a cada uma com base naquilo que ela pensava e não haveria resposta incorreta para nenhuma das perguntas. Foi feita a primeira pergunta : “Que qualidades você desejaria que seu filho (a) tivesse como adulto?” enquanto a mãe estava respondendo a pergunta o pesquisador escutava atentamente a sua resposta e fazia o registro cursivo de suas verbalizações.

Após as anotações da resposta a primeira questão, foi feita a segunda pergunta: “O que você acha que é necessário para que ele (a) possa desenvolver essas qualidades?” seguindo o

mesmo procedimento, de escuta e registro, adotado em relação a resposta para a primeira pergunta. Concluída a aplicação da Entrevista sobre Metas de Socialização o pesquisador agradecia a cada mãe pela sua contribuição para com o seu trabalho de pesquisa e reafirmava a sua disponibilidade para prestar quaisquer esclarecimentos, as participantes, de dúvidas relacionadas ao estudo em qualquer momento em que se fizer necessário e por último solicitava a participante que indicasse outra mãe conhecida por ela para participar da pesquisa.

Fase 5 - Análise de dados

Dados Sociodemográficos

Embora tenham sido coletados dados sócio demográficos referentes às mães, seus cônjuges/parceiros e as criança, nas análises estatísticas foram tratados apenas os dados relacionados às mães (idade e escolaridade) e as crianças (idade e sexo), considerados de maior relevância para os objetivos do estudo.

Os dados sócio demográficos passaram por um processo de pré-análise que consistiu basicamente na verificação da possibilidade de agrupamento e/ou categorização das informações referentes a algumas variáveis, bem como da codificação dos níveis ou categorias para aquelas que se mostraram passíveis de categorização. Algumas variáveis como a idade das mães e das crianças foi considerada os seus valores absolutos para o procedimento de análise, por considerarmos que desse modo seria possível verificar com mais precisão o efeito destas variáveis sobre as crenças acerca das práticas e sobre as metas de socialização. Posteriormente as idades das mães e das crianças foram agrupadas em faixas etárias apenas para efeito de representação gráfica. O sexo das crianças foi agrupado em masculino e feminino.

O nível educacional das mães foi classificado levando em, em uma escala de 7 níveis como segue: 1, ensino fundamental incompleto; 2, ensino fundamental completo; 3, ensino médio incompleto; 4, ensino médio completo; 5, curso superior incompleto ou curso superior completo com duração inferior a 3 anos; 6, curso superior completo; 7, pós-graduação. Estes dados foram reagrupados em três níveis para efeitos de apresentação gráfica.

Após os passos da pré-análise os dados foram lançado em uma planilha do SPSS a fim de se proceder a aplicação do teste *t* de Student para verificar a existência de diferenças significativas entre as duas amostras e de possibilitar análise cruzando estas variáveis com os dados provenientes do Questionário de Crenças sobre Práticas e da Entrevista de Metas.

Inventário de Crenças sobre Práticas

Os dados provenientes do Questionário Crenças sobre Práticas Maternas - *Croyances et idées sur les nourissons et petits enfants* – CINPE (Suizzo 2002) foram lançados no pacote estatístico SPSS e para que fosse possível proceder às análises foram necessárias primeiramente a limpeza e organização dos dados na planilha. Inicialmente os valores correspondentes a assertivas onde as participantes não tivessem fornecido resposta (missing values) foram preenchidos automaticamente com um valor equivalente a média das respostas da amostra à referida assertiva, utilizando recursos do SPSS, de modo que não ficaram campos vazios. A seguir foi feita a recodificação das respostas das assertivas 35, 36 e 40, por meio da inversão de escores atribuídos por cada mãe a estas assertivas, devido ao fato das mesmas apresentarem interpretação invertida. Com a inversão o zero passou a valer cinco, o um passou a valer quatro, o dois passou a valer três, o três passou a valer dois, o quatro passou a valer um e o cinco passou a valer zero, conforme demonstrado no quadro 02.

Quadro 02: Demonstrativo da inversão dos valores dos escores atribuídos aos itens do Questionário de Crenças sobre práticas.

Escore antigo		Escore invertido
0	→	5
1	→	4
2	→	3
3	→	2
4	→	1
5	→	0

Considerando o fato de que o número total de participantes do estudo (N= 100) foi insuficiente para a realização de uma análise fatorial, utilizou-se o agrupamento de assertivas provenientes da primeira análise realizada com uma amostra de mães de sete capitais brasileiras, feita pelo grupo de estudos nacional sobre crenças (Vieira, Seidl de Moura, Martins, Macarini, Rimoli, Magalhães et al, s/d) por se tratar de uma investigação que realizou análise fatorial para amostra brasileira. Foi feito o cálculo do escore médio de cada participante em cada uma das dimensões constantes do inventário de Suizzo (2002), as quais se relacionam com aspectos do desenvolvimento infantil, a saber: 1) Estimulação (formada por 15 assertivas, de 1 a 12, 14, 15 e 37) - chamar a atenção e expor o bebê a diferentes estímulos (cognitivo e motor); 2) Apresentação (formada por 11 assertivas, 17 a 19, 21 a 24, 26, 38, 41 e 47) - garantir a apresentação apropriada do bebê (social); 3) Responsividade e vínculo (6 assertivas, 28, 29, 31, 33, 36 e 45) - responder ao bebê e criar vínculo com ele (emocional). Disciplina (4 assertivas, 35, 43, 44 e 50) - educação dos filhos no sentido maior de ensinar regras. Escore médio por dimensão foi conseguido com a somatória dos escores das assertivas que formam a dimensão dividida pelo número de assertivas que compõem a dimensão. Também foram calculados os escores médios atribuídos pelas mães dos dois contextos para cada assertiva.

Para verificar se havia diferenças significativas entre as médias dos escores das participantes dos dois contextos foi aplicado o Teste *t* de Student para amostras

independentes. Foram aplicados testes para verificar a existência de correlações (r) entre as dimensões “estimulação” e “apresentação”, os fatores sócio-demográficos e as categorias de metas e de estratégias de socialização em cada amostra.

Entrevista sobre Metas

A análise dos dados da Entrevista de Metas de Socialização consistiu inicialmente na digitação de todas as falas das mães referentes às respostas para as duas perguntas constantes da entrevista. Após a digitação e correção ortográfica das falas digitadas procedeu-se a pré-análise realizada com a leitura das respostas com a conseqüente seleção de extratos verbais que pudessem ser considerados como descritores de metas, no caso da primeira pergunta, e de estratégias de socialização, no caso da segunda pergunta.

Das respostas dadas as primeiras pergunta foram selecionadas palavras descritoras, por exemplo adjetivos, e frases descritoras. Foram consideradas descritoras de metas de socialização todas as palavras e/ou frases afirmativas que dentro do contexto da resposta da mãe pudessem assumir a função de adjetivo, descrevendo assim uma qualidade desejada. Foram consideradas também como descritores as palavras e/ou frases negativas relatando características não desejadas, considerando estas como indicadores do desejo das qualidades opostas as características não desejadas descritas.

Após a extração e organização de todos os extratos de fala considerados categorizáveis, procedeu-se ao teste de concordância na categorização dos extratos de falas das mães. O teste de concordância se deu do seguinte modo: os juízes estudaram conjuntamente e com detalhamento as definições de cada uma das categorias, e verificada a ausência de definição das subcategorias procedeu-se à definição das mesmas, a seguir os juízes passaram a analisar de modo independente os 169 (aproximadamente 1/3 do total de 509) trechos extraídos das falas das mães como descritores de metas e enquadrar nas categorias e subcategorias previamente estudadas.

Após análise da quantidade de metas estabelecidas para o teste os juízes voltaram a se reunir para verificar se houve concordância na análise. Nas duas primeiras tentativas não foi conseguido um nível de concordância satisfatório entre as análises de três pesquisadores, foi retomado o estudo das definições das categorias e subcategorias e detectado que havia problemas, como por exemplo sobreposição e ambigüidade, com as mesmas. Diante disso fez-se necessário a retomada de discussões das definições, algumas categorias e subcategorias tiveram suas definições refeitas e uma subcategoria teve seu nome modificado (de 'integridade pessoal e valores religiosos' para 'valores familiares religiosos e políticos'). Procedeu-se então a terceira tentativa do teste de concordância seguindo o mesmo procedimento descrito acima e ao final quando foram comparadas as novas análises dos três juízes conseguiu-se uma concordância de 100% em 158 (aproximadamente 94%) das metas analisadas. Os casos nos quais não houve concordância foram discutidos pelos pesquisadores que chegaram a um consenso acerca da categorização dos mesmos.

Garantida a fidedignidade do julgamento dos extratos de fala, foi dada a seqüência na análise e categorização das metas de socialização de acordo com as cinco categorias elaboradas por Harwood, Schoelmerich, Schulze e Gozalez, (1999), acrescidas das subcategorias de Leyendecker, Harwood, Lamb e Sholmerich (2002) e definições de subcategorias realizadas no presente estudo. Posteriormente verificou-se que as definições de subcategorias do presente estudo coincidem na maioria dos aspectos com a definições de Citlak, Leyerdecker, Schöelmerich, Driessen e Horwood (2008). As categorias e subcategorias utilizadas no presente estudo são as que seguem:

1. Auto-aperfeiçoamento/Auto maximização (AA/AM): preocupação com que a criança se torne autoconfiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e capacidades como indivíduo. Esta categoria subdivide-se em três áreas:

a) Bem Estar Emocional e Físico e Integração (BEEFI): preocupação com que a criança tenha um bom desenvolvimento emocional e físico, que se sintam bem, e que tenham capacidade para se integrar ao grupo ou atividades grupais.

Ex.: saudável, feliz, pratique esportes, alimentação saudável.

b) Potencial Pessoal e Econômico (DPPE): preocupação com que a criança tenha um bom desenvolvimento escolar e de suas habilidades ou capacidades criativas e cognitivas, desenvolva seu potencial profissional e financeiro.

Ex.: inteligente, talentoso, que termine os estudos, que tenha bom trabalho, que se saia melhor que os pais, bem sucedido, curioso, que desenvolva talentos ou habilidades cognitivas, independente, auto-suficiente.

c) Independência Psicológica (IPsi): preocupação com que a criança se torne independente psicologicamente, que apresente comportamentos e/ou atitudes próprias, que seja capaz de tomar decisões e de adaptar-se a mudanças.

Ex.: adaptável, flexível, tome boas decisões, assertivo, seguro, confiante, otimista para que as coisas terminem bem, não ser tímido, não ser inseguro.

2. **Auto controle (AC)**: preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar impulsos negativos.

Ex.: ser calmo, não ser ganancioso, não ser agressor, egocêntrico, que não se estresse, que domine seus impulsos, seja controlado, não egoísta, que controle suas frustrações.

3. Emotividade (EM): preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para formar vínculos emocionais com outros, expressar emoções e responder às emoções dos outros.

Subdivide-se em:

a) calor emocional em geral (CEG): preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de relacionar-se afetivamente com as pessoas em geral, que saiba demonstrar e receber de afeição.

Ex.: afetivo, delicado, confiante e abertura para os outros.

b) relações próximas com a família (RPF): preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de envolver-se afetivamente com os membros da própria família, de modo a estabelecer vínculos estreitos.

Ex.: tenha uma relação calorosa, de proximidade e de confiança com os membros da família.

4. Expectativas Sociais (ES): preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para atender as expectativas de grupo social amplo ou da comunidade na qual está inserida.

Subdividida em:

a) Evitar Comportamentos Ilícitos (ECI): preocupação com que a criança siga as normas e/ou leis do grupo social amplo ou da comunidade na qual está inserida.

Ex.: não usar drogas, não fumar, não beber, não ser delinqüente, bandido ou criminoso, não destrua propriedades alheias.

b) Valores Familiares – religiosos e políticos - (VF- r e p): preocupação com que a criança apresente comportamentos adequados as crenças e valores religiosos e políticos de seu grupo familiar.

Ex.: bondoso, que tenha compaixão pelos outros, não se afastar dos valores religiosos ou políticos da família, que tenha consideração, que não use linguagem inapropriada, freqüentar igrejas.

5. Bom Comportamento (BC): preocupação com que a criança se comporte bem, de modo educado e respeitoso com as pessoas e cumpra suas obrigações perante a família. Subdividida em:

- a) Respeitador, Bem Educado (RBE): preocupação com que a criança apresente comportamentos de respeito e educação em relação às pessoas independente dos grupos sociais aos quais pertençam.

EX.: comportamento polido, que coopere com as autoridades, obediente.

- b) Obrigações Relacionadas a Papéis de Família (ORPF): preocupação com que a criança se integre a família e cumpra suas obrigações perante a mesma.

EX.: bom filho (a), esposo (a), pai, mãe, ajudar nas tarefas de casa.

As verbalizações das mães sobre suas metas de socialização também foram analisadas conforme duas dimensões: a) Individualista: construção do *self* como fundamentalmente único e distinto; independência, autonomia, auto-estima, felicidade, autocontrole para se tornar uma pessoa melhor; auto-aperfeiçoamento; auto-superação. Qualidades relacionadas às categorias: auto-aperfeiçoamento e autocontrole. b) Sociocêntrica: construção do *self* como fundamentalmente ligado a outros seres. Envolve interdependência social, ênfase no respeito, rede social, pertencimento a grupo ou coletividade. Qualidades

relacionadas às categorias: emotividade, expectativas sociais e bom comportamento (Ruela, 2006).

Das respostas dadas a segunda pergunta foram extraídas frases descritoras das condições consideradas necessárias para o alcance das metas de socialização. Foram consideradas como frases descritoras de estratégias de socialização todas as expressões que descrevem ações das mães, de outros membros do grupo familiar, de pessoas envolvidas no processo de educação formal, de membros da sociedade em geral e condições e/ou situações contextuais, bem como ações ou habilidades da própria criança que são consideradas pelas mães como necessárias para o alcance de metas de socialização estabelecidas. Os extratos das falas das mães foram classificados conforme o tipo de ações e/ou condições, ou seja estratégias de socialização, consideradas necessárias para a consecução das metas descritas. Neste estudo Estratégias de Socialização referem-se ao uso dos meios disponíveis e/ou condições favoráveis ao alcance das metas de socialização descritas pela mãe, com ênfase nas ações maternas e interação mãe-criança, contextos sociais que o sujeito poderá se inserir (escolar, familiar e outros contexto sociais) e/ou habilidades da criança.

A proposta inicial era classificar as estratégias em duas categorias, 'centradas em si' e 'centradas no contexto', propostas pelo grupo nacional de estudo de metas (Seidl de Moura e cols, 2005), entretanto a medida que foram feitos os recortes das falas das mães para proceder ao teste de concordância, foi verificado que as referidas categorias ainda não apresentavam uma definição precisa. Procedeu-se então a definição das categorias, mas foi verificado a seguir que diversas falas das mães não poderiam ser enquadradas em uma das duas categorias que se apresentavam muito amplas, diante desse fato foram criadas três subcategorias de estratégias centradas no contexto e mais uma categoria ampla 'centrada nas habilidades da criança'.

Após a definição de todas as categorias e subcategorias foi dado início ao procedimento de teste de concordância na análise e enquadramento das estratégias, iniciando-se com o estudo conjunto e detalhado das categorias, passando-se a seguir para a leitura e enquadramento de 87 das estratégias descritas (aproximadamente 1/3 de um total de 259), de modo independente por três pesquisadores, e finalmente a verificação da concordância na análise por meio da comparação entre os três enquadramentos feitos para cada estratégia. Foi conseguida uma concordância de 100% entre as categorizações dos três pesquisadores para cerca de 93% das análises (80 estratégias). As categorizações discordantes foram discutidas pelo grupo e foi tirado um consenso acerca do enquadramento final para as falas. Garantida a fidedignidade do enquadramento das análises foi dada seqüência na análise e enquadramento das falas das mães nas categorias de estratégias como segue:

1. Centradas em si (CM): referem-se às estratégias que enfatizam a vontade e/ou interesse da mãe em ser ou oferecer modelos de socialização, disciplinar, aconselhar e ensinar por instrução, demonstração ou participação e interação.

Ex.: “O interesse da mãe (sua participação) ensinando (educa-lo) em casa”. (StB 01).

“Incentivo da mãe ao estudo...” (StB 04)

“...a educação que eu vou dar pra ele.” (Bel 03).

2-Centradas no contexto (CC): referem-se às estratégias que enfatizam as características positivas e/ou negativas dos diversos contextos sociais dos quais o sujeito faz ou poderá fazer parte. Esta categoria subdivide-se em:

2.1. Centrada no Contexto familiar (CCF): referem-se às estratégias que enfatizam a intervenção individual e/ou conjunta de membros do grupo familiar, excetuando-se apenas as intervenções individuais exclusivas da mãe.

Ex.: “... ajuda da família, dando apoio para ir à escola...” (StB 03).

“... Eu acho que os pais devem dar exemplo”. (StB 06)

“... os ensinamentos que eu com mãe ou pai damos pra ele...” (Bel 06).

“... Boa educação em casa...” (Bel 21).

2.2. Centradas no Contexto Escolar (CCE): referem-se às estratégias que enfatizam os o processo de escolarização e a contribuição de professores, de outros estudantes e demais membros da comunidade escolar para o desenvolvimento da criança e para o alcance das metas descritas.

Ex.: “... com ajuda dos professores também...” (StB 03).

“...formação no futuro, na escola”. (Bel 21)

2.3. Centradas em Outros Contextos Sociais (CCOS): referem-se as estratégias que enfatizam a inserção da criança em outros grupos sociais diferentes da escola e da família, tais como: grupo religioso, grupos de amigos da rua, entre outros considerando a possibilidade destes contextos contribuírem para o alcance das metas descritas.

Ex.: “...frequente sempre a igreja, que nunca deixe de frequentar...” (StB 34)

“...boas amizades” (Bel 08)

“...as amigadas, a vizinhança no bairro onde mora, os quais também influenciam”

(Bel 26)

3- Centradas nas Habilidades da Criança (CHC): referem-se às estratégias que enfatizam o empenho e as habilidades físicas e intelectuais, bem como outras características subjetivas inerentes à criança.

Ex.: “Acho que ele deve ter muita força de vontade, ...”. (StB 08)

“Estudar bastante...” (StB 29)

Após a categorização das respostas dadas as duas perguntas constantes da Entrevista de Metas os números relacionados a frequência das categorias e subcategorias de metas e de estratégias de socialização foram lançados em uma planilha do SPSS juntamente com os dados sócio demográficos e com as dimensões do Questionário de Crenças sobre Práticas Maternas a fim de se proceder às análises por meio de aplicação de testes estatísticos para verificar a existência de diferenças significativas nas médias (teste *t* de Student para amostras independentes) das duas populações no que se refere as variáveis em questão e de correlações (teste de correlação de Pearson) entre variáveis. As análises foram expostas por meio de quadros e gráficos. A figura 02 sintetiza cada passo do procedimento.

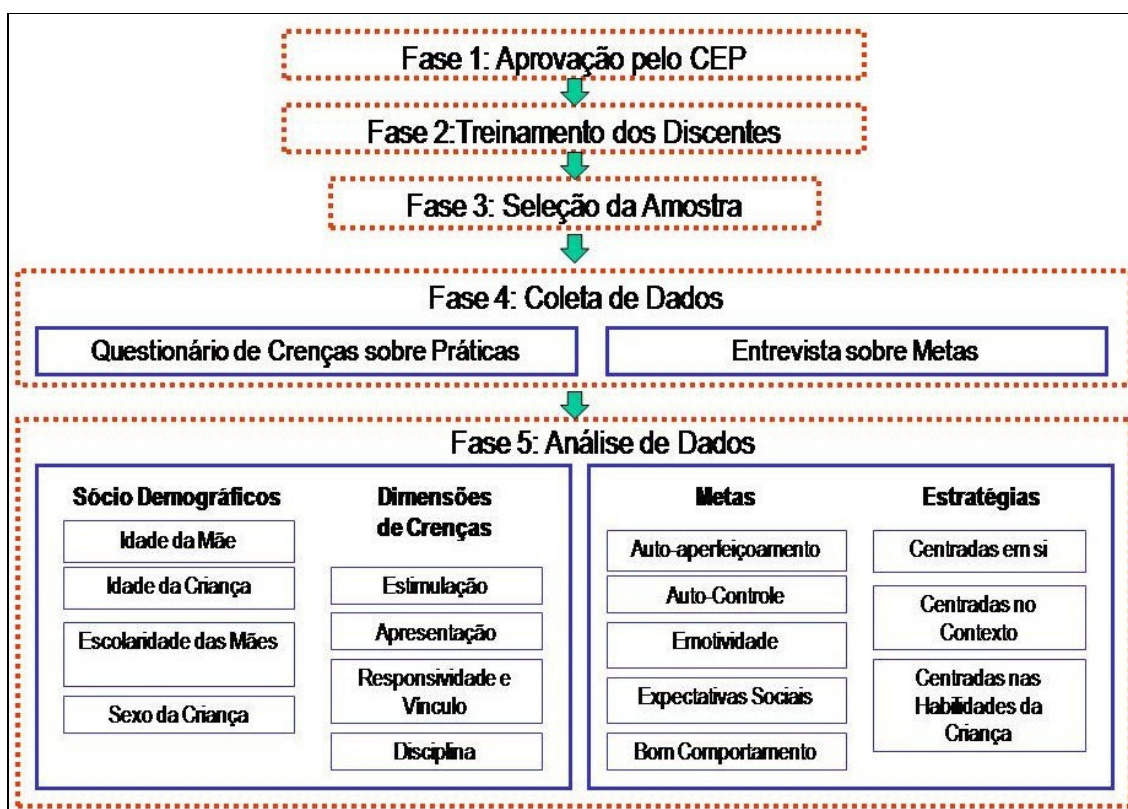


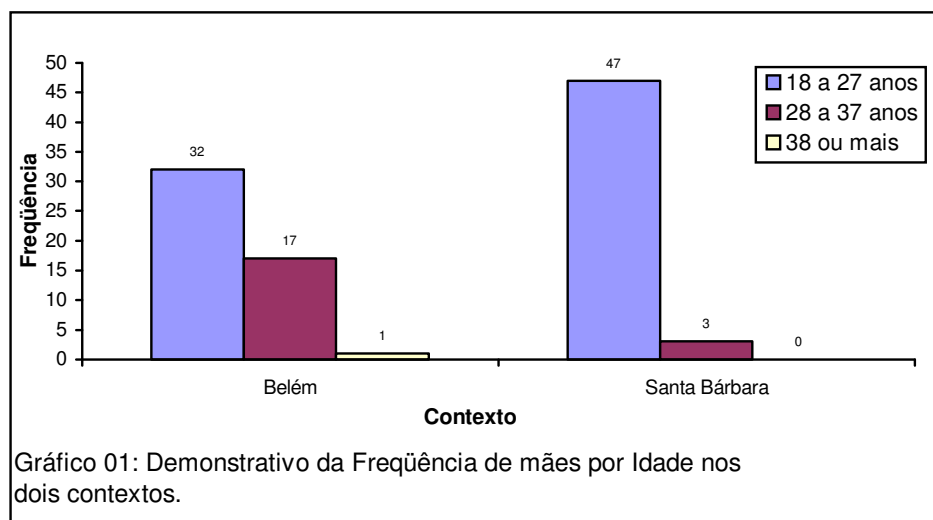
Figura 02: Diagrama esquemático do procedimento.

Resultados e Discussão

Caracterização Sociodemográfica

Seguindo indícios da literatura que sugerem que as variáveis sociodemográficas têm influências sobre as cognições parentais, adotou-se a idade e a escolaridade maternas, bem como a idade e o sexo da criança como descritores das características sociodemográficas das participantes do estudo. A seguir são apresentadas os dados referentes a estas variáveis, iniciando pela idade materna, passando-se posteriormente para a idade das crianças, escolaridade materna e por último o sexo das crianças.

Para facilitar a apresentação gráfica, a idade das mães da amostra foi agrupada em três faixas estarias, a saber: 18 a 27 anos, 28 a 37 anos, 38 anos ou mais. O gráfico 01 apresenta a frequência de participantes em cada faixa etária nos dois contextos.

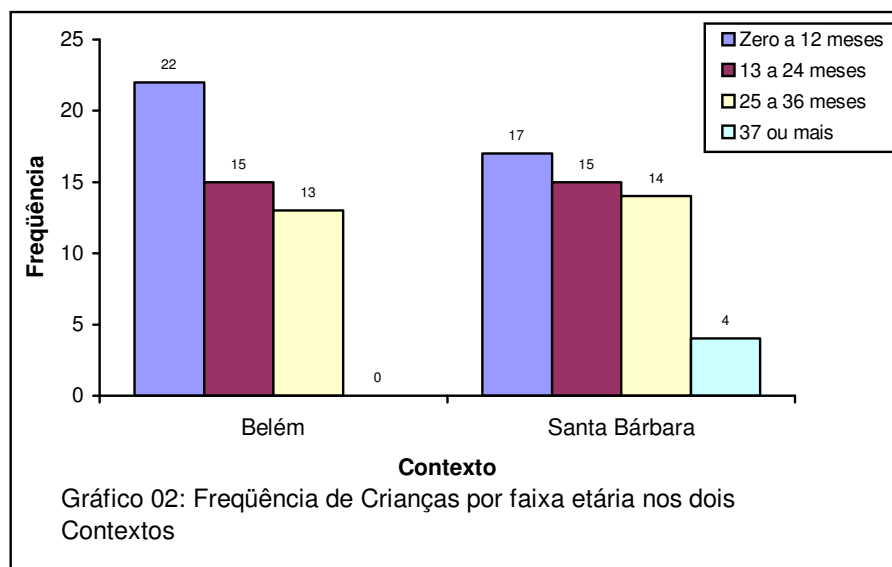


Observa-se no gráfico 01, que a primeira faixa etária, de 18 a 27 anos, apresentou maior frequência de participantes nos dois contextos, seguida da faixa de 28 a 37 anos e por último a faixa de 38 anos ou mais que teve apenas uma participante. Observa-se também que a maioria absoluta das participantes de Santa Bárbara (47 mães) faz parte do grupo etário mais jovem, 18 a 27 anos, as outras três fazem parte do segundo grupo, 28 a 37 anos. As mães de Belém, em comparação com as de Santa Bárbara, ficaram mais bem distribuídas entre as duas

primeiras faixas etárias, mas nota-se, ainda, que a quantidade de participantes com idade entre 18 e 27 anos (32 participantes) equivale a quase o dobro da quantidade de participantes com idade entre 28 e 37 anos (17 participantes). Nenhuma das participantes da amostra de Santa Bárbara se enquadraram na terceira faixa etária (38 anos ou mais) e apenas uma participante da amostra de Belém se enquadraram nesta faixa.

A média de idade da amostra total foi $M=23,82$ com um desvio padrão (DP) igual a 5,13. As mães de Belém apresentaram média de idade maior que a das mães de Santa Bárbara, $M= 25,72$ (DP= 5,32) e $M= 21,92$ (DP= 4,20) respectivamente. O teste *t* de *Student* para amostras independentes revelou significativa diferença entre a média de idade das mães dos dois contextos $t_{(98)}= 3,97, p < 0,001$.

A idade das crianças, computada em meses, foi convertida em faixas etárias para efeito de apresentação gráfica. Ao todo foram criadas quatro faixas etárias para a idade das crianças, a saber: zero a 12 meses, 13 a 24 meses, 25 a 36 meses e 37 meses ou mais. O gráfico 02 apresenta a freqüência de crianças dentro de cada faixa etária nos dois contextos.

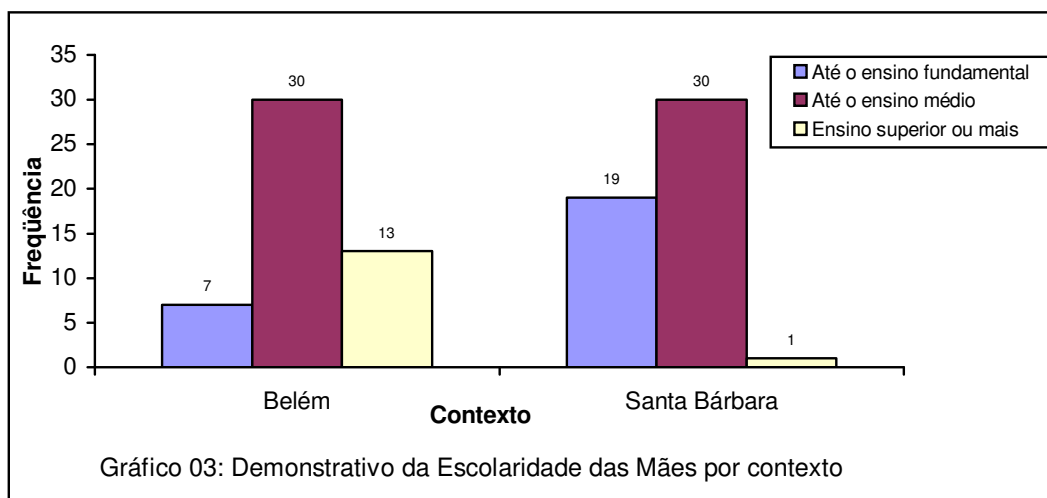


Nota-se no gráfico acima, que a faixa etária de zero a 12 meses obteve maior freqüência de participantes nos dois contextos, com 22 participantes em Belém e 17 em Santa

Bárbara, seguida da faixa etária de 13 a 24 meses, com 15 participantes em cada contexto, e da faixa de 25 a 36 meses, com 13 participantes em Belém e 14 em Santa Bárbara. Por último a faixa acima de 37 meses não ocorreu entre as participantes de Belém, apresentando frequência igual a quatro crianças em Santa Bárbara.

A média de idade das crianças amostra total foi $M= 17,62$ com um desvio padrão $DP= 12,71$. Entre as participantes de Belém a média de idade das crianças ficou em $M=15,86$ e o desvio padrão foi $DP= 11,34$, enquanto entre as participantes de Santa Bárbara a média foi $M= 19,38$ e o desvio padrão foi $DP= 13,84$. O resultado do teste t de *Student* para amostras independentes $t_{(98)} = - 1,39$ $p > 0,05$, indicou que a diferença entre as médias de idade das crianças dos dois contextos apresenta-se não significativa.

Para fins de apresentação a escolaridade das mães foi organizada em três níveis, a saber: até o ensino fundamental completo, até o ensino médio completo e ensino superior ou mais. O gráfico 03 apresenta a frequência dos níveis de escolarização formal por contexto de origem das participantes.



Pode-se observar no gráfico acima, que o nível de escolaridade que apresentou maior frequência nos dois contextos foi o ensino médio (30 em cada contexto), seguido de ensino superior para as mães de Belém (13) e ensino fundamental para as mães de Santa Bárbara

(19), a menor frequência entre as mães de Belém foi ensino fundamental (7) enquanto para as mães de Santa Bárbara foi ensino superior (1). Nota-se que o número de mães com o ensino fundamental em Belém (07) representa menos da metade daquele apresentado pelas mães de Santa Bárbara (17). Nos dois contextos houve o mesmo número de participantes com ensino médio (30) e que Belém teve um número de participantes com ensino superior bem maior do que Santa Bárbara (13 e um, respectivamente).

A média de escolaridade das mães da amostra total foi $M= 4,32$, com desvio padrão $DP= 1,47$. A média de escolaridade das mães de Belém foi $M= 2,12$ com um desvio padrão $DP= 0,63$ enquanto que a média das mães de Santa Bárbara foi $M= 1,64$ com um desvio padrão $DP= 0,53$. Os resultados do teste $t_{(98)} = 4,148$, $p < 0,001$ sugerem que a diferença na média de escolaridade das duas amostras é extremamente significativa em favor das mães de Belém. Em relação ao sexo das crianças, coincidentemente em ambos os contextos houve o mesmo número de participantes de cada sexo, sendo 22 crianças de sexo feminino e 28 de sexo masculino em cada.

Considerando as quatro variáveis acima descritas pode-se concluir que, no que se refere às variáveis sócio-demográficas consideradas, as duas amostras apresentam-se com um certo grau de homogeneidade em alguns aspectos, mas apresentam-se heterogêneas em outros. São homogêneas no tocante a idade e ao sexo das crianças, pois nestas duas variáveis não foram encontradas diferenças significativas entre as participantes dos dois contextos. Entretanto mostram-se heterogêneas nas duas variáveis maternas, pois os resultados do teste t indicam que as mães de Belém apresentam idade significativamente maior que a idade das mães de Santa Bárbara, e que o nível de escolaridade das mães de Belém é significativamente maior do que o das mães de Santa Bárbara. Destaca-se ainda o fato de que a idade e a escolaridade materna apresentaram correlação positiva altamente significativa, $r= 0,53$, $p < 0,001$. A literatura tem relatado que a escolaridade materna é uma variável que possui

importante papel preditor de crenças sobre desenvolvimento. (Melo 1996; Lordelo, Fonseca, e Araújo 2000; Palácios & Moreno, 1996; Edwards, Gandini e Giovaninni 1996; Le Vine, Miller e Richman 1996; Suizzo 2002; Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al 2008).

Considerando o exposto acima é possível supor que as diferenças encontradas na expressão de crenças, metas e estratégias de socialização entre as participantes deste estudo podem se dever aos efeitos das variáveis maternas, que por sua vez estão relacionadas a elementos do contexto sócio cultural mais amplo no qual cada mãe está inserida. A seguir são apresentados os dados referentes aos modelos culturais ou dimensões de crenças sobre práticas maternas, sobre as correlações entre as dimensões das crenças e desta com as variáveis sociodemográficas, bem como sobre às crenças acerca da importância práticas que compõem cada dimensão.

Crenças sobre Práticas

Os dados do Questionário de Crenças sobre Práticas foram analisados considerando as dimensões propostas por Suizzo (2002). Procedeu-se a comparações entre as médias dos escores das mães dos dois contextos em cada uma das dimensões. Os resultados do teste *t* de Student para medidas independentes, juntamente com as médias e desvios padrões referentes a cada uma das dimensões estão apresentados no quadro 03 a seguir.

Quadro 03: Médias, desvios padrões e resultados do teste *t* para as dimensões de crenças.

Fatores	Belém		Sta. Bárbara		T
	M	DP	M	DP	
Estimulação	4,12	0,41	3,64	0,48	5,39***
Apresentação apropriada do bebê em público	4,25	0,47	3,86	0,63	3,87***
Responsividade e vínculo	2,30	0,76	2,83	0,69	-3,64***
Disciplina	2,14	0,76	2,04	0,95	0,678

*n=50, gl=98, *** $p < 0,001$*

Observa-se no quadro acima, que a dimensão “apresentação apropriada do bebê em público” foi a que obteve o maior escore médio, tanto em Belém, $M= 4,25$ e $DP= 0,47$, como em Santa Bárbara $M= 3,86$ e $DP= 0,63$, com $t_{(98)} = 3,87$, $p < 0,001$ indicando que no que se refere a esta dimensão os escores médios das mães de Belém foram significativamente maiores que os das mães de Santa Bárbara. A dimensão “estimulação” apresentou o segundo maior escore médio também nos dois contextos, sendo que os escores das mães de Belém $M= 4,12$ e $DP= 0,47$, também nesta dimensão, são maiores que os das mães de Santa Bárbara $M= 3,64$ e $DP= 0,48$ com $t_{(98)} = 5,39$, $p < 0,001$ indicando que a diferença entre os escores das mães dos dois contextos é extremamente significante. Na dimensão “responsividade e vínculo”, nota-se uma inversão em relação ao grupo que apresentou maiores escores médios. As mães de Belém, que apresentaram escores mais altos nas duas dimensões anteriores, obtiveram ($M= 2,30$ e $DP= 0,76$) escores significativamente menores que os as mães de Santa Bárbara ($M= 2,83$ e $DP= 0,69$), com $t_{(98)} = -3,64$, $p < 0,001$. Na quarta e última dimensão as

mães de Belém e de Santa Bárbara obtiveram $M= 2,14 / DP= 0,76$ e $M= 2,04 / DP= 0,95$, respectivamente, com $t_{(98)} = 0,678$, $p > 0,05$ indicando que nesta dimensão não foram encontradas diferenças significativas entre os escores das participantes dos dois contextos.

É possível notar que as mães dos dois contextos em geral apresentam a mesma ordem de valorização das dimensões, pois valorizaram em primeiro lugar a dimensão “Apresentação apropriada do bebê em público” ($M= 4,25$ e $3,86$), em segundo a dimensão “Estimulação” ($M= 4,12$ e $3,34$), em terceiro lugar a dimensão “Responsividade e vínculo” ($M= 2,30$ e $2,83$) e em último lugar a dimensão “Disciplina” ($M= 2,14$ e $2,04$). Houve diferenças significativas entre as mães dos dois contextos nos escores de três das quatro dimensões, sendo que nas dimensões “estimulação” e “apresentação” as mães de Belém obtiveram médias maiores que as obtidas pelas mães de Santa Bárbara, enquanto na dimensão “responsividade e vínculo” houve uma inversão de posição entre as mães dos dois contextos, de modo que as mães de Santa Bárbara apresentaram maior escore médio.

Observa-se, portanto que as crenças das mães dos dois contextos aqui estudados se diferenciam em alguns aspectos, mas assemelham-se em outros. As diferenças referem-se ao fato de que as mães de Belém em geral atribuíram alto nível de importância para as práticas agrupadas em torno das dimensões “apresentação” e “estimulação”, ao passo que as mães de Santa Bárbara atribuíram nível de importância apenas mediano para as mesmas práticas. As semelhanças, por outro lado, relacionam-se ao fato de que nas práticas agrupadas em torno das dimensões “responsividade e vínculo” e “disciplina” tanto as mães de Belém quanto as de Santa Bárbara atribuíram baixo nível de importância.

O fato de Santa Bárbara e Belém serem cidades localizadas na mesma região, e muito próximas geograficamente, torna compreensiva a tendência das mães dos dois contextos para a valorização de práticas em uma ordem semelhante. Esses resultados podem conter indícios de que alguns aspectos exercem diferentes níveis de influência sobre as

crenças das mães dos dois contextos, ou seja, existem elementos culturais/contextuais amplos influenciando as cognições das mães dos dois contextos de maneira diferentes. Com base na literatura é possível relacionar essas diferenças principalmente a escolaridade materna visto que as duas amostras se diferenciam quanto ao nível de instrução e que a escolaridade tem sido apontada como preditor de crenças maternas.

A valorização da dimensão “apresentação” em primeiro lugar e da dimensão “estimulação” em segundo pelas mães de Belém e Santa Bárbara, representa o inverso dos resultados encontradas no estudo de Suizzo (2002), que verificou que pais e mães parisienses valorizam em primeiro lugar as práticas contidas na dimensão “estimulação” ($M= 4,1$), e em segundo as práticas da dimensão “apresentação”, ($M= 3,70$).

Comparando os dados do presente estudo com os resultados encontrados por Ruela (2006), verifica-se que há semelhanças das mães de Belém e Santa Bárbara com mães e avós da cidade de Ribeirão de São Joaquim no que se refere a valorização das práticas relacionadas com a “Apresentação apropriada do bebê em público” em primeiro lugar (mães $M= 4,43$ e avós $M= 4,06$), seguida das práticas ligadas a “Estimulação” (mães $M= 3,90$ e das avós $M= 3,81$). Há semelhança também no nível de importância dado as práticas de estimulação, considerando que as participantes do estudo de Ruela (2006) assim como as mães de Belém e de Santa Bárbara atribuíram importância mediana para as práticas desta dimensão.

No que se refere a valorização da dimensão “responsividade e vínculo” (Belém $M= 2,30$ e Santa Bárbara $M= 2,83$) em terceiro lugar e da dimensão “disciplina” (Belém $M= 2,14$ e Santa Bárbara $M= 2,04$) em quarto os dados aqui apresentados estão de acordo com os relatos da literatura nacional e internacional, pois nos estudos citados as duas dimensões obtiveram os seguintes escores médios: de Suizzo (2002), responsividade e vínculo $M= 2,70$ e disciplina $M= 2,00$ Ruela (2006) “responsividade e vínculo”, mães ($M= 2,93$) e avós ($M= 3,61$), “disciplina” mães $M= 2,75$ e avós $M= 2,887$. Estes dados indicam que participantes de

estudo de Suizzo (2002) e as mães do estudo de Ruela (2006) atribuíram nível baixo de importância (escores de 2 a 2,99) para as práticas destas duas dimensões. Apenas as avós do estudo de Ruela (2006) atribuíram importância mediana para estas práticas.

No tocante as correlações entre as dimensões, no presente estudo “apresentação” correlacionou-se positiva e significativamente com “estimulação” ($r = 0,527, p < 0,001$). No que se refere as correlações com as variáveis sociodemográficas nota-se que a dimensão “estimulação” correlacionou-se positivamente de modo altamente significativo com a idade ($r = 0,39, p < 0,01$) e escolaridade maternas ($r = 0,36 p < 0,01$). Já a dimensão “apresentação” não teve correlação significativa nem com a idade nem com a escolaridade das mães. Estes resultados sugerem que quanto maior a idade e a escolaridade das mães mais elas tendem a valorizar práticas relacionadas com a estimulação da criança. Nenhuma das duas dimensões correlacionou-se com a idade das crianças. A dimensão “responsividade e vínculo” não se correlacionou nem com as demais dimensões nem com as variáveis sociodemográficas. Os dados referentes à correlação entre as três dimensões de crenças e destas com as variáveis sócio-demográficas estão apresentados no quadro 04.

Quadro 04: Correlação entre as dimensões Estimulação e Apresentação e as variáveis sociodemográficas das mães dos dois contextos.

	1	2	3	4	5	6
1. Idade da Mãe	1,00					
2. Escolaridade da Mãe	,53**	1,00				
3. Idade da Criança	,16	-,07	1,00			
4. Estimulação	,39**	,36**	-,01	1,00		
5. Apresentação	,19	,10	-,02	,53**	1,00	
6. Responsividade e vínculo	-,050	-,14	-,07	,10	,11	1,00

* $p < 0,05$ ** $p < 0,01$.

Outro aspecto que merece atenção refere-se a dimensão “Responsividade e vínculo” que foi a terceira mais valorizada entre as mães dos dois contextos, e neste caso as mães de Santa Bárbara ($M = 2,83$) apresentaram escore médio significativamente maior que o das mães de Belém ($M = 2,30$). No estudo de Ruela (2006) esta dimensão também foi a terceira mais

valorizada, e as avós (M= 3,61) atribuíram significativamente mais importância as práticas relacionadas a esta dimensão do que as mães (M= 2,93), $t= 7,31$, $p < 0,05$. Considerando que se trata de uma população com características urbanas (Belém) e de outra considerada como não-urbana (Santa Bárbara), é possível relacionar a diferença na valorização das práticas voltadas ao atendimento das demandas e a formação de vínculos estreitos com efeitos do “modelo ecocultural de desenvolvimento infantil” (Keller, 2007) que tende a se destacar em cada contexto, ou seja, em contexto não urbano há uma tendência para desenvolvimento de um *self* mais voltado a construção de vínculos interpessoais estreitos como um aspecto de interdependência, enquanto em contextos urbanos, por outro lado, encontra-se uma tendência para a construção de um *self* voltado para relações mais abertas (distantes/separadas) como um aspecto de independência.

Pode-se considerar, portanto, que as mães de Santa Bárbara, por estarem inseridas em um contexto onde predominam características não urbanas as mães estariam apresentando uma tendência para valorização de *self* mais voltado a construção de vínculos interpessoais estreitos. As mães de Belém, por outro lado, por residirem em contexto com características urbanas estariam tendendo a construção de um *self* voltado para relações mais abertas ou independentes. Em relação a semelhança das mães Santa Bárbara com a avós de Ribeirão de São Joaquim, referente aos maiores escores, uma possível explicação pode ser encontrar na provável influência que as mães de Santa Bárbara recebem das avós de seus filhos, pois foi verificado, sistematicamente, que na maioria dos casos as participantes recrutadas em Santa Bárbara moram na mesma casa de sua mãe ou sogra ou em uma casa bem ao lado.

Como as dimensões são formadas por agrupamentos de assertivas descrevendo práticas relacionadas ao cuidado com as crianças, é pertinente investigar quais práticas são mais valorizadas dentro de cada dimensão. A seguir são apresentados, de modo detalhado, os dados referentes às assertivas que compõem cada dimensão. Os resultados são comparados

inicialmente aos encontrados por Suizzo (2002) com pais e mães parisienses e posteriormente com dados de populações brasileiras dos estudos de Ruela (2006). O quadro 05 apresenta as assertivas agrupadas em torno da dimensão estimulação por ordem de valorização, com suas respectivas médias e desvios padrões.

Quadro 05: Assertivas agrupadas em torno da Dimensão Estimulação, por ordem de valorização em cada contexto com as respectivas médias e desvios padrões.

Assertivas						
Ordem	Belém	M	DP	Santa Bárbara	M	DP
1 ^a	9. Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).	4,92	0,27	9. Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).	4,51	0,64
2 ^a	12. Conversar bastante com a criança.	4,80	0,40	12. Conversar bastante com a criança.	4,50	0,58
3 ^a	6. Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.	4,66	0,59	37. Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome.	4,40	0,57
4 ^a	10. Chamar a atenção do bebê para interagir com as pessoas.	4,64	0,56	6. Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.	4,26	0,69
5 ^a	11. Ler histórias para a criança.	4,56	0,61	4. Chamar a atenção do bebê para objetos.	4,18	0,92
6 ^a	4. Chamar a atenção do bebê para objetos.	4,54	0,54	10. Chamar a atenção do bebê para interagir com as pessoas.	4,00	0,99
	37. Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome.	4,54	1,05	14. Fazer com que a criança prove diferentes alimentos.	4,00	0,93
7 ^a	7. Estimular a criança a brincar em grupo de crianças.	4,48	0,68	11. Ler histórias para a criança.	3,92	1,01
8 ^a	5. Estimular a criança a desenvolver suas preferências.	4,38	0,97	7. Estimular a criança a brincar em grupo de crianças.	3,80	1,18
9 ^a	14. Fazer com que a criança prove diferentes alimentos.	4,36	0,88	3. Deixar a criança brincar com outras da mesma idade.	3,78	1,18
10 ^a	3. Deixar a criança brincar com outras da mesma idade.	4,22	0,91	5. Estimular a criança a desenvolver suas preferências.	3,68	1,25
11 ^a	2. Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais.	3,86	1,01	2. Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais.	3,06	1,41
12 ^a	1. Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes	3,04	1,41	1. Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes	2,88	1,41
13 ^a	15. Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.	2,52	1,71	15. Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.	2,06	1,43
14 ^a	8. Estimular a criança a brincar sozinha.	2,26	1,71	8. Estimular a criança a brincar sozinha.	1,58	1,44

A dimensão estimulação envolveu 15 itens, onde cada assertiva descreve uma prática de cuidado, as práticas agrupadas nesta dimensão se dirigem à estimulação do desenvolvimento da criança. Conforme demonstrado no quadro 05, em 11 das 15 assertivas as mães de Belém atribuíram escores superiores a quatro (de “muito importante” a “extremamente importante”), em duas deram nota de pelo menos três (razoavelmente importante) e apenas a duas assertivas foi dada nota de 2 a 2,99 (“é pouco importante”). As mães de Santa Bárbara, por outro lado, atribuíram nota igual ou superior a quatro para sete das 15 práticas descritas nesta dimensão, notas de três até 3,92 (razoavelmente importante) para cinco assertivas, de dois a 2,99 (“é pouco importante”) a somente duas práticas e notas de um a 1,99 (“não é importante”) para uma prática.

Em relação à ordem de valorização das práticas dentro desta dimensão observa-se que houve concordância entre as mães de Belém e Santa Bárbara acerca das duas primeiras práticas mais valorizadas (assertivas 9 e 12). O que significa dizer que a maioria das mães de ambos os contextos acreditam que quando se trata de estimulação o mais importantes é “Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar)” e “Conversar bastante com a criança.”

Da terceira até a décima prática do questionário, as mães dos dois contextos apresentaram ordem de valorização diferente, para as mães de Belém a ordem de valorização foi: assertivas 6, 10, 11, 4 e 37, 7, 5, 14 e 3, enquanto para as mães de Santa Bárbara a ordem foi a seguinte: assertivas 37, 6, 4, 10 e 14, 11, 7, 3 e 5. Embora a valorização destas práticas não siga uma ordem idêntica, observa-se que são as mesmas nove práticas que estão presentes nas posições intermediárias em termos de valorização pelas mães dos dois contextos.

Da 11^a a 14^a posição as mães dos dois contextos voltaram a apresentar a mesma ordem de valorização de práticas, na seguinte forma: assertivas 2, 1, 15 e 8, o que significa dizer que as mães de ambos os contextos acreditam que das 15 práticas agrupadas em torno

dimensão estimulação as menos importantes são “Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes”, “Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.” e “Estimular a criança a brincar sozinha.” Conclui-se, portanto, que embora as mães de Belém se diferenciem por apresentem uma tendência para atribuírem escores maiores do que os das mães de Santa Bárbara, no que se refere a ordem de valorização das práticas dentro da dimensão estimulação existe semelhança entre as mães de ambos os contextos.

A explicação para essa tendência das mães de Belém para apresentarem escores maiores do que os das mães de Santa Bárbara pode ser vislumbrada nos relatos da literatura (Palácios & Moreno, 1996) que tem indicado que a escolaridade tem relação com o contexto de residência dos pais de modo que pais de contextos rurais ou não urbanos tendem a ser menos instruídos que pais de contextos urbanos, e que as cognições parentais sofrem grande influência da escolaridade materna, de modo que pais com maior escolaridade tendem avaliar as crianças e seu desenvolvimento e a adotar práticas diferentes do modo de proceder dos pais menos instruídos (Melo 1996; Lordelo, Fonseca, e Araújo 2000; Palácios & Moreno, 1996; Edwards, Gandini e Giovaninni 1996; Le Vine, Miller e Richman 1996; Suizzo 2002; Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al 2008). Assim, considerando que a cidade de Belém está descrita como um grande centro urbano e que Santa Bárbara está caracterizada como contexto não urbano, e que as mães de Santa Bárbara tem escolaridade significativamente inferior as escolaridade das mães de Belém é compreensível que as mães dos dois contextos apresentem diferenças em suas cognições acerca das práticas de cuidado com crianças.

A semelhança na ordem de valorização das práticas, por outro lado, pode ser relacionada ao fato de as duas cidades se localizarem na mesma região e de estarem muito próximas geograficamente. A localização e proximidade geográficas das duas cidades podem

se constituir em importante fator de determinação das crenças maternas, pois as mães de ambas podem estar expostas a valores culturais regionais idênticos ou no mínimo semelhantes relacionados as práticas de cuidado e educação de crianças.

Comparando estes dados com os relatados na literatura pode-se notar algumas semelhanças. A primeira refere-se ao fato de que as mães de Belém e as participantes do estudo de Suizzo (2002) atribuíram notas superiores a quatro para a maioria das práticas descritas, 11 e 10 respectivamente. As mães de Santa Bárbara atribuíram escores iguais ou superiores a quatro para sete práticas nesta dimensão. Em relação as participantes do estudo de Ruela (2006) observa-se que entre as avós nenhuma prática obteve escore inferior a quatro. Outra semelhança diz respeito a presença de algumas destas práticas entre as primeira ou últimas posições, em termos de valorização pelos três grupos. A prática de “Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).” descrita pela assertiva 9, aparece como a mais valorizada, na dimensão estimulação, entre as mães de Belém e Santa Bárbara, e ocupou a segunda posição entre as mães de Ribeirão de São Joaquim, participantes do estudo de Ruela (2006). Para as participantes do estudo de Suizzo (2002) esta prática é a sexta mais valorizada em termos de estimulação. A prática descrita na assertiva 12, “Conversar bastante com a criança.”, ocupa a segunda posição na valorização das mães de Belém e Santa Bárbara e aparece como a mais valorizada entre os participantes do estudo de Suizzo (2002) e entre as avós de Ribeirão de São Joaquim (Ruela, 2006).

No que se refere às práticas com menor preferência, dentro da dimensão estimulação, para as participantes dos três estudos, verifica-se uma ocorrência semelhante. “Estimular a criança a brincar sozinha.”, descrita na assertiva 8, menos valorizada pelas mães de Belém, Santa Bárbara e pelas mães do estudo de Ruela (2006), e aparece como penúltima na preferência das avós de Ribeirão de São Joaquim. Entre os participantes do estudo de Suizzo (2002) esta prática ficou seis posições acima da prática menos valorizadas. “Fazer com que a

criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.”, descrita na assertiva 15, foi penúltima em termos de valorização entre as mães de Belém e de Santa Bárbara e entre as mães do estudo de Ruela (2006), e ocupa a posição menos valorizada entre os participantes do estudo de Suizzo (2002) e entre as avós do estudo de Ruela (2006).

Na dimensão “apresentação” as mães de Belém também apresentaram escores médios maiores que os das mães de Santa Bárbara e foi esta dimensão que obteve maiores escores médios entre as mães dos dois contextos. As práticas agrupadas nesta dimensão estão voltadas para a saúde, cuidado físico e ensino de papéis sociais. As assertivas agrupadas em torno desta dimensão estão apresentadas no quadro 06, por ordem de valorização com suas respectivas médias e desvios padrões.

Quadro 06: Assertivas agrupadas em torno da Dimensão Apresentação, por ordem de valorização em cada contexto com respectivas médias e desvios padrões.

Ordem	Assertivas					
	Belém	M	DP	Santa Bárbara	M	DP
1 ^a	22. Dar banho na criança todos os dias.	4,88	0,33	22. Dar banho na criança todos os dias.	4,60	0,7
	23. Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.	4,88	0,33			
2 ^a	24. Ensinar a criança a se comportar em público.	4,82	0,39	24. Ensinar a criança a se comportar em público.	4,52	0,61
3 ^a	18. Não deixar que a criança veja os pais brigando.	4,80	0,40	23. Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.	4,48	0,61
4 ^a	19. Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir.	4,78	0,46	19. Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir.	4,15	1,2
5 ^a	17. Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca.	4,74	0,6	38. Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir.	4,06	1,114
6 ^a	41. Treinar para usar o piquinho o mais cedo possível.	4,42	0,88	21. Não demonstrar para a criança quando se está triste.	4,02	1,06
7 ^a	38. Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir.	4,24	1,09	17. Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca.	3,82	1,72
8 ^a	21. Não demonstrar para a criança quando se está triste.	4,18	1,00	18. Não deixar que a criança veja os pais brigando.	3,80	1,65

(Continua)

(continuação do quadro 06)

Assertivas						
Ordem	Belém	M	DP	Santa Bárbara	M	DP
9 ^a	26. Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade.em público.	3,94	1,17	41. Treinar para usar o piquinho o mais cedo possível.	3,74	1,34
10 ^a	47. Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê.	2,48	1,91	26. Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade.	3,48	1,53
11 ^a	-	-	-	47. Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê.	2,30	1,92

Onze assertivas foram agrupadas em torno desta dimensão, as mães de Belém apresentaram médias de pelo menos 4,18 (de “muito importante” a “extremamente importante”) em nove, e as mães de Santa Bárbara atribuíram score médio de pelo menos 4,02 (de “muito importante” a “extremamente importante”) para seis das práticas descritas.

Em relação à ordem de valorização das práticas agrupadas nesta dimensão, observa-se que as mães de Belém consideraram as práticas de “dar banho na criança todos os dias” e de “ensinar a criança a cumprimentar e agradecer” com igual importância na primeira posição, enquanto as mães de Santa Bárbara elegeram como mais importante somente a prática de “Dar banho na criança todos os dias”. Como segunda prática mais importante, as mães dos dois contextos escolheram “ensinar a criança a se comportar em público”. A prática de “ensinar a criança a cumprimentar e agradecer foi a terceira mais valorizada pelas mães de Santa Bárbara.

Pode-se dizer, portanto, que as mães de Belém e Santa Bárbara apresentaram concordância em relação as três práticas que consideraram mais importantes em termos de apresentação apropriada da criança em público. Também houve concordância entre as mães dos dois contextos na valorização da prática de “trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir” como a quarta prática mais importante desta dimensão. Nas demais práticas nota-se que as mães dos dois contextos apresentaram ordens distintas de valorização. É

provável que pelo fato da cidade de Santa Bárbara e Belém se localizarem na mesma região geográfica as mães dos dois contextos estejam expostas a variáveis sócio culturais amplas semelhantes, e por esta razão tenham a tendência a valorizar pelo menos algumas práticas de modo semelhante.

Comparando os dados aqui apresentados com os resultados da literatura, verifica-se que houve semelhanças e diferenças entre as mães que participaram do presente estudo e as dos três grupos que participaram dos dois estudos relatados. As semelhanças referem-se a valorização da prática de “dar banho na criança todos os dias”, que foi considerada a mais importante tanto pelas mães de Belém (juntamente com a prática de “ensinar a criança a se comportar em público”) e Santa Bárbara, quanto pelos pais e mães parisienses do estudo de Suizzo (2002) e pelas mães e avós de Ribeirão de São Joaquim que participaram do estudo de Ruela (2006).

As diferenças dizem respeito a valorização das outras práticas desta dimensão. Para as mães de Belém e Santa Bárbara a segunda prática mais importante foi “ensinar a criança a se comportar em público”, uma prática voltada para a conformidade social, enquanto para os participantes de Suizzo (2002), a segunda prática foi “trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir”, prática voltada para a higiene da criança. Para as mães e avós de Ribeirão de São Joaquim a segunda prática mais importante foi “não deixar que a criança veja os pais brigando”.

Também houve diferenças em relação as práticas consideradas menos importantes. As participantes do presente estudo consideraram a prática “nunca deixar alguém de fora da família tomar conta da criança”, como tendo pouca importância enquanto as participantes do estudo de Suizzo deram menor importância para “não demonstrar para a criança quando se está triste”. As mães e avós que participaram do estudo de Ruela (2006) por sua vez,

consideraram como menos importante a prática de “Colocar a criança para dormir sempre nas mesmas horas”.

A dimensão “responsividade e vínculo” relaciona-se com o atendimento imediato das necessidades da criança em primeiro plano, em vez de impor a vontade do adulto sobre a criança. Seis assertivas foram agrupadas nesta dimensão, as práticas descritas por cada uma delas estão apresentadas no quadro 07, por ordem de valorização e com suas respectivas médias e desvios padrões.

Quadro 07: Assertivas agrupadas em torno da Dimensão Responsividade e Vínculo por ordem de valorização em cada contexto com as respectivas médias e desvios padrões.

Assertivas						
Ordem	Belém	M	DP	Santa Bárbara	M	DP
1 ^a	31. Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.	4,22	1,11	31. Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.	4,30	0,93
2 ^a	28. Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar.	2,96	1,56	28. Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar.	3,24	1,35
3 ^a	33. Ser muito tolerante com a criança.	2,94	1,85	33. Ser muito tolerante com a criança.	3,12	1,66
4 ^a	29. Ficar bastante com o bebê no colo.	1,46	1,25	29. Ficar bastante com o bebê no colo.	2,28	1,55
5 ^a	36. Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente).	1,14	1,161	45. Deixar o bebê dormir na cama dos pais.	2,12	1,61
6 ^a	45. Deixar o bebê dormir na cama dos pais.	1,08	1,41	36. Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente).	1,91	1,41

Como pode ser observado no quadro acima, nesta dimensão as mães de Santa Bárbara apresentaram escores médios maiores do que os que foram apresentados pelas mães de Belém e a ordem de valorização das práticas descritas foi concordante entre as participantes do dois contextos da primeira a quarta prática. Assim as práticas que obtiveram os maiores escores médios nos dois contextos foram: “Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.”, (a descrita pela assertiva 31), seguida por “Pegar o bebê no colo logo que ele

comece a chorar.”, (descrita pela assertiva 28), seguida “Ser muito tolerante com a criança.”, (descrita na assertiva 33), e por “Ficar bastante com o bebê no colo.” (descrita na assertiva 29). A prática de “Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente).”, (descrita pela assertiva 36) foi a quinta mais valorizada pelas mães de Belém e sexta para as mães de Santa Bárbara, enquanto a prática de “Deixar o bebê dormir na cama dos pais.”, (descrita pela assertiva 45), foi a quinta na preferência das mães de Santa Bárbara e sexta para as mães de Belém.

Apesar de relativa concordância quanto a ordem e de as mães dos dois contextos terem atribuído nível alto de importância para a prática de “Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.”, nota-se também que as mães de Santa Bárbara atribuíram importância mediana para duas práticas (assertivas 28 e 33), importância baixa também para duas práticas (assertivas 29 e 45) e consideraram apenas uma prática (assertiva 36) sem importância, enquanto as mães de Belém, consideraram que duas práticas (assertivas 28 e 33) tem nível baixo de importância e que as outras três das seis práticas (assertivas 29, 36 e 45) não tem importância. Destaca-se aqui novamente a importância do “modelo ecocultural de desenvolvimento infantil” (Keller, 2007) como possível modelo explicativo para as diferenças na valorização das práticas de “responsividade e vínculo” entre as mães dos dois contextos.

Comparando os dados aqui apresentados com os resultados da literatura verifica-se a existência de semelhanças e diferenças na valorização das práticas agrupadas em torno da dimensão “responsividade e vínculo”. A semelhança refere-se a atribuição de um nível alto de importância (escores iguais ou superiores a quatro) para a prática de “Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.”, que foi considerada como a prática mais importante pelas mães de Belém e Santa Bárbara e pelos pais e mães parisienses participantes do estudo de Suizzo (2002) e como a segunda mais importante para as mães e avós de Ribeirão de São Joaquim do estudo de Ruela (2006).

As diferenças por outro lado dizem respeito as práticas menos valorizadas, pois enquanto para as mães de Belém e Santa Bárbara as duas práticas menos importantes foram “Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente).” e “Deixar o bebê dormir na cama dos pais”, os participantes do estudo francês consideraram como menos importante “Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva.” e “Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar.”, para as participantes do estudo de Ruela (2006), por outro lado, as duas práticas menos importantes nesta dimensão foram “Ficar bastante com o bebê no colo.” e “Não viver apenas em função da criança.”.

Pode-se afirmar que no que se refere a prática mais valorizada dentro da dimensão “responsividade e vínculo” as mães de Belém e de Santa Bárbara se aproximam mais das participantes do estudo de Suizzo (2002), em relação a ênfase na importância do estabelecimento de vínculo com o bebê, do que das participantes do estudo de Ruela (2006) que consideram a amamentação do bebê no peito até os seis meses como a prática mais importante. Destaca-se ainda que as amostras dos dois estudos citados (Suizzo, 2002 e Ruela, 2006) tenderam a atribuir escores médios maiores do que os atribuídos pelas mães que participaram do presente estudo.

Considerando que houve diferenças significativas nos escores médios das mães dos dois contextos para as dimensões “estimulação”, “apresentação” e “responsividade e vínculo” com as mães de Belém apresentando médias maiores que as das mães de Santa Bárbara nas duas primeiras dimensões, julgou-se pertinente identificar se as diferenças estavam presentes em todas as práticas dos agrupamentos ou apenas em alguns casos específicos. As análises, para esse tópico, utilizaram o teste *t* de Student, para comparar os escores médios das mães de Belém e de Santa Bárbara em cada uma das práticas que se agruparam em torno das dimensões. O quadro a seguir ilustra os resultados das comparações entre os escores médios

das mães dos dois contextos para as práticas da dimensão estimulação, indicando os níveis de significância das diferenças encontradas.

Quadro 08: Comparação entre os escores médios das mães dos dois contextos para as assertivas agrupadas em torno da Dimensão Estimulação.

Assertivas	Bel		StB		T
	M	DP	M	DP	
1. Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes	3,04	1,41	2,88	1,41	0,57
2. Estimular a criança a brincar com outras de diferentes...	3,86	1,01	3,06	1,41	3,28**
3. Deixar a criança brincar com outras da mesma idade.	4,22	0,91	3,78	1,18	2,09*
4. Chamar a atenção do bebê para objetos.	4,54	0,54	4,18	0,92	2,39*
5. Estimular a criança a desenvolver suas preferências.	4,38	0,97	3,68	1,25	3,13*
6. Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.	4,66	0,59	4,26	0,69	3,10*
7. Estimular a criança a brincar em grupo de crianças.	4,48	0,68	3,80	1,18	3,54*
8. Estimular a criança a brincar sozinha.	2,26	1,71	1,58	1,44	2,15
9. Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos ...	4,92	0,27	4,51	0,64	4,10***
10. Chamar a atenção do bebê para interagir com as pessoas.	4,64	0,56	4,00	0,99	3,98***
11. Ler histórias para a criança.	4,56	0,61	3,92	1,01	3,84***
12. Conversar bastante com a criança.	4,80	0,40	4,50	0,58	3,00**
14. Fazer com que a criança prove diferentes alimentos.	4,36	0,88	4,00	0,93	2,00
15. Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de ...	2,52	1,71	2,06	1,43	1,46
37. Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome.	4,54	1,05	4,40	0,57	0,83

$n=50$, $gl=98$, $*p < 0,05$, $**p < 0,01$, $***p < 0,001$

Como pode ser observado no quadro acima, em 10 das 15 assertivas que compõem esta dimensão houve diferença significativa entre os escores apresentados pelas mães dos dois contextos, em todos os casos a diferença foi em favor das mães de Belém. Observa-se que as diferenças apresentam três níveis de significância distintos. Nas outras cinco assertivas escores das mães de ambos os contextos tiveram valores muito próximos não alcançando diferença estatisticamente significante.

Nas assertivas correspondentes as práticas de “Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).”, “Chamar a atenção do bebê para interagir com as pessoas.” e “Ler histórias para a criança.” as diferenças nos escores das mães atingiram um nível de significância $p < 0,001$. Nas assertivas que descrevem as práticas de “Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes” e “Conversar bastante com

a criança.”, o nível de significância da diferença foi um pouco mais moderada com $p < 0,01$. As diferenças nos escores das mães para as assertivas relacionadas as práticas de “Deixar a criança brincar com outras da mesma idade.”, “Chamar a atenção do bebê para objetos.”, “Estimular a criança a desenvolver suas preferências.”, “Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.” e “Estimular a criança a brincar em grupo de crianças.” atingiram o nível de significância mais baixo, $p < 0,05$.

Esses dados indicam que apesar de, na dimensão estimulação, as mães de Belém terem apresentado uma tendência para atribuir escores significativamente maiores do que os atribuídos pelas mães de Santa Bárbara a diferença tende a diminuir em algumas práticas, não atingindo nível de significância estatística como no caso das práticas de “Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes”, “Estimular a criança a brincar sozinha.”, “Fazer com que a criança prove diferentes alimentos.”, “Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.”, “Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome.”, onde as diferenças entre os escores das mães dos dois contextos revelou-se sem significância.

Na dimensão “apresentação” também foi verificado a ocorrência de diferenças significativas em algumas práticas. O quadro a seguir apresenta as assertivas que formaram esta dimensão juntamente com os escores médios das mães dos dois contextos, os valores de t e os níveis de significância.

Quadro 09: Comparações entre os escores médios das mães dos dois contextos para as assertivas da dimensão apresentação.

Assertivas	Bel		StB		t
	M	DP	M	DP	
17. Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca.	4,74	0,60	3,82	1,72	3,57*
18. Não deixar que a criança veja os pais brigando.	4,80	0,40	3,80	1,65	4,15***
19. Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir.	4,78	0,46	4,15	1,20	3,48***
21. Não demonstrar para a criança quando se está triste.	4,18	1,00	4,02	1,06	0,78

(continua)

(Continuação do quadro 09)

Assertivas	Bel		StB		T
	M	DP	M	DP	
22. Dar banho na criança todos os dias.	4,88	0,33	4,60	0,70	2,56*
23. Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.	4,88	0,33	4,48	0,61	4,06***
24. Ensinar a criança a se comportar em público.	4,82	0,39	4,52	0,61	2,92*
26. Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança ...	3,94	1,17	3,48	1,53	1,69
38. Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir.	4,24	1,10	4,06	1,11	0,83
41. Treinar para usar o piniquinho o mais cedo possível.	4,42	0,88	3,74	1,34	3,00*
47. Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê.	2,48	1,91	2,30	1,92	0,47

n=50, gl=98, * $p < 0,05$, *** $p < 0,001$

Observa-se no quadro acima que houve diferenças significativas nos escores das mães para sete das 11 assertivas agrupadas nesta dimensão, também neste caso as diferenças foram em favor das mães de Belém. Nas práticas “Não deixar que a criança veja os pais brigando.”, “Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir.” e “Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.” o nível de significância atingiu $p < 0,001$. Nas práticas de “Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca.”, “Dar banho na criança todos os dias.”, “Ensinar a criança a se comportar em público.”, e “Treinar para usar o piniquinho o mais cedo possível.” o nível de significância atingiu um valor de $p < 0,05$. Nas práticas de “Não demonstrar para a criança quando se está triste.”, “Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade.”, “Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir.” e “Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê.” os escores das mães dos dois contextos apresentaram valores muito próximos de modo que as diferenças não alcançaram significância estatística. Neste caso também se verifica que, apesar de as mães de Belém apresentarem um tendência para atribuição de escores maiores que os atribuídos pelas mães de Santa Bárbara, a diferença média entre os escores das mães dos dois contextos tende a ser menor em algumas práticas, não alcançando significância estatística em alguns casos.

Na dimensão “responsividade e vínculo” houve diferenças significativas entre os escores das mães dos dois contextos, mas neste caso a diferença foi em favor das mães de Santa

Bárbara, também se julgou pertinente verificar se as diferenças significativas se aplicavam dimensão como um todo ou apenas a algumas práticas contidas na mesma. O quadro a seguir apresenta as informações relativas as comparações entre os escores médios da mães dos dois contextos para as assertivas agrupadas em torno desta dimensão.

Quadro 10: Comparações entre as médias dos escores das mães dos dois contextos para as práticas das dimensão Responsividade e Vínculo.

Assertivas	Bel		StB		T
	M	DP	M	DP	
28. Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar.	2,96	1,56	3,24	1,35	-0,96
29. Ficar bastante com o bebê no colo.	1,46	1,25	2,28	1,55	-2,91*
31. Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.	4,22	1,11	4,30	0,93	-0,39
33. Ser muito tolerante com a criança.	2,94	1,85	3,12	1,66	-0,51
36. Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no ...	1,14	1,16	1,91	1,41	-2,98*
45. Deixar o bebê dormir na cama dos pais.	1,08	1,41	2,12	1,61	-3,43***

n=50, gl=98, * $p < 0,05$, *** $p < 0,001$

Como pode ser notado no quadro acima houve diferença significativa entre os escores das mães dos dois contextos em três das seis assertivas agrupadas nesta dimensão, sendo que na prática de “Deixar o bebê dormir na cama dos pais.” o nível de significância atingiu um $p < 0,001$ e nas práticas de “Ficar bastante com o bebê no colo.” e “Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente).” o nível de significância foi com um $p < 0,05$. Nas práticas de “Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar”, “Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.” e “Ser muito tolerante com a criança.” a diferença não chegou a atingir nível de significância estatística.

Embora nesta dimensão também tenham ocorrido diferenças significativas entre os escores das mães dos dois contextos, neste caso foram as mães de Santa Bárbara que tenderam a apresentar os maiores escores médios. Entretanto confirma-se a tendência, encontrada nas duas dimensões anteriores, para diminuição do nível da significância em algumas práticas. Estes dados podem sugerir uma proximidade na valorização de práticas pelas mães dos dois contextos em questão, pois embora tenham sido encontradas diferenças

extremamente significantes entre as mães dos dois contextos nas três dimensões, os níveis de significância tendem a ser moderados em boa parte das práticas quando consideradas individualmente.

Metas de Socialização

Das respostas das mães dos dois contextos a primeira pergunta do Questionário recortou-se extratos de falas que foram classificados em termos de Metas de Socialização. O quadro 11 apresenta os dados referentes à somatória da metas das mães em cada contexto acompanhado de suas respectivas médias e desvios padrões, juntamente os resultados da comparação entre os escores médios das duas amostras.

Quadro 11: Somatória, Média, Desvio Padrão e resultados da comparação as médias (teste t) de metas de socialização pelas mães dos dois contextos.

Metas de Socialização Descritas				
Contexto			DP	<i>t</i>
Belém	354	7,08	3,24	7,816***
Santa Bárbara	156	3,12	1,52	
Total	510	5,10	3,21	-

n=50, gl=98, *** $p < 0,001$

Pode ser observado, no quadro acima, que foi verificada a ocorrência de um total de 510 extratos de falas classificados como descritores de metas, sendo 354 provenientes das mães de Belém ($M = 7,08 / DP = 3,24$) e 156 das mães de Santa Bárbara ($M = 3,12 / DP = 1,52$). Os resultados do teste $t_{(98)} = 7,82$, $p < 0,001$ indicam que a diferença entre as médias de metas relatadas pelas mães das duas cidades é extremamente significativa. Observa-se uma diferença extremamente significativa no nível de fluência das mães dos dois contextos, as mães de Belém apresentaram mais que o dobro número metas apresentado pelas mães de Santa Bárbara. Um teste de correlação, $r = 0,31$, $p < 0,001$, indicou que nível de fluência no relato de metas de socialização tem correlação positiva altamente significativa com o nível de escolaridade das mães. Estes resultados estão de acordo com os diversos relatos da literatura que tem indicado que o contexto sócio-cultural e a escolaridade têm influências sobre as cognições parentais.

As 510 metas identificadas foram agrupadas nas cinco categorias de Harwood, e cols. (1999). O quadro 12 apresenta a frequência média das categorias nos dois contextos acompanhados dos desvios padrões e dos valores referentes aos resultados do teste t.

Quadro 12: Médias, desvios padrões e resultados de teste t para as categorias de metas de socialização das mães dos dois contextos.

Categorias	Belém		Sta. Bárbara		t
	DP	M	DP	M	
Auto-aperfeiçoamento/Automaximização	2,94	2,46	1,22	1,33	4,35***
Autocontrole	0,16	0,51	0,10	0,30	0,72
Emotividade	0,58	1,01	0,16	0,65	2,47*
Expectativas Sociais	2,24	1,95	0,58	0,78	5,57***
Bom Comportamento	1,16	1,17	1,06	0,89	0,48

n=50, gl=98, * $p < 0,05$, *** $p < 0,001$.

Conforme ilustrado no quadro acima as mães dos dois contextos diferiram significativamente quanto a frequência absoluta de metas em três das cinco categorias: auto-aperfeiçoamento/automaximização, emotividade e expectativas sociais. A categoria emotividade obteve o nível de significância mais modesto ($t = 2,47$, $p < 0,05$) do que as categorias de aperfeiçoamento/automaximização ($t = 4,35$, $p < 0,001$) e expectativas sociais ($t = 5,57$, $p < 0,001$) que são consideradas as categorias ligadas a cada um dos dois modelos extremos de metas de socialização. Sendo “aperfeiçoamento/automaximização” ligados ao padrão voltado para independência e “expectativas sociais” ligada ao padrão de interdependência. Nos três casos as diferenças foram em favor das mães de Belém e a explicação mais provável para a superioridade dos escores das mães de Belém é descrita anteriormente referente a correlação da fluência verbal com a escolaridade materna, desse modo é compreensível que as mães de Belém por possuírem escolaridade significativamente superior a das mães de Santa Bárbara apresentem um número de metas maior que das mães de Santa Bárbara em cada uma das categorias. Na categoria “bom comportamento”, que também é relacionada ao modelo de interdependência, as mães dos dois contextos apresentaram escores médios muito próximos, não diferindo de maneira significativa.

Observa-se que as mães dos dois contextos apresentaram ordem diferente de valorização das categorias de metas de socialização. Para as mães de Belém a ordem de valorização das categorias de metas foi: automaximização/auto-aperfeiçoamento (M= 2,94), expectativas sociais (M= 2,24), Bom comportamento (M=1,16), emotividade (M= 0,58) e autocontrole (M= 0,16). As mães de Santa Bárbara, por sua vez, apresentaram a seguinte ordem: automaximização/auto-aperfeiçoamento (M= 1,22), Bom comportamento (M=1,06), expectativas sociais (M= 0,58), emotividade (M= 0,16) e autocontrole (M= 0,10). Nota-se que a divergência refere-se apenas as metas de expectativas sociais (segunda para Belém e terceira para Santa Bárbara) e bom comportamento (segunda para Santa Bárbara e terceira para Belém). Possíveis explicações para estes resultados podem ser vislumbradas na literatura que tem relatado que variáveis do contexto cultural como o status socioeconômico e a escolaridade, tendem a interferir nas metas de socialização que as mães estabelecem para seus filhos. Keller (1998) por exemplo discute dois diferentes modos de investimento parental, um modelo ocidental e urbano e outro não-ocidental, não-urbano, cada um dos quais com características próprias e se relacionando com padrões de metas diferenciados. No modelo representado pelas culturas ocidentais tipicamente urbanas, a meta tende a ser uma autonomia precoce, no representado pelas culturas não-ocidentais e não urbanas, por outro lado, a meta tende a ser o estabelecimento de inter-relações com vínculos mais estreitos, com orientação para a interdependência.

Os dados aqui apresentados são consistentes com a proposta de Keller (1998) em alguns aspectos visto que as mães de Belém, aqui caracterizada como contexto urbano, apresentaram maior frequência de metas com ênfase em Auto-aperfeiçoamento/Automaximização, consideradas como metas caracteristicamente voltadas ao individualismo ou independência, seguida de expectativas sociais e bom comportamento, consideradas como metas com orientação para a interdependência. Por outro lado os dados

das mães de Santa Bárbara também apresentaram maior frequência de metas com ênfase na categoria Auto-aperfeiçoamento/Automaximização seguidas de bom comportamento e expectativas sociais, quando de acordo com perspectiva de Keller (1998) o esperado seria que as mães de contextos caracterizados como não-urbanos, o caso de Santa Bárbara, apresentassem maiores frequências de metas com orientação mais voltada para interdependência como bom comportamento e expectativas sociais.

Uma possível explicação para esses resultados pode estar relacionada com a proximidade geográfica (e até mesmo cultural) existente entre os dois contextos estudados, pois Santa Bárbara, apesar emancipada e de apresentar diversos povoados onde em geral predominam características não-urbanas, é considerada como fazendo parte da Região Metropolitana de Belém (RMB) e depende pelo menos indiretamente de alguns serviços que são disponibilizados apenas em Belém. Considere-se também como uma explicação possível, adicional, é o fato de que no estudo de Seidl de Moura et al (2008, no prelo), as mães de Belém, assim como as de Salvador, tendem a sustentar metas de socialização que tendem para um modelo que literatura tem chamado de autônomo-relacional.

Diversos estudos publicados na literatura internacional (Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez, 1999; Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Harwood, Lamb & Schöelmerich, 2002 e Citlak, Leyerdecker, Schöelmerich, Driessen & Harwood, 2008) relataram a SGI (Socialization Goals Interview) para identificar as metas de socialização de diferentes populações, como mães latino-americanas e turcas migrantes para os EUA, bem como mães latino-americanas em seus países, e compará-las com metas de mães Anglo-americanas. Os resultados de estudos têm indicado que as mães Anglo-americanas tendem a apresentar metas voltadas a automaximização, indicando uma inclinação para um padrão individualista/independente, enquanto as mães de outras populações, principalmente latino-

americanas, tendem a sustentar metas voltadas para bom comportamento e expectativas sociais, demonstrando inclinação para um padrão mais interdependência/sociocentrismo.

Comparando os resultados encontrados neste estudo com dados de outras pesquisas realizadas com amostras brasileiras encontra-se muita proximidade entre os dados relatados. Ruela (2006) investigou as metas de socialização em mães e avós de Ribeirão de São Joaquim, e verificou que mães deram mais ênfase a Auto-aperfeiçoamento/Automaximização, seguida de “expectativas sociais” e “bom comportamento”, e que avós deram mais ênfase as metas de Bom comportamento e expectativas sociais seguidas de “Auto-aperfeiçoamento/Automaximização”, quando consideradas como categorias separadas. Entretanto quando se agrupam os valores das categorias do modo feito por Harwood e cols (1999), nota-se a tendência para uma maior ênfase para as metas de bom comportamento/expectativas sociais em comparação com as de “automaximização/autocontrole”, tanto no grupo de mães quanto no de avós, a autora não identificou a existência de diferenças significativas entre os escores do grupo de mães e do grupo de avós no que se refere as categorias de metas.

Os resultados do estudo de Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al (2008, no prelo), indicaram que as mães das sete cidades brasileiras apresentaram padrões de respostas diferentes em relação a *Automaximização* e *Bom Comportamento*, mas foram semelhantes em *Emotividade* e *Expectativas Sociais*. Na categoria *Automaximização* as mães do Rio de Janeiro apresentaram um número de respostas significativamente superior a das mães de Campo Grande, Florianópolis e Porto Alegre. Na categoria *Expectativas Sociais*, por outro lado, as mães do Rio de Janeiro forneceram significativamente menos respostas do que as mães de Belém, Campo Grande, Florianópolis e João Pessoa. As mães de Porto Alegre e Salvador não se diferenciaram em relação ao número médio de respostas fornecidas a essa categoria.

Os autores verificaram que as mães da amostra brasileiras tendem a apresentar um padrão heterogêneo de metas, diferenciando-se dos outros grupos latino-americanos, dos estudos anteriores (Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez, 1999; Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Harwood, Lamb & Schöelmerich, 2002) que tendem a apresentar uma inclinação em direção ao modelo sociocêntrico, por meio da ênfase mais para metas de bom comportamento.

A distribuição das metas das mães das sete cidades se apresenta do seguinte modo: (1) as mães do Rio de Janeiro e João Pessoa apresentaram um padrão semelhante, valorizando em primeiro lugar as metas de *Automaximização* e em segundo as de *Bom Comportamento*, o que pode ser considerada como uma inclinação na direção do modelo individualista; (2) as mães de Campo Grande, Florianópolis e Porto Alegre, valorizaram em primeiro lugar *Bom Comportamento* e em segundo *Automaximização*, indicando uma inclinação para o modelo sociocêntrico; e (3) as mães de Belém e Salvador, se aproximaram mais da amostra nacional como um todo ao darem ênfase muito próxima a as duas categorias de metas, o que indica uma inclinação na direção de um modelo autônomo relacional. A categoria *Expectativas Sociais*, foi a terceira na preferência das mães de todas as cidades, com a menor frequência entre as mães do Rio de Janeiro, já *Emotividade* apareceu em aproximadamente 10% das respostas das mães da maioria das cidades.

Os dados do presente estudo, quando se considera cada categoria isoladamente, dão a impressão de que contradizem os resultados de Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al (2008, no prelo), entretanto quando se considerando as categorias agrupadas (*automaximização+autocontrole e expectativas sociais+bom comportamento*) como foi feito por Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez (1999), verifica-se a ausência de diferenças significativas ($t_{(2)} = t = 0,25, p > 0,05$) na ênfase sobre o agrupamento das categorias relacionadas aos modelos ou padrões culturais amplos. Desse

modo pode-se afirmar que os resultados encontrados no presente estudo corroboram os relatos do estudo nacional mais expressivo acerca das cognições parentais, especificamente em relação as mães de Belém e da RMB.

No que a ênfase sobre as duas dimensões amplas de metas entre as mães dos dois contextos a seguir são apresentados os dados referentes a somatória das metas, as médias, desvios padrões bem como os resultados das comparações entre as médias.

Quadro 13: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados das comparações entre as médias das dimensões das metas de socialização das mães dos dois contextos.

Dimensões	Metas de Socialização							t
	Belém			Sta. Bárbara				
	Σ	M	DP	Σ	M	DP		
Individualista	155	3,10	2,62	66	1,32	1,32	4,29***	
Sociocêntrica	170	3,40	2,11	82	1,64	1,91	5,14***	

n=50, gl=98, *** $p < 0,001$

Observa-se no quadro acima que tanto as mães de Belém como as de Santa Bárbara apresentaram escores mais elevados dentro da dimensão sociocêntrica (Belém 170 metas, M= 3,40 e Santa Bárbara 82 metas M= 1,64) do que na dimensão individualista (Belém 155 metas, M= 3,10 e Santa Bárbara 66 metas M= 1,32), embora, como descrito anteriormente, estas diferenças não sejam significativas. Por outro lado nota-se a que as mães de Belém apresentaram escores significativamente superiores aos da mães de Santa Bárbara tanto na dimensão individualista ($t_{(98)} = 4,29, p < 0,001$), quanto na dimensão sociocêntrica ($t_{(98)} = 4,14, p = 0,001$). A explicação para a maior frequência de metas das mães de Belém, em comparação com as de Santa Bárbara, está relacionada as diferenças no nível de escolaridade materna que se correlaciona de modo significativo com a fluência verbal.

Com finalidade de verificar o impacto das variáveis sociodemográficas sobre cada categoria isoladamente foram realizados testes de correlação (r). Os resultados dos testes estão apresentados no quadro 14.

Quadro 14: Correlação entre as variáveis sociodemográficas das mães dos dois contextos e as categorias de metas.

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Idade da Mãe	1,00							
2. Escolaridade da Mãe	,53**	1,00						
3. Idade da Criança	,16	-,07	1,00					
4. Automaximização	,06	,16	-,14	1,00				
5. Autocontrole	,00	,01	,06	,15	1,00			
6. Emotividade	,07	,14	-,01	,11	,06	1,00		
7. Expectativas Sociais	,02	,26**	-,10	,19	-,09	,17	1,00	
8. Bom Comportamento	,15	,08	,07	-,28**	-,03	-,08	-,08	1,00

** $p < 0,01$

Nota-se no quadro acima que os testes indicaram correlação positiva extremamente significativa da escolaridade materna com as metas de expectativas sociais, indicando que quanto maior a escolaridade materna mais as mães tendem a enfatizar este tipo de meta. Nota-se também uma correlação negativa extremamente significativa entre as categorias de automaximização e bom comportamento, indicando que ambos constituem características opostas, pois medida que uma cresce em frequência a outra tende a decrescer.

Com o objetivo de apresentar uma descrição mais detalhada das metas de socialização das mães da amostra estudada as categorias de metas “Auto-perfeioamento/Automaximização”, “Emotividade”, “Expectativas Sociais” e “Bom Comportamento” foram decompostas em algumas subcategorias, de acordo com Citlak, Leyerdecker, Schöelmerich, Driessen e Harwood (2008). O quadro 15 apresenta os dados referentes a cada subcategoria.

Quadro 15: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados de teste t para as subcategorias de Metas nos dois contextos.

Subcategorias	Belém		Sta. Bárbara			t	
	Σ	DP	Σ	M	DP		
Bem-estar emocional e físico	33	0,66	0,92	6	0,12	0,48	3,69***
Potencial pessoal e econômico	104	2,08	1,94	53	1,06	1,17	3,19**
Independência psicológica	10	0,20	0,45	2	0,04	0,20	2,29*
Calor emocional em geral	27	0,54	0,86	8	0,16	0,65	2,49*
Relações próximas com a família	2	0,04	0,28	0	0,00	0,00	1,00

(Continua)

(Continuação do quadro 16)

Subcategorias	Belém		Sta. Bárbara			t	
	Σ	DP	Σ	M	DP		
Evitar comportamento ilícito	17	0,34	0,98	9	0,18	0,44	1,05
Integridade Pessoal e Valores Religiosos	95	1,90	1,69	20	0,40	0,67	5,82***
Respeitador/Bem educado	54	1,08	1,18	50	1,00	0,90	0,38
Obrigações relacionadas a papéis de família	4	0,08	0,34	3	0,06	0,24	0,34

n=50, gl=98, * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$.

Como pode ser observado no quadro, as mães dos dois contextos apresentaram maiores médias (igual ou superior a um) nas subcategorias relacionadas ao *potencial pessoal e econômico* e aos comportamentos *respeitador/educado*, sendo que em ambas as mães de Belém apresentaram escores médios maiores que os das mães de Santa Bárbara. Observa-se também entre estas duas subcategorias as mães dos dois contextos se diferenciaram significativamente apenas nos escores de *potencial pessoal e econômico* ($t_{(98)} = 3,69$, $p < 0,001$), indicando que as mães de Belém dão mais ênfase sobre as características relacionadas a esta subcategoria do que as mães de Santa Bárbara e que as mães dos dois contextos enfatizam de modo semelhante as metas relacionadas a comportamentos *respeitador/educado* para as crianças.

Nas demais subcategorias em que foram identificadas diferenças significativas entre os escores das mães apenas em *integridade pessoal e valores religiosos*, e somente para as mães de Belém foi verificado escore superior a um, nesta subcategoria o escore das mães de Santa Bárbara foi 0,40. O resultado da comparação entre as duas médias, $t_{(98)} = 5,82$, $p < 0,001$, indica que as mães de Belém deram ênfase significativamente maior sobre esta subcategoria de metas do que as mães Santa Bárbara. Também houve diferenças significativas entre os escores das mães dos dois contextos nas subcategorias “bem-estar emocional e físico”, $t_{(98)} = 3,69$, $p < 0,001$, e “calor emocional em geral”, $t_{(98)} = 5,82$, $p < 0,001$, nos dois casos as médias das mães de Belém foram superiores as médias das mães de Santa Bárbara.

Os resultados do estudo de Citlak, Leyendecker, Schöelmerich, Driessen e Harwood (2008), indicaram que as mães alemãs foram mais prováveis de (a) usar as subcategorias

sentir-se bem consigo mesmo e independência psicológica do que as mães turcas migrantes das duas gerações; (b) usar subcategoria *abertura para os outros* do que as turcas de primeira geração; (c) mais prováveis de usar a subcategoria *respeitador* do que as mães turcas migrantes de segunda geração e menos prováveis do que as mães turcas de primeira geração.

Comparando os dados dos dois estudos poderia se considerar que as mães de Belém se assemelham as participantes do estudo de Citlak, Leyendecker, Schöelmerich, Driessen e Harwood (2008), mais do que as mães de Santa Bárbara em pelo menos três aspectos, como segue: (1) com as mães alemãs e turcas de segunda geração na tendência para dar mais ênfase em subcategorias de metas relacionadas ao *bem-estar emocional e físico, a independência psicológica e integridade pessoal e valores religiosos*; (2) com as duas gerações de mães turcas em relação à ênfase sobre metas de *obrigações relacionadas a papéis familiares*; e (3) com as mães de primeira geração turca na ênfase sobre metas de comportamento respeitador.

Pode-se portanto afirmar que os resultados até aqui apresentados corroboram, pelo menos em parte, os relatos da literatura sobre crenças parentais. Considerando que esta literatura tem indicado que as crenças parentais, influenciadas pelas variáveis do contexto sócio-cultural, exercem influências sobre o modo como os pais lidam com suas crianças, também foram realizadas análises acerca das estratégias de socialização consideradas relevantes para que as crianças atinjam as metas. Os resultados destas análises estão apresentados na próxima sessão.

Estratégias de Socialização

Das respostas das mães a segunda pergunta do Questionário de Metas de Harwood, e cols. (1999), foram feitos recortes de extratos de falas que foram classificados como estratégias de socialização. O quadro 16 apresenta os referentes à frequência de estratégias identificadas nas falas das mães dos dois contextos.

Quadro 16: Somatórias, médias, desvios padrões e resultados da comparação entre as médias de estratégias das mães dos dois contextos.

Estratégias de Socialização				
Contexto	Σ	M	DP	t
Belém	162	3,24	2,05	3,87***
Santa Bárbara	99	1,98	1,06	
Total	261	2,61	1,74	

n=50, gl= 98, *** $p < 0,001$

Foram identificadas 261 estratégias de socialização. A maior frequência foi apresentada pelas mães de Belém, 162 estratégias $M= 3,24$, enquanto as mães de Santa Bárbara apresentaram 99 estratégias, $M= 1,98$. Os resultados do teste $t_{(98)}= 3,87$, $p < 0,001$, sugerem que esta diferença é extremamente significativa. Considera-se que esta diferença significativa entre a frequência de estratégias relatadas pelas mães dos dois contextos também está relacionada a variável 'escolaridade' que, conforme demonstrado anteriormente, tem forte efeito sobre a fluência verbal das mães.

As 261 estratégias de socialização foram classificadas em três categorias. O quadro 17 apresenta a frequência de cada categoria de estratégias nos dois contextos.

Quadro 17: Somatórias, médias, desvios padrões, valores de t e níveis significância de estratégias de socialização das mães dos dois contextos.

Categorias	Estratégias de Socialização						t
	Belém			Sta. Bárbara			
	Σ	M	DP	Σ	M	DP	
Centrada em si (na mãe)	33	0,66	1,17	20	0,40	0,76	1,32
Centrada no Contexto	111	2,22	1,62	55	1,10	1,20	3,93***
Centrada nas Habilidades da Criança	18	0,36	1,10	24	0,48	0,86	-0,61

n=50, gl= 98, *** $p < 0,001$

Nota-se no quadro acima, que a categoria de estratégia que obteve maiores escores tanto em Belém, 111 estratégias (M= 2,22), quanto em Santa Bárbara 55 estratégias (M= 1,10), foi “centrada no contexto”, seguida da categoria “centrada em si (na mãe)”, com 33 estratégias das mães de Belém (M= 0,66) e de 20 das estratégias das mães de Santa Bárbara (M= 0,40), e por último as estratégias “Centrada nas Habilidades da Criança”, com 18 estratégias entre as mães de Belém (M= 0,36) e 24 estratégias entre as mães de Santa Bárbara (M= 0,48). Apenas na categoria “Centrada nas Habilidades da Criança” os escores das mães de Santa Bárbara foram maiores que os das mães de Belém, entretanto os resultados da comparação entre as duas médias, $t(98) = -0,606$, $p = 0,546$, indicam ausência de significância na diferença entre as duas médias. Os resultados de $t(98) = 3,93$, $p < 0,001$ indicaram a existência de diferença significativa nos escores das mães das duas amostras apenas nas estratégias centradas no contexto.

O estudo de Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez (1999), utilizou pergunta e categorização diferentes das que foram empregadas no presente estudo na investigação das estratégias de criação. Os resultados deste estudo indicam que as mães anglo-americanas deram um número de respostas significativamente maior do que as mães porto-riquenhas e que as respostas das mães anglo-americanas foram adequadas à classificação nas categorias ‘modelar o comportamento desejado’ e ‘prover oportunidade para que a criança desenvolva a qualidade por si mesma’, enquanto as respostas das mães porto-riquenhas foram mais adequadas a categoria ‘instrução direta dos pais’. Nas demais categorias não foram identificadas diferenças significativas.

O estudo de Ruela (2006), por outro lado, utilizou a mesma pergunta, uma codificação com uma categoria a menos que a adotada no presente estudo. Neste caso foram identificadas 101 estratégias de socialização, sendo 85 classificadas como *centradas em si* (34

das mães e 51 das avós), e 16 codificadas como *centradas no contexto* (11 das mães e cinco das avós). Embora as duas amostras de Ruela (2006) tenham demonstrado tendência geral para descrição de estratégias centradas em si, com as avós se destacando no uso desta categoria e as mães se destacando no uso da categoria centrada no contexto, os resultados do *t* de *Student* revelaram ausência de diferenças significativas entre os dois grupos.

Comparando os dados do presente estudo com de Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez (1999), é possível verificar, que apesar dos dois estudos utilizarem codificações diferentes, ambos apontam para o fato de que mães de contextos diversos tendem a dar ênfase a diferentes padrões de estratégias de criação/socialização. Considerando estes resultados foram aplicados testes de correlação, utilizando os escores das mães de Belém e Santa Bárbara, com o objetivo de verificar possíveis relações entre as categorias de estratégias utilizadas no presente estudo com os modelos de crenças sobre práticas de Suizzo (2002), e com as categorias de metas de Harwood et al. (1999). Os resultados dos testes são apresentados a seguir.

Crenças vs. Metas vs. Estratégias

Os dados referentes as correlações entre as dimensões de crenças sobre práticas, categorias de metas e de estratégias de socialização estão apresentados no quadro 18.

Quadro 18: Correlações entre crenças sobre práticas e metas e estratégias de socialização das mães dos dois contextos.

	E+	AP	AA	C	EM	ES	BC	CM	CC	CH
E+										
AP	,53***	1,00								
AA	,14	,11	1,00							
AC	-,14	,05	,15	1,00						
EM	,12	,17	,11	,06	1,00					
ES	,22*	,29**	,19	-,09	,17	1,00				
BC	,07	-,09	-,28*	-,03	-,08	-,08	1,00			
CM	-,10	,08	,06	,17	,01	-,04	,02	1,00		
CC	,24*	,22*	,40***	,04	,43***	,35***	,03	-,29**	1,00	
CH	-,11	-,15	,21*	,16	-,09	,02	,04	-,04	-,10	1,00

n=50, 98, * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$.

Nota: Dimensões - E+ = Estimulação e AP = Apresentação; Metas - AA = Autoaperfeiçoamento/Automaximização, AC = Autocontrole, EM = Emotividade, ES = Expectativas Sociais e BC = Bom Comportamento; Estratégias - CM = Centradas na Mãe (em si), CC = Centras no Contexto e CH = Centrada nas Habilidades de Criança.

Pode-se notar no quadro acima que houve correlações significativas entre diversas categorias das variáveis em questão. Primeiramente destaca-se a correlação negativa entre as duas categorias de estratégias *centradas no contexto* e *centradas em si* ($r = -0,29$, $p < 0,01$) que indica que ambas podem ser caracterizadas como categorias opostas. A categoria de estratégia se correlacionou positivamente com as dimensões *estimulação* ($r = 0,24$, $p < 0,05$) e *apresentação* ($r = 0,22$, $p < 0,05$) e com as categorias de metas de *automaximização* ($r = 0,40$, $p < 0,001$) e de *emotividade* ($r = 0,43$, $p < 0,001$). A categoria de estratégias *centrada nas habilidades de criança* também se correlacionou positivamente com a categoria de metas de *automaximização*.

Estes resultados sugerem que as mães que dão maior importância para práticas relacionadas a estimulação da criança e a apresentação apropriada da criança em público, assim como as que tem metas voltadas para automaximização e emotividade apresentam

maior tendência para o uso de estratégias centradas no contexto. Indicam também que as mães que estabelecem metas de automaximização também podem tender a utilização de estratégias centradas nas habilidades da criança. Pode-se concluir também que estes dados apontam para a possível utilidade das categorias de estratégias utilizadas na presente estudo para a aplicação na investigação da relação das cognições parentais relacionadas aos comportamentos paternos considerados adequados para o cuidado e educação dos filhos.

Considerações Finais

O presente estudo se propôs a estudar cognições parentais de mães primíparas de dois contextos diferentes, seguindo pistas da literatura que tem indicado que as variáveis sócio-culturais têm influências sobre as cognições parentais e que estas últimas podem orientar os comportamentos de parentagem o que, por sua vez, pode produzir diferentes efeitos em termos do desenvolvimento infantil. A partir dos resultados encontrados serão tecidas algumas considerações relacionando-as com os objetivos e hipóteses propostos, com os dados da literatura e discutindo algumas possibilidades e limitações dos mesmos. Também são apresentadas considerações acerca da necessidade de estudos posteriores como tentativa de ampliar os resultados obtidos.

Considera-se, primeiramente, que tanto o objetivo geral como os objetivos específicos propostos para o estudo foram alcançados, pelo menos em parte, visto que foram identificadas as práticas mais valorizadas e as menos valorizadas, bem como as metas e estratégias de socialização das mães dos dois contextos e as relações entre estas três variáveis. Também foram descritas as principais variáveis sociodemográficas das participantes do estudo, estabelecendo-se comparação entre as duas amostras e buscando encontrar as relações destas variáveis com as crenças e com as metas e estratégias de socialização.

No que se refere as hipóteses levantadas para o estudo pode-se verificar que algumas foram confirmadas. Foi hipotetizado que as mães de Belém, pelo fato de residirem em um contexto no qual está disponível uma maior rede de serviços, em especial na área da educação, apresentariam nível de escolaridade maior do que o das mães de Santa Bárbara, e os resultados do teste t para medidas independentes confirmou a tendência das mães de Belém para apresentarem escolaridade mais elevada. Seguindo os relatos da literatura que indicam que a escolaridade interfere na fluência verbal e na avaliação que as mães fazem sobre suas crianças, além de ser um importante preditor das crenças maternas acerca das crianças foram

levantadas as hipóteses de que as mães de Belém, em comparação as de Santa Bárbara, apresentariam maiores escores na avaliação das práticas de cuidado e apresentariam maior número de respostas codificáveis como metas e como estratégias de socialização. Neste caso os resultados do teste *t* também confirmaram a tendência hipotetizada das mães de Belém para apresentarem maiores escores.

Também foram levantadas as hipóteses de que as mães de Belém apresentariam uma maior tendência a valorização das práticas relacionadas a estimulação e a apresentação e menor tendência para a valorização das práticas dirigidas a responsividade e disciplina, maiores escores médios relacionados as metas de automaximização e autocontrole e menores escores relacionados as metas de bom comportamento e expectativas sociais e maior ênfase nas estratégias centradas no contexto e nas habilidades da criança e menor ênfase em estratégias centradas em si. As hipóteses relacionadas a valorização das dimensões confirmaram-se apenas em relação a maior valorização pelas mães de Belém das dimensões de “estimulação” e “apresentação” e menor valorização da dimensão de “responsividade”. A hipótese de que as mães de Belém tenderiam a apresentar baixos escores de valorização para a dimensão “disciplina” não se confirmou, visto o que o resultado do teste *t* indicou ausência de diferenças significativas entre as duas amostras em relação a esta dimensão.

As hipóteses relacionadas às metas de socialização se confirmaram apenas em relação ao fato das mães de Belém apresentarem maiores escores médios nas metas de “automaximização”. Na categoria “autocontrole” as mães não foram encontradas diferenças significativas entre as duas amostras. Nas categorias de “expectativas sociais” e “bom comportamento” os resultados foram inversos aos esperados, em ambas as categorias as mães de Belém apresentaram escores maiores do que os das mães de Santa Bárbara, sendo que houve diferença significativa apenas na categoria “expectativas sociais”.

Das hipóteses relacionadas as estratégias de socialização foi confirmada apenas a que propunha que as mães de Belém apresentariam maiores escores para as estratégias centradas no contexto. Nas outras duas categorias de estratégias os resultados encontrados, embora não apresentem diferenças significativas, foram inversos aos propostos pelas hipóteses, vista que as mães de Belém, comparadas as de Santa Bárbara, apresentaram maiores escores na categoria “centradas em si” e menores escores na categoria “centrada nas habilidades da criança”.

Das hipóteses referentes a correlação das categorias de estratégias com as dimensões de crenças e com as categorias de metas foram confirmadas apenas as que previam que a categoria de estratégias “centradas no contexto” apresentam relação positiva com a dimensão “estimulação” e com as metas de “automaximização” e a de que a categoria de estratégia “centrada na habilidades da criança” se relaciona positivamente com as metas de “automaximização”. As hipóteses que previam relações das estratégias “centradas nas habilidades da criança” com a dimensão “estimulação” e das estratégias “centradas em si” com as metas de “bom comportamento” tiveram de ser descartadas após os testes de correlação (r).

Outro aspecto a ser considerado refere-se a relação dos resultados encontradas com os relatos da literatura. Diversos estudos tem demonstrado a importância do contexto sócio-cultural e das variáveis sociodemográficas, em especial a escolaridade, como preditores de crenças parentais, e dentre estes se destacam os estudos internacionais (Harwood, Schoelmeirch, Schulze e Gonzalez, 1999; Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Harwood, Lamb & Schöelmerich, 2002; Citlak, Leyerdecker, Schöelmerich, Driessen & Harwood, 2008; Suizzo, 2002) e nacionais (Seidl, Bastos, Ribas, Vieira, Piccinini e Magalhães, 2003; Seidl, Bastos, Ribas, Vieira, Piccinini e Magalhães 2004; Ruela 2006; 2007; Vieira, Seidl de Moura, Lordelo, Piccinini, Magalhães et al, 2007; Lordelo, Seidl de Moura, Vieira, Piccinini,

Magalhães, Pontes, et al, 2007; Seidl de Moura, Vieira, Lordelo, Piccinini, Magalhães et al, 2007; Seidl de Moura, Lordelo, Rimoli, Magalhães, Pontes, Piccinnini et al., 2008, no prelo) que utilizaram os mesmos instrumentos que foram empregados na presente investigação.

Os estudos internacionais têm demonstrado padrões de valorização de práticas e de metas que distinguem país com alto padrão de desenvolvimento socioeconômico e grandes centros urbanos de outros países ainda em vias de desenvolvimento e contextos que não se caracterizam como centros urbanos. Os estudos nacionais indicam que a população brasileira apresenta-se diferente de outras populações latino-americanas e que é bastante heterogênea em relação a diversos aspectos e principalmente em relação aos padrões de metas de socialização enfatizadas, assumindo um padrão geral voltado para a valorização simultânea de aspectos de independência e interdependência.

Os resultados do presente estudo vêm se somar aos dados da literatura nacional como uma contribuição para a caracterização sociodemográfica das mães brasileiras e para a compreensão de suas crenças acerca de práticas de parentagem, bem como de suas metas e estratégias de socialização. Os dados aqui apresentados também contribuem para a ampliação das amostras estudadas para além das populações de contextos urbanos, visto que foram incluídas na amostra mães de um contexto com características não-urbanas. Somam-se também aos dados da literatura de um modo geral reforçando relevância do contexto e da escolaridade como importantes preditores de padrões de crenças e metas de socialização. O presente estudo contribui, ainda com a literatura da área de cognições parentais ao propor as categorias de estratégias de socialização como variáveis que podem estar associadas aos modelos amplos de cuidado parental, de independência, interdependências ou ainda autônomo-relacional.

Um terceiro aspecto a se considerar em relação aos resultados do presente estudo refere-se as possibilidades de utilização das informações levantadas em áreas aplicadas.

Dados relacionados a crenças sobre a importância de práticas maternas no cuidado com crianças e sobre metas e estratégias de socialização podem ser de grande utilidade para profissionais que atuam em diversas áreas, como por exemplo saúde e educação. Considera-se que os resultados as informações provenientes da investigação que ora se descreve, em conjunto com as de outros estudos, poderiam ser reunidos para formulação de manuais para serem utilizados em postos de saúde e unidades de educação infantil por profissionais que lidam diretamente com as crianças (como pediatras, psicólogos e professores entre outros) bem como na elaboração para programas educativos voltados para a orientação de mães de crianças pequenas.

Entretanto destaca-se o caráter básico do estudo e as limitações para a generalização dos resultados, considerando que o mesmo investigou uma amostra relativamente pequena proveniente de apenas dois contextos. Neste ponto evidencia-se a necessidade de realização de mais estudos semelhantes que ampliem o tamanho da amostra nos dois contextos estudados, e que investiguem populações provenientes de outros contextos ou com outras características peculiares, como comunidades ribeirinhas, remanescentes de quilombos, mães de crianças institucionalizadas, mães encarceradas, mães adotivas ou ainda de pais de diversos contextos.

Vale ressaltar que os dois instrumentos utilizados para coleta de dados mostraram-se sensíveis para medir as crenças das mães que fizeram parte da amostra do estudo, entretanto ambos são de origem estrangeira, um norte-americano e o outro europeu, e com categorias de respostas predefinidas, com base nas crenças maternas de populações com características específicas. Por essa razão esses instrumentos poderiam não ser adequadas para o estudo com populações brasileiras de outros contextos como as comunidades ribeirinhas e remanescentes de quilombos ou comunidades indígenas. Considera-se oportuno sinalizar que o desenvolvimento de instrumentos nacionais que possibilitem o estudo destas populações seria

de valia como contribuição para a compreensão das crenças das mães brasileiras com suas características multi-étnicas.

Outro aspecto que merece atenção refere-se aos diferentes tipos de análises possíveis dos dados aqui relatados. Uma possibilidade seria utilizar o *software* chamado ALCESTE (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto), para analisar as falas das mães do mesmo modo que foi feito por Vieira, Seidl de Moura, Lordelo, Piccinini, Magalhães et al (2007). Também poderia ser usado o procedimento adotado por Lordelo, Seidl de Moura, Vieira, Piccinini, Magalhães, Pontes, et al (2007), que analisaram as falas das mães por meio de um programa chamado EVOC (Analyse d'évocations), que organiza o material textual em quatro quadrantes, de acordo com a ordem de evocação e frequência das unidades de texto. Esses métodos mostraram-se eficientes para avaliação de crenças maternas e os resultados obtidos contribuíram para ampliar a compreensão acerca desse fenômeno, apoiando tendências apontadas na literatura.

Acredita-se que a partir da identificação e compreensão das variáveis que influenciam as crenças parentais em diversos contextos, bem como dos efeitos que estas exercem sobre os comportamentos de parentagem e dos efeitos deste sobre o desenvolvimento infantil, será possível prever e planejar melhor as contingências educacionais tanto em âmbito formal como em âmbito familiar de modo a favorecer uma melhoria na quantidade e qualidade do desenvolvimento das crianças nos sentidos físico, emocional, psicológico, pessoal e futuro profissional.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P. & Piccinnini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e crítica*, 14(3), pp. 449-460.
- Àries, P. (1973). *História Social da Infância e da família*. (D. Flaksman, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.
- Baker, L.; Mackler, K.; Sonnenschein, S. & Serpell, R. (2001). Parents' interaction with their First-Grade Children during Storybook reading and relations with subsequent home activity and Reading achievement. *Journal of School Psychology*, vol. 39, n.5, 415-438.
- Calado, A. S. C. & Santos, S. M. M. (2003). Fim da Dicotomia Rural-Urbano? Um olhar sobre os processos socioespaciais. *São Paulo em Perspectiva*, 17(3-4): 115-124, 2003.
- Citlak, B.; Leyerdecker, B.; Schöelmerich, A.; Driessen, R. & Horwood, R. (2008). Socialization goals among first- and second-generation migrant Turkish and German mothers. *International Journal of Behavioral Development*. 2008; 32;56.
- Edwards, C. P.; Gandini, L. e Giovaninni, D. (1996). The contrasting developmental timetables of parents and preschool teachers in two cultural communities. In: S. Harkness & C.M. Super (orgs.). *Parents' cultural belief systems*. (pp. 270-288). New York: The Guilford Press.
- Garcia, C.; Plá, J.; Mecking, R.; Bosenbecker, V. & Melo, K. (s/d) A Ruralidade X Urbanidade. Recuperado em 11/05/2007, de <http://static.scribd.com/docs/fa5ro4p355v0d.pdf>

- Goodnow, J. J. (1988). Parents' ideas, actions, and feelings: models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 59, 286-320.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1996). Parent's cultural beliefs systems: their origins, expressions e consequences. Introduction (pp. 1-23). The Guilford Press: New York.
- Harkness, S. & Super, C. M. (1999). The Developmental Niche: a conceptualization at the interface of child and culture. *International Journal of Development*, 9, 545-569.
- Harwood, R.; Schoelmerich, A.; Ventura-Cook, E. Schulze, P. A. & Wilson, S. P. (1996). Culture and Class Influence on Anglo and Porto Rican Mothers' Beliefs Regarding Long-Term Socialization Goals and Child Behavior. 1996, 67, 2446-2461.
- Harwood, R. L.; Schoelmeirch, A.; Schulze, P. A. e Gonzalez, Z. (1999). Cultural differences in Maternal Beliefs e Behaviors: A study of Middle-Class Anglo Puerto Rican Mother-Infant Pairs in four everyday situations. *Child Development*, 70, (4) - 1005-1016.
- Hays, J.; Power, T. G. & Olvera (2001). Effects of maternal socialization strategies on children's nutrition knowledge and behavior. *Applied Developmental Psychology*, 22, 421-437.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: cidades. Recuperado em 28/09/2007, de <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>

- Keller, H. (1998). Diferentes caminhos de socialização até a adolescência. *Revista Brasileira de Crescimento e desenvolvimento Humano*, 8, 1-14.
- Keller, H. (2007). *Culture of Infancy*. Mahwah, New Jersey. London. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Korat, O. & Lewin, I. (2001). Maternal beliefs, mother-child interaction, and child's literacy: Comparison of independent and collaborative text writing between two social groups. *Applied Developmental Psychology*, 22, 397-420.
- Krepner, K. & Planck, M. (2000). The Child and The Family: Interdependence in developmental Pathways. *Teoria e Pesquisa*, 16, 1-25.
- Leyerdecker, B. Lamb, M. E. Harwood, R. L. & Sholmerich, A. (2002). Mother's socialization goals and evaluation of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 248-258.
- Le Vine, A. R.; Miller, P. M.; Richman, A. L. & Le Vine, S. (1996). Education and Mother-infant interaction: A Mexican Case Study. In: S. Harkness & C.M. Super (orgs.). *Parents' cultural belief systems*. (pp. 254-269). New York: The Guilford Press.
- Lordelo, E.; Fonseca, A. e Araújo, M. L.V.B. (2000). Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 13, 73-80.

- Lordelo, E.; Seidl de Moura, M. L.; Vieira, M.; Piccinini, C. A.; Magalhães, C. M. C.; Pontes, F. A. R. e Mochizuki (2007). Metas de Socialização em sete capitais brasileiras: Análise da ordem de evocação e frequência de descritores. Anais do V Congresso Norte Nordeste de Psicologia. p. 746. Recuperado em 13/01/2008, de <http://www.conpsi5.ufba.br>
- Martin, C. A. & Johnson, J. E. (1992). Children's self-perceptions and mother's beliefs about development and competencies. In: I. E. Siegal; A. V. McGillicuddy-DeLise & J. J. Goodnow (org.). Parental belief systems (pp. 95-113). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Matos, R.; Sathler, D.; Umbelino G. (2004). Urbano influente e rural não agrícola em Minas Gerais. Anais do XI Seminário sobre a Economia Mineira.
- McGillicudd-DeLisi, A. V., & Sigel, I. E. (1995). Parental Beliefs. In M. N. Bornstein (Ed.), Handbook of parenting, Vol. 3: Status and social conditions of parenting (pp. 333 – 358). Hillsdale, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates.
- Melo, C. (1996). Crenças maternas sobre desenvolvimento e educação de crianças em contexto de baixa renda. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília.
- Miller, S. A. (1988). Parent's beliefs about children's cognitive development. Child Development, 59, 259-285.
- Miller, A. M. & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants' network among middle class Anglo and Puerto-Rican mothers. International Journal of Behavioral Development, 23, 450-457.

- Palácios, J. e Moreno, M. C. (1996). Parentnt' and adolescent's ideas on children: origins and transmission of intracultural diversity. In: S. Harkness & C.M. Super (orgs.). Parents' cultural belief systems. (pp. 254-269). New York: The Guiford Press.
- Reis, D. S. (2006). O Rural e Urbano no Brasil. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú-MG Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006.
- Ribas, R. C. (2002). Cognições de mães brasileiras acerca da paternidade e do desenvolvimento humano: Uma contribuição ao estudo da psicologia parental. Projeto de Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Rokeach, M. (1968). Beliefs, attitudes and values. San Francisco: Jossey-Bass.
- Rokeach, M.(1973). The nature of human values. New York: Free Press.
- Ruela, S. F. (2006) Um Estudo Intergeracional de Crenças Valorizadas por Mães em uma Comunidade Rural do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Seidl, M. L. M.; Bastos, A. C.S.; Ribas, R.C.R.; Vieira, M.; Piccinini, C. A. e Magalhães, C. M. C. (2003). Nicho de desenvolvimento de crianças brasileiras. conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primiparas: influências dos fatores, diferenças

regionais, nível socioeconômico, idade, escolaridade materna, idade e sexo do bebê. III Congresso Norte-Nordeste de Psicologia. João Pessoa.

Seidl de Moura, M. L.; Ribas Jr., R. C.; Piccinini, C. A.; Bastos, A. C. S.; Magalhães, C. M. C.; Vieira, M. L.; Salomão, N. M. R.; Silva, A. M. P. M. e Silva, A. K. (2004). Conhecimento sobre desenvolvimento infantil de mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. *Estudos de Psicologia*. 9(3). pp. 421-429.

Seidl de Moura, M. L.; Vieira, M. L.; Lordelo, E.R.; Piccinini, C.; Magalhães, C. M. C. M. e Pontes, F. A. R. (2007). Metas de socialização de mães de sete cidades brasileiras: uma análise de conteúdo. *Anais do V Congresso Norte Nordeste de Psicologia*. pp. 747-748. Recuperado em 13/01/2008, de <http://www.conpsi5.ufba.br>

Seidl de Moura, Maria Lucia; Bastos, Ana Cecília ; Picinini, Cesar ; Vieira, Mauro ; Salomao, N. M. R. (2008, no prelo) . Brazilian mothers socialization goals: Intracultural differences in seven cities. *International Journal of Behavioral Development*.

Sigel, I. E; McGillicudd-DeLisi, A. V. & Harwood, J. J. (1992). *Parental Belief Systems: the psychological consequences for children* (2nd. ed.). Hilldale: Lawrence Erlbaum Associates.

Siqueira, D.; Osório R. (2001). *O conceito de Rural*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília: Brasília, 2001.

Sorokin, P. A.; Zimmerman, C.C. e Galpin, C. J. (1929) Diferenças Fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: Martins, J. S. Introdução Crítica à Sociologia Rural. São Paulo: Hucitec, 1986.

Suizzo, M. A. (2002). French Parents' cultural models and childrearing beliefs. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 297-37.

Tudge, J.; Hogan, D.; Lee, S.; Tammeveski, M.M.; Kulakova, I. & Putnam, S. (1999). Cultural heterogeneity: Parental values and beliefs and their preschoolers' activities in the United States, South Korean, Russia and Estonia. In A. Goneu (org.), *Children's engagement in the world: Sociocultural perspectives*. (62-96). New York. Cambridge University Press.

Veiga, J. E. (2004). Nem tudo é urbano. *Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, SP, p. 26 - 29.

Vieira, M. L.; Seidl de Moura, M. L.; Martins, G. D. F., Macarini, S. M., Rimoli, A., Magalhães, C. M. C.; Pontes, F.A.P. et al (s/d). Beliefs about practices in a group of Brazilian mother Running head: Parental practices in Brazilian mother. (manuscrito da primeira versão do artigo em preparação para ser submetido).

Vieira, M. L.; Seidl de Moura, M. L.; Lordelo, E. R.; Piccinini, C.; Magalhães, C. M. C.; Pontes, F.A.P. et al (2007). Concepções de mães de sete capitais brasileiras sobre as metas de socialização de seus filhos: análise lexical através do programa informático ALCESTE. *Anais do V Congresso Norte Nordeste de Psicologia*. p. 745. Recuperado em 13/01/2008, de <http://www.conpsi5.ufba.br>

Vinden, P. G. (2001). Parenting attitudes and children's understanding of mind: A comparison of Korean American and Anglo-American families. *Cognitive Development*, 16, 793-809.

ANEXOS

Anexos

Anexo 01: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal do Pará
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da Pesquisa: **Metas de Socialização e Práticas Educativas em Mães Primíparas de Contexto Urbano e Não-Urbano.**

Estou realizando uma pesquisa para saber ‘o que as mães de primeiro filho querem que seus filhos sejam quando crescerem’ e como elas educam seus filhos. Sua participação será uma entrevista que terá duração de aproximadamente 40 minutos. A sua colaboração é muito importante, por isso estou pedindo que você responda algumas perguntas. A entrevista será realizada com base em um inventário composto de 50 itens e duas perguntas constantes do questionário de metas de socialização.

Os resultados desta pesquisa além proporcionar a busca de respostas para perguntas relacionadas a crenças maternas, poderão contribuir também, de maneira significativa, para uma compreensão mais aprofundada do que as mães da cidade e do interior querem que seus filhos sejam quando crescerem e do que elas acreditam que é necessário para realizar esse desejo. Poderão servir também como base para criação de programas de orientação de mães e cuidadoras, bem como ajudar na criação de programas de educação infantil. Esses resultados serão publicados e apresentados em eventos científicos, sendo garantido o mais absoluto sigilo de sua identidade, da identidade de seu/sua filho (a) e de sua família.

A Sra. poderá desistir de participar na pesquisa a qualquer momento, se não quiser mais continuar participando da mesma, com a garantia de que nenhum prejuízo ocorrerá a sua pessoa ou de seu/sua filho (a).

Caso a Sra. tenha quaisquer dúvidas, estarei disponível para fazer os devidos esclarecimentos por meio dos seguintes contatos: Cel.: (91) 9144 03 20 / e-mail: raimundoarao@gmail.com

Raimundo Arão Silva
Psicólogo
Registro no CRP/10: 01647

Declaro que li esse documento, assumindo que entendi com clareza todas as informações aqui registradas. Declaro que espontaneamente aceitei participar como voluntária na pesquisa, cooperando com as informações solicitadas.

Belém, ___/___/_____

Assinatura da mãe-participante

Anexo 02: Questionário de Práticas e Crenças Maternas

Projeto: METAS DE SOCIALIZAÇÃO E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MÃES PRIMIPARAS DE DOIS CONTEXTOS DIFERENTES.

INVENTÁRIO DE PRÁTICAS E CRENÇAS MATERNAS

Cód.: _____

Data: _____

Nome da mãe: _____ Idade: _____

Estado civil: _____

Escolaridade: _____ () Completo () Cursou até ____ ano;

Profissão: _____ Atividade atual: _____

Nome do pai: _____ Idade: _____

Estado civil: _____

Escolaridade: _____ () Completo () Cursou até ____ ano;

Profissão: _____ Atividade atual: _____

Nome da criança: _____ () Menino () Menina; Data de

Nascimento: _____

Leia cada item a seguir e avalie o quanto cada prática pode ser importante escolhendo uma das seguintes respostas:

Não concordo 0	Não é importante 1	É pouco importante 2	É razoavelmente importante 3	É muito importante 4	É extremamente importante 5
--------------------------	------------------------------	--------------------------------	--	--------------------------------	---------------------------------------

Itens	Assinale com um X
1. Estimular a criança a brincar com outras de costumes diferentes	0 1 2 3 4 5
2. Estimular a criança a brincar com outras de diferentes classes sociais.	0 1 2 3 4 5
3. Deixar a criança brincar com outras da mesma idade.	0 1 2 3 4 5
4. Chamar a atenção do bebê para objetos.	0 1 2 3 4 5
5. Estimular a criança a desenvolver suas preferências.	0 1 2 3 4 5
6. Ensinar a criança a dividir seus brinquedos com as outras.	0 1 2 3 4 5
7. Estimular a criança a brincar em grupo de crianças.	0 1 2 3 4 5
8. Estimular a criança a brincar sozinha.	0 1 2 3 4 5
9. Oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).	0 1 2 3 4 5
10. Chamar a atenção do bebê para interagir com as pessoas.	0 1 2 3 4 5
11. Ler histórias para a criança.	0 1 2 3 4 5
12. Conversar bastante com a criança.	0 1 2 3 4 5
13. Dividir entre o pai e a mãe os cuidados com a criança.	0 1 2 3 4 5
14. Fazer com que a criança prove diferentes alimentos.	0 1 2 3 4 5
15. Fazer com que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos.	0 1 2 3 4 5
16. Fazer massagem no bebê.	0 1 2 3 4 5
17. Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca.	0 1 2 3 4 5

18. Não deixar que a criança veja os pais brigando.	0	1	2	3	4	5
19. Trocar a fralda da criança antes de colocá-la para dormir.	0	1	2	3	4	5
20. Colocar a criança para dormir sempre nas mesmas horas.	0	1	2	3	4	5
21. Não demonstrar para a criança quando se está triste.	0	1	2	3	4	5
22. Dar banho na criança todos os dias.	0	1	2	3	4	5
23. Ensinar a criança a cumprimentar e a agradecer.	0	1	2	3	4	5
24. Ensinar a criança a se comportar em público.	0	1	2	3	4	5
25. Preparar sopinhas para o bebê.	0	1	2	3	4	5
26. Intervir para resolver uma discussão ou briga entre a criança e outra da mesma idade.	0	1	2	3	4	5
27. Amamentar o bebê no peito até seis meses.	0	1	2	3	4	5
28. Pegar o bebê no colo logo que ele comece a chorar.	0	1	2	3	4	5
29. Ficar bastante com o bebê no colo.	0	1	2	3	4	5
30. Não viver apenas em função da criança.	0	1	2	3	4	5
31. Estabelecer uma ligação afetiva forte com o bebê.	0	1	2	3	4	5
32. Não deixar que a criança se torne muito dependente da mãe.	0	1	2	3	4	5
33. Ser muito tolerante com a criança.	0	1	2	3	4	5
34. Nunca bater na criança.	0	1	2	3	4	5
35. Nunca gritar com a criança quando estiver com raiva.	0	1	2	3	4	5
36. Deixar o bebê chorar um pouco antes de pegá-lo no colo (se ele não estiver com fome ou doente).	0	1	2	3	4	5
37. Alimentar o bebê quando ele demonstrar que está com fome.	0	1	2	3	4	5
38. Respeitar o ritmo natural do bebê para comer e dormir.	0	1	2	3	4	5
39. Ensinar a criança a não chorar em público.	0	1	2	3	4	5
40. Deixar o bebê com outras pessoas para dar uma saída rápida.	0	1	2	3	4	5
41. Treinar para usar o piquinho o mais cedo possível.	0	1	2	3	4	5
42. Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião especial.	0	1	2	3	4	5
43. Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada.	0	1	2	3	4	5
44. Estimular a criança a brincar com jogos que envolvem competição.	0	1	2	3	4	5
45. Deixar o bebê dormir na cama dos pais.	0	1	2	3	4	5
46. Criar a criança com crenças religiosas.	0	1	2	3	4	5
47. Nunca deixar alguém de fora da família tomar conta do bebê.	0	1	2	3	4	5
48. Utilizar uma voz afetiva para falar com o bebê.	0	1	2	3	4	5
49. Dar chupeta para o bebê.	0	1	2	3	4	5
50. Levar a criança para comer fora de casa. (lanchonetes, restaurantes, casas de parentes e outras pessoas etc.).	0	1	2	3	4	5

Anexo 03: Entrevista de Metas de Socialização

Anexo 04: **Parecer do Comitê de Ética**